

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS — FALE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

POR UMA ABORDAGEM SEMÂNTICA DO PARADOXO: O QUADRADO
ARGUMENTATIVO PARADOXAL

JOÃO HENRIQUE CASARA BORGES

Porto Alegre

2015

JOÃO HENRIQUE CASARA BORGES

POR UMA ABORDAGEM SEMÂNTICA DO PARADOXO: O QUADRADO
ARGUMENTATIVO PARADOXAL

Tese apresentada como requisito
parcial para obtenção do grau de
doutor em Letras pela Pontifícia
Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Orientadora: Dr. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B732 Borges, João Henrique Casara
 Por uma abordagem semântica do paradoxo: o quadrado
 argumentativo paradoxal. – Porto Alegre, 2015.
 112 f.

 Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras,
 PUCRS.

 Orientação: Prof. Dr. Leci Borges Barbisan.

 1. Linguística. 2. Semântica argumentativa. 3. Teoria dos
 Blocos Semânticos. 4. Paradoxo. I. Barbisan, Leci Borges.
 II. Título.

CDD 418.2

Aline M. Debastiani

Bibliotecária - CRB 10/2199

Para meus pais que sempre me
apoiaram incondicionalmente nas
minhas diversas empreitadas

Agradecimentos

Não existe momento mais íntimo do que um agradecimento, tampouco situação mais sincera e abnegada. Os agradecimentos de um trabalho que foi desenvolvido ao longo de praticamente quatro anos não podem ser esquecidos, mesmo que as injustiças dos nomes esquecidos possam acontecer.

Reitero, inicialmente, a dedicatória, e agradeço imensamente a meus pais, Rosa e Pedro, pois sem eles nada teria sido possível. Seus esforços foram ilimitados para que minha vida acadêmica fosse a mais tranquila possível, e em todos os percalços que enfrentei, lá estavam eles para apoiar-me incondicionalmente. Ademais, minha querida tia Leda e minha nona Dorinda, que sempre estiveram ao meu lado, merecem o meu mais profundo agradecimento.

Outra pessoa fundamental para o desenvolvimento do presente trabalho é Gláucia, cuja relação comigo transcende simples palavras, inexistindo nomenclatura capaz de alcançar a milésima fração de meus sentimentos para com ela. Foram muitos momentos em que o caminho desaparecia sob meus pés, ou meus pensamentos não eram mais capazes de resolver as difíceis questões, mas em nenhum deles eu fiquei sozinho, nunca desamparado, pois ela sempre esteve ao meu lado, nas madrugadas frias, sempre com seu sorriso lindo e olhos curiosos e amorosos.

Insubstituível para o desenvolvimento dos meus estudos foi minha querida orientadora Leci. Desde a graduação seus ensinamentos estão presentes em minha vida, acadêmica e pessoal, pois é louvável seu incansável entusiasmo com a nobre tarefa de ensinar. As singelas linhas de agradecimento à Professora Leci, podem ser estendidas a diversos outros professores da Faculdade de Letras, mas busco minimizar possíveis injustiças, por isso o agradecimento aos docentes se concentra na pessoa da Incrível Professora Leci. Além dos professores, a formação acadêmica se completa com a ajuda de todos os envolvidos com a FaLe, desde os funcionários da universidade aos terceirizados. Quanto a estes, meu agradecimento especial à Tati, que sempre, prontamente, colaborou com o bom andamento da minha burocracia acadêmica.

Dezenas de amigos estiveram presentes durante o período acadêmico, selecionar apenas alguns nomes seria a maior das injustiças, por isso agradeço a todos que me aguentaram por longas noites de reclamações, aos que entenderam minha ausência, aos que cobraram minha presença, aos que gargalharam ao meu lado e me questionaram sobre meus estudos, pois foram eles a primeira banca examinadora. E aos novos amigos, que trouxeram novos olhares.

Por fim, mas não menos importantes, agradeço aos meus colegas de trabalho, que apesar de pertencerem a um mundo distante das Letras, sempre compreenderam meus cansaços, ausências e eventuais faltas de bom humor, bem como demonstraram seu apoio, também incondicional. Definidos como colegas de trabalho, mas repito, palavras não são capazes de fazer justiça ao maravilhoso grupo de pessoas que convivo diariamente, e outras que já convivi, neste mesmo contexto.

*Se você vai tentar, vá com tudo
Senão, nem comece..*

Se você vai tentar, vá com tudo

*Isso pode significar perder
namoradas, esposas, parentes,
empregos
e talvez a cabeça.*

Vá com tudo.

*Isso pode significar ficar sem comer
por 3 ou 4 dias
Pode significar passar frio num
banco de praça
Pode significar cadeia, menosprezo,
insultos, isolamento.*

*Isolamento é o presente
todos os outros são um teste da sua
resistência
de quanto você realmente quer
fazer isso.*

E você vai fazer

*Apesar da rejeição e dos piores
infortúnios
E isso será melhor do que qualquer
coisa
que você possa imaginar.*

Se você vai tentar, vá com tudo.

*Não há outro sentimento como
esse.*

*Você ficará sozinho com os deuses
e as noites irão flamejar como fogo.*

Faça, Faça, Faça

*Vá com tudo, por todos os caminhos
Você cavalgará a vida direto até a
gargalhada perfeita
essa é a única boa luta que existe.*

Henry Charles Bukowski Jr

Resumo

A presente tese estuda o paradoxo, do ponto de vista da Teoria dos Blocos Semânticos, observando, fundamentalmente, as relações que ocorrem no quadrado argumentativo. Para isso, estudam-se os conceitos da teoria mencionada, bem como seus fundamentos precursores e as raízes advindas de outros teóricos. Ao longo da fundamentação teórica são estudados os conceitos de Ferdinand de Saussure, principalmente a noção de relação e valor linguístico, pois fundamentais para a construção do sentido. Ademais, o conceito de signo vazio de Benveniste é explicitado e serve de base para novas reflexões, que observam a ocorrência de uma parte vazia nas palavras. Ainda, dentro dos pressupostos teóricos, são estudadas as noções iniciais de argumentação na língua, através dos escritos de Oswald Ducrot, visando a obtenção do entendimento necessário para uma compreensão adequada da Teoria dos Blocos Semânticos, atualmente desenvolvida por Marion Carel. Dentre os conceitos mais importantes para o estudo em pauta, estão a orientação linguística, as relações linguísticas, que demonstrarão como o sentido é construído, bem como a noção de bloco semântico e quadrado argumentativo. O paradoxo semântico é abordado com a utilização dos estudos de Carel e Ducrot, e de Borges (2011), mirando sua aplicação dentro do quadrado argumentativo, ou seja, observa-se o comportamento das relações de normatividade e transgressividade entre os encadeamentos do quadrado, derivado de um bloco semântico. O objeto das análises consiste em uma canção nacional e uma propaganda, ambas contendo sentidos paradoxais. A metodologia utilizada é a análise de cada objeto de forma única, com etapas próprias. Concluiu-se que o paradoxo constitui aspectos normativos paradoxais, mas não aspectos transpostos e conversos.

Palavras-chave: Semântica argumentativa, Teoria dos Blocos Semânticos, quadrado argumentativo, paradoxo.

Abstract

The following paper intends to analyze the paradox, through the Theory of the Semantic Blocks, considering, mostly, the relations that occurs inside the four-sided figure that demonstrate how the meanings get along. In order to do that, will be studied the conceptions arising from the referred theory, as well as its conventional roots and theories from another theorists. Along the revision of the pertinent literature will be studies ideas from Ferdinand de Saussure, especially the ones about relation and linguistic values, because they are significant important to understand the linguistic meaning of any terms in the language. Another idea that will be developed at the following paper is the empty sign, studied by Benveniste, which will be explained and will be the object for new considerations, in order to study the presence of an emptiness inside every word. Also during the study of the literature, the ideas of meaning understood only by the linguistic relations among words will be object of thoughts. In order to do that, the ideas of Oswald Ducrot and Marion Carel will be very important, especially the linguistic orientation, linguistic relations, because they will demonstrate how the meaning is constructed. Other notions of those two theoretical authors are the idea of semantic block and argumentative four-sided figure. The paradox, according to the semantics, will be studied considering the ideas of Carel, Ducrot and Borges (2011), aiming its application in the argumentative figure. Specifically, the observation of the paradox in the figure can demonstrate how the normative and transgressive relations occurs. There were select a song and an advertisement to demonstrate those kind of relations, by using a methodology that focus in the particular cases. At the end, the results will be shown and the final considerations will be constructed, based on the premise of analyzing the paradox in the argumentative four-sized figure.

Keywords: Argumentative semantics, Theory of the Semantic Blocks, argumentative four-sided figure, paradox.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadrado argumentativo.....	52
Figura 2 – Representação em forma de quadrado argumentativo de BS1	53
Figura 3 – Representação em forma de quadrado argumentativo de BS2	54
Figura 4 – Relação das argumentações com a entidade linguística	58
Figura 5 – Relação das formas vazias com as argumentações externas	60
Figura 6 – Quadrado do encadeamento-origem <i>sofrimento DC prazer</i>	68
Figura 7 – Quadrado do encadeamento-origem <i>amor DC sofrimento</i>	70
Figura 8 – Quadrado do encadeamento que define o ser diferenciado.....	89
Figura 9 – Esmalte da coleção vermelhos capitais. Risqué. Tom: “Inveja boa”.	90
Figura 10 – Quadrado argumentativo de inveja boa.	91
Figura 11 – Quadrado do encadeamento-origem <i>sofrimento DC prazer</i>	92
Figura 12– Quadrado com o conector inverso de <i>sofrimento DC prazer</i>	93
Figura 13 – Quadrado criado pela análise de Gita.	94
Figura 14 – Quadrado com o conector inverso de <i>propriedades opostas concomitantes DC neg contradição</i>	95
Figura 15 – Quadrado de <i>inveja boa</i>	97
Figura 16 – Quadrado com conector inverso de <i>neg posse PT neg triste</i>	99

LISTA DE ABREVIACOES

A — argumento (Ducrot, 2009)

C — concluso (Ducrot, 2009)

ANL — Teoria da Argumentao na Língua

TBS — Teoria dos Blocos Semnticos

A, B, X e Y — segmentos usados para a construo dos encadeamentos

CON — conector

CON' — conector inverso a CON

DC — do francês *donc* (expressa normatividade em um encadeamento)

PT — do francês *pourtant* (expressa transgressividade em um encadeamento)

BS1 — bloco semntico 1

BS2 — bloco semntico 2

e — entidade linguística

H — do espanhol *hecho*

AI — argumentao interna

AE — argumentao externa

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1 RAÍZES DOS PRESSUPOSTOS DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA	18
1.1 ALGUNS CONCEITOS DE SAUSSURE	19
1.2 A NOTA SOBRE O DISCURSO.....	24
2 O ESTUDO DA ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE	27
REFLEXÃO SOBRE AS FORMAS VAZIAS.....	33
3 A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA	38
3.1 NOÇÃO DE ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA E NOÇÕES IMPLICADAS.....	38
3.1.1 A Teoria dos Blocos Semânticos	46
3.1.2 Relações entre Benveniste e Ducrot.....	59
4 O PARADOXO NA ANL	64
O PARADOXO NO QUADRADO ARGUMENTATIVO.....	68
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS OBJETOS SELECIONADOS	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
Referências	109

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O paradoxo é tema que permite aprofundamento acadêmico, dessa feita, busca-se na presente tese, continuar os estudos de Borges (2011), quando foi analisado o paradoxo no uso da linguagem. Na presente tese revê-se a fundamentação teórica pertinente, bem como analisar questões ainda não exploradas, como o comportamento do paradoxo no quadrado argumentativo. Para isso, cumpre analisar os fundamentos da semântica argumentativa e da Teoria dos Blocos Semânticos, com intuito de formar um entendimento satisfatório do paradoxo.

Como objetivo geral da tese em curso busca-se analisar o quadrado argumentativo de entidades linguísticas paradoxais. No que tange aos objetivos específicos a intenção é estudar a relação de reciprocidade normativa dentro do quadrado argumentativo, bem como a relação de reciprocidade transgressiva. Ademais, também como objetivo específico coloca-se a observação da constituição do quadrado argumentativo nos dois quadrados argumentativos (aquele derivado do BS1 e o derivado do BS2). Com a determinação dos objetivos, tanto o geral quanto os específicos, a análise do paradoxo alcança uma visão mais aprofundada. Dessa maneira, são utilizados os paradoxos apontados por Ducrot (*masoquista* e *amor sádico*), da mesma forma que são abordados novos objetos de pesquisa, que estão devidamente especificados em momento oportuno, mas adianta-se que os objetos se constituem de uma canção nacional e de um informe publicitário, também nacional.

Inicia-se o estudo pela apresentação dos sentidos do termo “paradoxo” em diferentes dicionários. A importância do estudo dos dicionários reside no fato de que a análise do verbete “paradoxo” em diferentes línguas e culturas demonstra o sentido que é criado para defini-lo.

A primeira definição estudada é de um dicionário de filosofia: “Paradoxo. O que é contrário à “opinião da maioria”, ou seja ao sistema de crenças comuns a que se fez referência, ou contrário a princípios considerados sólidos ou a proposições científicas.” (Abbagnana, 2008) O sentido de oposição atribuído ao paradoxo é indubitável na definição filosófica, pois é demonstrada a contrariedade à opinião comum, bem como a princípios sólidos. Dessa forma, afirma-se que o termo em debate se constitui pela oposição ao comum. Siga-se para outra definição

dicionarizada: “Paradoxo. 1 (...) contra-senso 2 contradição: incoerência, incompatibilidade, incongruência, oposição. Paradoxal. Absurdo, contraditório, ilógico, incoerente, incompatível. [oposto de] coerente, compatível, lógico, razoável.” (Houaiss, 2003). Nota-se que o paradoxo possui como sentidos aproximados os termos *contradição* e *oposição*, entre outros, opondo-se a *coerente* e *lógico*. Tais definições demonstram que o termo em estudo apresenta sentidos que se distanciam da normalidade, ou seja, sentidos que são compostos por características que demonstram incompatibilidade com o que é comum.

Observe-se a definição do termo por um dicionário de língua francesa: “Paradoxe. 1 Opinion qui va à l’encontre de l’opinion communément admise (...). 2 Être, chose, fait qui heurte le bon sens. 3 Se dit d’une proposition qui est à la fois vraie et fausse.” (Robert, 2010). A definição em língua francesa demonstra que o paradoxo é uma opinião contrária ao senso comum. Neste caso, entende-se que o item lexical em estudo tem um cunho subjetivo, pois faz referência à uma opinião que é comumente admitida. Novamente, nota-se que a oposição é componente que constitui o paradoxo. Ademais, o dicionário apresenta a noção de que o paradoxo é uma proposição ao mesmo tempo falsa e verdadeira, o que se assimila com a definição de um dicionário de língua inglesa: “Paradox. 1 a person, thing, or situation that is strange because they have features or qualities that do not normally exist together (...). 2 a statement consisting of two parts that seem to mean the opposite of each other, or the use of this kind of statement in writing.” (Macmillan, 2002)

De acordo com o verbete anterior, o paradoxo se refere ao estranho, pois contém qualidades que não costumam coabitar, ou seja, possui condições que não existem em conjunto. Além disso, a definição em língua inglesa apresenta, mais uma vez, a noção de oposição, demonstra a existência de uma afirmação com duas partes, sendo que uma significa o oposto da outra. Passa-se para a definição de paradoxo em um dicionário de língua portuguesa:

Paradoxo. 1. Afirmação contrária ao senso comum; o que é contrário a uma opinião tida como válida (...). 2. Enunciado aparentemente contraditório, mas que possui um sentido coerente. 3. Situação contraditória pelo menos na aparência (...). 4. Facto, coisa, comportamento, atitude que vai contra o bom senso. 5. Retórica. Enunciado de uma afirmação contrária à opinião do juiz ou contrária ao senso comum. (...). 6. Lógica. Proposição que é, ao mesmo tempo, verdadeira e falsa: contradição demonstrada (...). (Academia Das Ciências de Lisboa, 2001)

Observa-se a reiteração da ideia de contradição ao senso comum, bem como a noção de que existe uma proposição tanto verdadeira quanto falsa ao mesmo tempo. Contudo, a definição portuguesa apresenta um conceito interessante que demonstra que a aparente contradição possui um sentido coerente.

Com as definições estudadas, compreende-se que o paradoxo contém em seu sentido a oposição e a presença de características contraditórias, bem como a coerência interna, ou seja, o paradoxo é a algo que contém características opostas, e, ainda assim, é coerente.

Dos diferentes sentidos contidos nos diversos dicionários, nota-se que o paradoxo é visto como uma aparente contradição a noções comuns, ou seja, uma oposição de sentidos dentro de uma mesma entidade. Interessante apontar que o sentido dicionarizado do termo “paradoxo” carrega consigo a noção de oposição.

Cumprido, ainda, retomar a pesquisa de Borges (2011), pois a presente tese é uma continuação e necessita do conhecimento do que foi desenvolvido naquele estudo. Durante a pesquisa prévia desenvolveu-se a ideia de paradoxo contextual, que é uma ocorrência do paradoxo que necessita de um contexto linguístico. Ducrot (2005) descreve o paradoxo como a negação da doxa, e o estuda de um ponto de vista puramente linguístico, em que o sentido está na estrutura da língua. Em Borges (2011) foi desenvolvida a hipótese de que o paradoxo pode ocorrer de uma forma que seja necessário um contexto maior do que a palavra em si. Assim, o objeto principal de estudo foi a crônica “Patricinha Fascista” de Juremir Machado da Silva, publicada no jornal Correio do Povo. A conclusão daquele estudo apontou que o termo *patricinha fascista* é um paradoxo, contudo é uma ocorrência de paradoxo que necessita do sentido construído ao longo da crônica, não bastando o sentido contido apenas no próprio termo. Devido a isso, a noção de paradoxo contextual foi criada. Tais conclusões serão utilizadas na presente tese.

Veja-se um breve trecho daquele trabalho:

Patricinha DC fascista é um encadeamento paradoxal, pois o segundo segmento nega uma argumentação possível do primeiro, mas só percebemos através da análise do texto detalhadamente, a partir da criação de cadeias coesivas, argumentações internas e argumentações externas, sendo assim essa entidade, da mesma forma que Maluco Beleza, é um paradoxo

contextual, de acordo com a nomenclatura escolhida para este trabalho. Fazemos também a inversão do conector neste caso: patricinha PT neg individualismo. Com a inversão o encadeamento se encontra no BS em que a interdependência mostra que patricinhas são individualistas, ou seja, o oposto do encadeamento que foi criado de acordo com a análise do texto. Assim temos mais uma confirmação que *Patricinha Fascista* é um paradoxo contextual. (BORGES, 2011, p. 97-98)

Nota-se que as entidades linguísticas estudadas em Borges (2011) possibilitaram a observação da ocorrência de um paradoxo que se constrói no discurso. Ducrot (2005) demonstra o paradoxo na língua, já o paradoxo contextual se encontra na construção do sentido realizada em um discurso.

A linguagem humana pode ser estudada sob diferentes óticas, todas validas e fundamentalmente complementares. Dessa forma pode-se dizer que a linguagem possibilita diferentes olhares sobre um mesmo objeto de pesquisa. Uma única teoria, ou área do conhecimento, não abrange o objeto em sua totalidade, sendo assim necessários recortes teóricos para análises mais aprofundadas. Ao passo que são feitos esses recortes, certas áreas, ou até mesmo momentos teóricos, estão mais presentes do que outros, o que não indica que os que não estão sendo aproveitados são menos importantes. Buscar a complementação dos estudos de forma a aprofundar as áreas e temas menos estudados é importante no meio acadêmico, e é isso que este trabalho pretende fazer.

O paradoxo ainda carece de estudos mais aprofundados. Sua importância é inegável, uma vez que sua presença é perceptível na linguagem humana tanto oral quanto escrita. A Teoria dos Blocos Semânticos fornece subsídios para seu estudo, entretanto apresenta poucas análises, por enquanto, em comparação com outros pontos da ANL. Devido a isso pretende-se continuar os estudos sobre o tema, não apenas para corroborar ideias já postuladas, mas para analisar o paradoxo de uma forma mais aprofundada.

Até o momento são poucas as páginas dedicadas ao estudo do tema proposto. Além de rever a bibliografia existente sobre o paradoxo de acordo com a TBS, existe a intenção de utilizar outros teóricos que, por um lado, corroboram com as ideias de Carel e Ducrot, mas que também contribuam com outros pontos de vista pertinentes. É nesse momento que se tornam importantes os estudos de Émile Benveniste, que fez estudos relevantes na área da enunciação, entre outras áreas.

Associados, os estudos de Carel, Ducrot e Benveniste, podem esclarecer questões sobre o paradoxo, e os estudos de Borges (2011) podem levar adiante essas ideias de forma proficiente e relevante para a conceituação teórica do paradoxo. Cumpre especificar os motivos da escolha de tais autores para o presente trabalho, bem como o recorte de cada um deles a fim de construir um bom entendimento sobre o paradoxo.

Inicia-se a tese pelo estudo de Saussure, que é fundamental para estudos linguísticos de modo geral, pois dedicou seus estudos à análise o comportamento da linguagem e da língua. Assim sendo, seus estudos contribuíram de forma fundamental para o desenvolvimento da linguística. No Curso de Linguística Geral (2006), Ferdinand de Saussure define a língua como o objeto a ser estudado pela ciência da linguagem. Nesse momento acontece a separação entre a parte individual da linguagem, que é denominada *fala*, e a parte social que é chamada de *língua*. Essa divisão não significa que a língua tenha uma importância maior do que a fala, apenas mostra que Saussure iniciou seus estudos por esse viés, definindo assim o seu objeto para instituir a linguística como ciência que estuda a linguagem. Nota-se, então, que recortes teóricos estão presentes desde o início dos estudos linguísticos com o intuito de análises mais aprofundadas. A noção de *relação* também será de fundamental importância, bem como o *valor linguístico* dos *signos*.

Quanto a Benveniste sua importância também é considerável, pois seus estudos apresentam um esboço de teoria enunciativa, que se baseia na relação entre os indivíduos de uma mesma língua. Importante frisar que o referido estudioso trabalha com o sentido advindo do enunciado. Benveniste (2006) aponta como integrantes da enunciação *espaço*, *tempo* e *pessoa*. Conjugados, esses aspectos formam parte da enunciação. Neste trabalho serão estudados majoritariamente *tempo* e *pessoa*, pois são esses conceitos que mais são perceptíveis na enunciação, uma vez que as *pessoas* presentes no discurso se relacionam em um determinado *tempo* que nunca será repetido. O *espaço* perpassa os estudos aqui propostos, mas, talvez, sem a mesma intensidade dos outros dois conceitos, pois a importância de *pessoa* e *tempo* são maiores, visto que sem *pessoa* não existiria o discurso e o *tempo* nunca é o mesmo. O *espaço* é um componente repetível, ou seja, as enunciações podem facilmente ocorrer repetidas vezes em um mesmo espaço, assim, em que pese sua inegável importância o foco do estudo não o abrange. Ademais, Benveniste (2006)

também trata dos conjuntos de regras que conduzem à enunciação, chamando-os de *formas*. Esses conceitos são importantes para estudos enunciativos de modo geral, e outro conceito que interessa muito ao presente trabalho é a noção de *signo vazio*. Segundo Benveniste, esse seria um signo que não possui sentido quando deslocado da enunciação, porém essa ideia será debatida e trabalhada ao longo do trabalho por ser considerada importante para a questão do paradoxo.

Por fim, Ducrot e Carel têm significativa importância para os estudos do paradoxo, pela crença de que o ponto de vista desses autores é extremamente relevante para os estudos da língua. Ademais, pretende-se revisar a literatura pertinente aos estudos de ambos, desde os primórdios da Teoria da Argumentação na Língua, até os artigos sobre o paradoxo, como em Carel (2001), e Gregis (2009). Esse percurso teórico é necessário para o entendimento das questões do paradoxo na língua. Importante destacar a Teoria dos Blocos Semânticos, que postula que os sentidos se encadeiam através da utilização de conectores formando uma dependência de ambos segmentos. Para se estudar a Teoria dos Blocos Semânticos, é preciso ter o conhecimento da Teoria da Argumentação na Língua, sendo assim também a estudaremos neste trabalho, principalmente seus conceitos fundamentais (que serão apresentados mais adiante). Esses conceitos são postulados a partir dos estudos saussurianos sobre a linguagem, por isso a fundamentação teórica é iniciada por Saussure e seus estudos sobre o *signo linguístico, valor e relação*. Alguns dos conceitos fundamentais a serem apresentados posteriormente nessa tese são as *argumentações*, tanto *externas* quanto *internas*, o *quadrado argumentativo* e a relação entre seus encadeamentos e a *orientação argumentativa*.

A metodologia utilizada é a análise dos objetos de acordo com pressupostos definidos para a presente pesquisa, utilizando etapas que podem ser aplicáveis a ambos e, ao mesmo tempo, incluindo etapas pontuais que são necessárias apenas para um dos objetos. Inicialmente serão apresentados os objetos de estudo, posteriormente, serão criados encadeamentos argumentativos conforme os conceitos de Ducrot e Carel. Ao final das análises, os resultados são debatidos almejando a chegada às considerações finais.

A estrutura dos capítulos inicia-se com os estudos por Saussure, devido à sua imensa importância para os estudos linguísticos de modo geral, e, principalmente, por ser o precursor dos estudos estruturalistas, que, posteriormente, após diversos

momentos teóricos, originaram o quadrado argumentativo, bem como os blocos semânticos. Posteriormente, serão revisados alguns conceitos de Benveniste, objetivando um entendimento capaz de possibilitar a compreensão das ideias fundamentais, que constituem o signo vazio. Com os estudos de Benveniste aqui presentes não se busca esgotar o assunto. Foram feitas escolhas pelo autor da tese, buscando evitar um alongamento desnecessário. Na sequência, será a vez da revisão literária sobre a Teoria da Argumentação na Língua e a Teoria dos Blocos Semânticos, culminando com os estudos sobre o paradoxo de Carel e Ducrot.

Feitas as considerações necessárias sobre os autores abordados, os objetos são submetidos à análise. Ao final, conclui-se que a pesquisa corroborou com os estudos realizados sobre o paradoxo, que é uma área que permite estudos mais aprofundados. Ao mesmo tempo que se reiteram as questões levantadas por Borges (2011), busca-se uma observação pontual sobre o paradoxo no quadrado argumentativo.

1 RAÍZES DOS PRESSUPOSTOS DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

A revisão da literatura pertinente a este trabalho pode ser dividida em diversos momentos, iniciando pelas ideias de Saussure, passando por Benveniste até o estudo mais aprofundado da Teoria dos Blocos Semânticos (doravante TBS), de Carel e Ducrot. O início da revisão teórica por meio dos conceitos de Saussure se faz necessário pela sua importância nos estudos linguísticos, e, principalmente, pela sua pertinência em relação à TBS, derivada da ANL. Os conceitos saussurianos revistos aqui focarão principalmente no estudo das *relações*, do *signo linguístico* e do *valor linguístico*.

A enunciação é concretizada na utilização da língua pelos falantes, mormente em decorrência das relações entre os valores dos signos, cujo estudo será aprofundado mais adiante. Tais noções fundamentam o conceito de “enunciação”, ainda que esse termo não esteja expresso na obra saussuriana. Também será tratada neste capítulo a *Nota sobre o Discurso*, de Saussure (2002), pois é nela que se encontra a noção de que o discurso resulta da relação entre conceitos isolados, relação, essa, produzida pelos falantes. Após a revisão saussuriana serão trabalhados textos de Benveniste, selecionados para o presente estudo por possuírem conceitos fundamentais para o discurso, como *pessoa* e *tempo*. Quando se trata do discurso, pode-se entender também a enunciação em sentido amplo, pois ela é estritamente ligada ao discurso. O mecanismo de produção do discurso, e o emprego das formas, consistem em um aprofundamento que é considerado fundamental para as análises. O falante utiliza a língua da forma como lhe é mais proveitosa para estabelecer comunicação, ou seja, de uma forma também subjetiva. Por “subjetiva”, entenda-se proveniente do sujeito, mais especificamente do sujeito que está produzindo o discurso. Quando Benveniste discorre sobre os conceitos de pessoa, tempo e espaço, percebe-se a enunciação, pois existirá um determinado locutor que se expressa se em um determinado tempo, utilizando os recursos disponíveis, dentro de um espaço. No momento das análises restará esclarecida a importância desses dois conceitos na construção do sentido do discurso. Ademais, ambos reforçam as ideias saussurianas de relação, servindo como ponto de partida para os estudos sobre a TBS.

Ainda sobre Benveniste, não se pode deixar de estudar o *signo vazio*, pois através dele obtém-se um início de entendimento sobre o paradoxo na linguagem.

Outrossim, pretende-se retomar as reflexões e conclusões fornecidas em Borges (2011).

Durante a fundamentação teórica, naturalmente será revisto um percurso histórico nos estudos sobre o modo de ver a expressão da linguagem pelos falantes. No momento posterior aos estudos de Saussure e Benveniste, será estudada a TBS, passando pela ANL, até a chegada no conceito de *paradoxo* para Carel e Ducrot. Associado a isso, será recuperada a reflexão apresentada em Borges (2011), que apresentou o paradoxo contextual, pois o presente estudo considera as conclusões daquele, abrangendo um campo maior de estudo, mediante a utilização de novos objetos de pesquisa.

Sobre a TBS, pode-se afirmar que os conceitos que serão de fundamental importância, tanto para as análises quanto para as reflexões, serão os de *Argumentação Interna e Externa*, cujas relações na enunciação, que serão compreendidas mediante a *interdependência semântica*, formarão os *encadeamentos argumentativos*, que, por sua vez, expressarão os *blocos semânticos*.

Por fim, cabe ressaltar que os estudos aqui propostos são uma continuação aprofundada dos estudos iniciados no curso de mestrado, visando ao aprimoramento acadêmico, mas não pretendem ser definitivos, apenas pretendem refletir um breve momento na vasta história do pensamento linguístico, entrelaçando diferentes teóricos e momentos distintos de estudo, visando compreender e observar as ocorrências do paradoxo.

1.1 ALGUNS CONCEITOS DE SAUSSURE

No Curso de Linguística Geral (2006), Saussure define a língua como o objeto a ser estudado pela ciência da linguagem. Nesse momento ocorreu a separação entre a parte individual da linguagem, a denominada fala, e a parte social, que é partilhada e chamada de língua. Essa divisão não significa que a língua tenha uma importância maior do que a fala, apenas esclarece que Saussure iniciou seus estudos por esse viés, definindo assim o seu objeto para instituir a Linguística como a ciência que estuda a língua. Entretanto, não pode ser esquecido que essa leitura é anterior ao

descobrimos da *Nota sobre o Discurso*, a qual demonstra que, de fato, Saussure não efetuou separação entre língua e fala.

Nesta parte da fundamentação teórica, serão tratados os conceitos saussurianos que serviram de base para estudos posteriores e, por consequência, contribuíram para os estudos de Benveniste, e, após, de Carel e Ducrot. Um dos conceitos fundamentais para estudos linguísticos é o do *signo linguístico*, nas palavras do ilustre estudioso:

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (Saussure, 2006, p.80)

O signo linguístico, assim, é uma “entidade psíquica de duas faces” (Saussure, 2006, p.80). O conceito é mais adiante chamado de *significado* e a imagem acústica de *significante*. Em relação ao signo linguístico, a arbitrariedade é fator importante. Uma sequência de sons não apresenta uma relação anterior com a ideia à qual se relaciona no signo. Um conceito (significado) pode ser representado de diferentes formas e a prova disso é a diversidade de línguas. Por exemplo, o item lexical “porta” (do português brasileiro), é representado pela sequência de sons correspondentes aos grafemas P-O-R-T-A; enquanto no inglês (tanto britânico quanto americano), a mesma ideia é representada por uma sequência de sons totalmente distinta. Assim, pode-se notar que uma mesma ideia é concebida por duas diferentes sequências sonoras, criadas de forma arbitrária pelas suas comunidades linguísticas correspondentes.

Saussure afirma que “o papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre pensamento e som” (Saussure, 2006, p.131). Entre o mundo das ideias e a expressão oral existe a linguagem, que acaba por não servir como uma tradução exata entre esses dois mundos, porém serve como um intermediário através do signo. O entendimento na comunicação dos falantes se deve a essa relação entre os mundos, feita pelos signos. A arbitrariedade, ou seja, a forma como os falantes de uma comunidade estabelece o que cada signo quer dizer, garante que cada

comunidade linguística produza as adequações necessárias para um uso mais proficiente. Interessante apontar que a arbitrariedade é muito presente no paradoxo, pois o modo como cada falante utiliza a língua para construir seu discurso aponta para um significado, e no caso do paradoxo, a língua é utilizada do modo mais satisfatório para cada interesse, ou seja, cada falante utiliza a língua da forma como almeja construir seu sentido, criando, assim, paradoxos.

Baseado nisso, Saussure (2006) deixa claro que não se pode considerar um signo como a simples união entre significado e significante; é fundamental que a coletividade linguística estabeleça seu valor, ou seja, o uso dos signos, sistematicamente, de forma organizada. Segue-se agora para a apresentação de outro conceito apresentado no CLG que também é fundamental para o presente estudo: o conceito de *signo linguístico* e seus três aspectos. O primeiro destes é a propriedade de representar uma ideia. Saussure constata que os valores são sempre um resultado do confronto entre “1º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas *semelhantes* que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa” (Saussure, 2006, p. 134).

Para elucidar essa constituição binária, o estudioso aplica o exemplo de uma moeda de cinco francos, que pode ser trocada por algo que não é semelhante, como uma quantidade de pão correspondente àquele valor, ou por uma unidade semelhante de um mesmo sistema, como o monetário, onde cinco francos podem ser substituídos por seu equivalente em outra moeda.

A mesma coisa acontece com as palavras, pois são passíveis de substituição por algo dessemelhante (ideias) ou semelhante (outra palavra). Saussure postula que:

Seu valor [da palavra] não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem essa ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente. (Saussure, 2006, p.134)

Considerando que os valores podem ser objeto de substituição e também precisam estar de acordo com suas oposições encontradas em outras palavras, pode-

se afirmar que o valor linguístico existe, primordialmente, a partir das relações constituídas no sistema interno de uma determinada língua. O valor de um signo será aquilo que outros não serão, existindo de acordo com suas relações.

Uma segunda consideração do signo linguístico é seu valor material. Saussure afirma que o importante em uma palavra “são as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação” (Saussure, 2006, p. 137). Em cada língua o que caracteriza as palavras não é sua positividade, pelo contrário, é tudo aquilo que ela não significa, ou seja, com aquilo que ela não pode ser confundida. Mesmo as unidades menores como “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (Saussure, 2006, p. 138).

Saussure (2006, p. 139) faz uma comparação com o sistema escrito, com intuito de esclarecer a questão da negatividade do valor linguístico. Discorre sobre quatro fatores para isso, sendo o primeiro deles a arbitrariedade. Não existe uma relação entre um grafema e o som que ele representa. O segundo aponta que o valor das letras é negativo e diferencial, pois mesmo que um grafema seja escrito de diferentes formas, ele não será confundido com outro grafema. O terceiro fator postula que “os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras” (Saussure, 2006, p. 139), ou seja, graças a essa limitação acontece a arbitrariedade do signo gráfico. E o último fator importante apresenta a ideia de que não importa o meio de produção do signo, pois isso não tem importância para o sistema. Qualquer que seja a cor das letras, se forem escritas com pena, cinzel ou lápis, ou ainda se estão em baixo ou alto relevo, em meio físico ou virtual, não produz nenhuma importância para a significação.

Por fim, passa-se agora a considerar o signo linguístico em sua totalidade. Saussure começa afirmando que “Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema.” (Saussure, 2006, p. 139). Em que pese a existência de semelhanças, pode-se concluir que as diferenças são o constituinte majoritário da língua.

Em Saussure (2006), verifica-se que o significado e o significante se relacionam fortemente com o que há ao redor do signo, prova disso é que o valor de um signo pode ser modificado pelo que o precede ou o que o sucede. As relações construídas

são o componente básico de nascimento do signo, em detrimento de sua imagem acústica ou de seu conceito. As relações de negatividade entre os sons e os conceitos que formam um signo acabam por criar um fato positivo. Sendo assim pode-se afirmar que um signo apenas é constituído de negatividade quando analisamos significado e significante separadamente. Ao observar-se o signo na totalidade, ele se torna algo positivo. Frisa-se que a negatividade é compreendida como aquilo que o signo não é, ou seja, um signo é constituído por aquilo que ele não é. Para se definir algo, é necessário entender o que ele não é.

Na comparação dos signos entre si – ou seja, dos termos positivos – falar-se-á de *oposição*, ao invés de *diferença*, pois dois signos podem ser considerados *distintos*, ao passo que *diferença* se enquadra melhor à comparação de duas imagens acústicas, como “pai” e “mãe”, ou de duas ideias como “pai” e “mãe” (Saussure, 2006, p. 140). Na totalidade de um signo acontece a oposição, enquanto no conceito e na imagem acústica teremos a negatividade como fator importante causando assim a diferenciação entre os significados e os significantes. As relações e diferenças entre os termos linguísticos podem ser adequadas em duas esferas, onde cada uma gera uma ordem de valores e ambas correspondem a atividades mentais indispensáveis para a língua. Podem ser divididas, de um lado, por aquilo que está dentro do discurso e, por outro, pelo que está fora do discurso.

Saussure, (2006, p. 142) define como dentro do discurso as relações que os termos formam entre si de acordo com seu encadeamento, tendo um caráter linear que impede que as palavras sejam pronunciadas de modo sobreposto, mantém, por conseguinte, a ordem da linguagem. Essas combinações, apoiadas nas extensões, são chamadas de *sintagmas*, constituídos por duas ou mais unidades consecutivas. E fora do discurso, Saussure (2006, p 143) mostra que as palavras que se associam na memória formam grupos em que acontecem relações muito diversas.

As relações dentro do discurso são chamadas de sintagmáticas. É interessante observar, também, que algumas expressões (relações de palavras em uma ordem sintagmática) pertencem ao domínio da língua, ou seja, não podem ser modificadas pelo uso, como, por exemplo, *ter dó (de alguém)*, *estar de lua virada*, mesmo sendo possível distinguir suas partes significativas. Dessa forma, as relações associativas estão restritas à língua, assim sendo, certas palavras serão utilizadas seguidamente dentro de um mesmo contexto. Contudo ao construir um discurso, o locutor é capaz

de alterar o sentido dado pela língua a certos termos, para elaborar seu discurso. Conclui-se, então, que mesmo existindo uma relação sintagmática, as continuações são escolhidas pelo locutor, dentro das possibilidades previstas.

As relações que acontecem fora do discurso são chamadas de relações associativas, podendo acontecer em diferentes níveis gramaticais: radical, sufixo, analogia dos significados ou na simples semelhança de imagens acústicas. A título exemplificativo, veja-se o comportamento da palavra *ensinamento*. Nas relações de radical podemos ter: *ensinar*, *ensinemos*, entre outras; nas de sufixo surgirão *desfiguramento*, *armamento*, entre muitas outras. Já no que corresponde à analogia dos significados verifica-se: *ensino*, *instrução*, *aprendizagem*, *educação*, etc. Por fim, quanto à semelhança sonora, aparecem palavras como *elemento* e *lento*.

De forma mais resumida, “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (Saussure, 2006, p. 143). Assim sendo, a série associativa tem um caráter mais externo, pois trata, essencialmente, da estrutura das palavras e de como é construído o significado destas, enquanto a sintagmática é mais interna, já que é correspondente ao próprio discurso. Nota-se que ambas espécies de relação – na presença e na ausência – são importantes fatores constitutivos do discurso. Assim, é inegável a importância da relação na linguagem.

1.2 A NOTA SOBRE O DISCURSO

Os conceitos saussurianos demonstrados até o momento são aqueles presentes no CLG, escrito tomando por base as anotações dos participantes do curso ministrado em três etapas. Em 2004, foi traduzido para o português um livro constituído de manuscritos de Ferdinand de Saussure. Tais manuscritos foram apurados como anotações feitas para as aulas ministradas nas três etapas do seu curso. O livro foi intitulado de *Escritos de Linguística Geral*, e nele encontram-se as anotações do próprio Saussure. Os conceitos apresentados contam com algumas notas nesse novo volume; contudo uma nota em especial serve aos interesses desta tese, a chamada *Nota sobre o discurso*. Nela encontram-se fragmentos do

pensamento saussuriano que apontam para uma abordagem discursiva da língua. Senão vejamos:

A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*? Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), como *boeuf, lac, ciel, fort, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. Em que momento ou em virtude de que operação, de que *jogo* que se estabelece entre eles, de que condições esses conceitos formarão o DISCURSO? A sequência dessas palavras, por mais rica que seja, pelas ideias que evoca, indicará apenas, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É uma questão igual à de saber o que é o discurso, sendo que, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento. (Saussure, 2012, p.237).

Nessa nota fica ainda mais clara a importância das relações. A língua apresenta os signos de forma isolada. Não servindo, assim, como uma significação para os pensamentos; apenas através do discurso é que a língua cria relações necessárias para que os pensamentos de um falante sejam organizados de forma a significar algo para outro falante. Sendo assim, pode-se afirmar que o discurso é construído por um falante que expressa relações de forma organizada com o intuito de significar algo para outro falante, como uma forma de traduzir seu pensamento em palavras.

O livro “*Escritos de Linguística Geral*”, publicado muitos anos depois do *Curso de Linguística Geral*, traz uma nova luz para os estudos estruturalistas, logo envolvem também os estudos da enunciação que são derivados desta área de estudo. O que fica de mais importante sobre a *Nota* é que Saussure se perguntou sobre como a língua era ativada como discurso. Pergunta que serve como norte para as teorias enunciativas.

A descoberta dessas notas altera um pensamento há muito corrente, de que Saussure apontou dicotomias, separando os estudos da língua e da fala, estabelecendo apenas uma delas como objeto de estudo. Tal fato não pode ser ignorado. Essa descoberta revoluciona o modo como Saussure deve ser estudado, visto isso, a *Nota* torna-se importante para os estudos aqui propostos.

Finda esta parte inicial de nossos estudos, acredita-se que foram levantados os pontos principais. Passa-se agora para o estudo de Benveniste, buscando como se pode dar continuidade aos estudos da enunciação, ou seja, da expressão do mundo das ideias para o mundo da comunicação.

2 O ESTUDO DA ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE

Dando continuidade aos fundamentos teóricos, serão estudados alguns textos escritos por Émile Benveniste, em que formas de relação também aparecerão, bem como esboços de uma teoria enunciativa baseada na relação entre os indivíduos falantes de uma determinada língua. Inicia-se com *A linguagem e a experiência humana* (2006) por acreditar-se que as noções de *pessoa* e *tempo* são a base da enunciação. O que restará muito evidenciado ao longo das análises que serão propostas em momento oportuno. Nesse texto, Benveniste aborda três categorias consideradas por ele como fundamentais para o discurso, como dito anteriormente, a *pessoa*, *tempo* e o *espaço*, necessariamente ligadas. Tratemos primeiro da *pessoa*: “Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto eu por relação a tu e ele” (Benveniste, 2006, p. 68). Para Benveniste o *eu* do discurso é aquele que faz uso da língua direcionando essa enunciação a outra pessoa, o *tu*. Segundo ele:

Aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador eu a ele-mesmo que fala. Ora, este ato de discurso que enuncia eu aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o ouve, mas para aquele que o enuncia, é cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e uma textura diferente de circunstâncias e de discursos” (Benveniste, 2006, p. 68)

Tempo e *pessoa* estão ligados no discurso; por isso, mesmo que se usem as mesmas escolhas de palavras para formar uma enunciação, cada ato será diferente, pois o tempo será outro; ou ainda, duas pessoas podem usar as mesmas sequências de palavras, porém não querendo transmitir o mesmo pensamento. Em que pese uma eventual coincidência enunciativa sobre as relações, o discurso sempre será uma novidade, nunca podendo ser repetido em outras circunstâncias.

Ainda sobre a experiência de enunciar, Benveniste (2006, p.69) coloca que: “desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando — explicitamente ou não — o pronome *tu* para se opor conjuntamente a ele, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda”. Resta evidenciada uma interdependência entre o *eu* e o *tu*, e dessa relação temos uma relação de oposição a *ele*. Essa é a experiência central que determina o discurso. Nota-se que,

ao confrontar essas três posições enunciativas, observa-se de um lado o *eu* e o *tu*, participantes diretos do discurso, e de outro o *e/le*, um participante indireto, ou referido, ou seja aquilo, ou aquele, de que(m) se fala.

Deve-se dar a devida atenção para os conceitos de *eu* e *tu*. O *eu* é o locutor no momento da enunciação que se dirige a um *tu*, porém quando a enunciação necessita de uma resposta, o *tu* do primeiro momento se tornará o *eu* dessa réplica que nada mais é do que uma nova enunciação. Por consequência, uma eventual réplica, colocará o *eu* originário novamente na posição de produtor primeiro do discurso.

Previamente ao estudo do *tempo*, é preciso que se faça uma última consideração acerca do que Benveniste fala sobre o *eu* no discurso. Os falantes entram em contato por dominarem o mesmo código linguístico e por terem um “mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato da linguagem (...)” (Benveniste, 2006, p. 69). Nessa apropriação, o ato se torna único e sem igual, da mesma forma que ocorre com o *eu*, que não se repetirá. E segue ainda dizendo: “Mas, fora do discurso efetivo, o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente no discurso”.

Então, apenas no uso da língua o *eu* assume o seu papel de ser aquele que enuncia. Fora dele esse pronome nada mais é do que uma forma vazia. Além do pronome pessoal, os dêiticos também se encaixam nessa situação. As indicações de objetos (longe, perto, etc.) só acontecem se relacionadas a um ponto central que Benveniste chama de “Ego” (Benveniste, 2006, 70) e que vão servir de referência no discurso para criar o sentido desses dêiticos. Outrossim, deixa-se em suspenso a questão do signo vazio, pois será dedicada uma reflexão posterior mais intensa do que seria se caso fosse aqui iniciada.

O *tempo* é uma das formas linguísticas mais ricas e reveladoras da experiência subjetiva humana. Sobre isso Benveniste distingue primordialmente duas noções de tempo. Uma delas é o tempo físico do mundo que “é um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.” E dele deve-se distinguir o tempo crônico “que é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos.” (Benveniste, 2006, p. 71). Adiante, aponta-se que o tempo crônico

também tem uma fundamental importância para o entendimento do discurso, pois carrega consigo marcas enunciativas, tanto quanto a marcação histórica pertinente à compreensão do sentido.

De acordo com Benveniste (2006, p. 72), a cultura humana se esforça para objetivar o tempo crônico, usando para isso o calendário como uma forma de socialização. A recorrência de fenômenos naturais instituiu as divisões do tempo crônico: dias, estações, etc. Os calendários possuem três traços comuns indicando suas condições de resposta à sociedade. O primeiro desses traços é a condição estativa, ou seja, um acontecimento muito importante que redireciona as coisas: nascimento de Cristo, ascensão de algum soberano, entre outros tantos. A segunda condição é a diretiva, marcada por termos como *antes* ou *depois*, de acordo com um eixo de referência. E a terceira condição é a mensurativa, ou seja, são fixadas unidades de medidas que servem para denominar eventos repetidos de forma cíclica, como um calendário, que ao final se renova com o início dele mesmo.

Mais adiante, o conceito de *tempo linguístico* é apresentado. Benveniste (2006, p. 74): “O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. O centro desse tempo é o presente da instância da fala. Ao usar uma forma gramatical presente, o locutor situa seu interlocutor no tempo presente da enunciação; e, sendo assim, sempre é um tempo novo, ainda não vivido.

O tempo presente vai ser o ponto de referência, criando as relações para o passado e para futuro. Vejamos o que diz o estudioso:

O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção. (Benveniste, 2006, p. 75)

O presente na língua é implícito, segundo Benveniste, pois ao enunciar-se, o locutor fala do momento contemporâneo. Assim sendo, quando deseja fazer alguma referência a experiências passadas ou algo que ainda não aconteceu utiliza marcas

linguísticas para explicitar em que momento quer situar o tempo ao qual a enunciação se refere. O *presente* é o eixo que rege o *passado* e o *futuro* do discurso, bem como o *eu* é o eixo que rege o *tu* e o *ele* na enunciação.

E do mesmo modo que o *eu* necessita estar situado dentro do discurso para que não seja uma forma vazia, o mesmo acontece com as marcações linguísticas de tempo. Quando um locutor utiliza *hoje*, *agora*, *nesse momento*, está situando um acontecimento como simultâneo ao discurso. Se for retirado um desses fragmentos temporais do discurso e observado isoladamente, ele não terá sentido, será apenas uma forma vazia. Uma forma que não constrói sentido.

Tanto *pessoa* quanto *tempo* se fazem presentes no discurso e ambas as categorias são os eixos que regem os elementos que os rodeiam. É através da *pessoa* e do *tempo* que os outros elementos da enunciação terão seu sentido completo. No discurso elas são interligadas para criar a mensagem que um determinado indivíduo quer passar a outro, em um dado momento do tempo. O *eu* situa algo no *tempo* para o entendimento do *tu*. Caso uma dessas categorias seja isolada do discurso, acabar-se-á por ter formas vazias que possuem um sentido incompleto, o que acarretaria em uma falha comunicativa.

No último texto publicado, Benveniste trata do emprego das formas, que não deve ser confundido com o emprego da língua. O texto chama-se *O aparelho formal da enunciação* (2006). Por “formas” é compreendido um conjunto de regras que fixa as condições sintáticas que nortearão o uso da linguagem.

O emprego das formas implica em criações linguísticas muito variadas, entretanto existem limitações devido ao número reduzido de modelos que abrangem somente os elementos fundamentais. O emprego da língua, por outro lado, modifica a língua como um todo. É importante não confundir o mecanismo da língua com a língua em si. Benveniste (2006, p. 82) afirma: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por ato individual de utilização.” Mais uma vez percebe-se a importância daquele que enuncia, pois sem o *eu* não existe o funcionamento da língua. O locutor se relaciona com a língua determinando os caracteres linguísticos da enunciação, sendo assim, pode ser entendido o emprego da língua como um fato criado pelo *eu* discursivo.

Os aspectos pelos quais pode-se estudar esse processo do locutor que utiliza a língua, ou seja, a enunciação, são vários, mas aqui são revistos, principalmente, três deles, começando pelo mais perceptível que é a realização vocal da língua. Benveniste afirma que os sons se originam de atos individuais criadores de material fônico, e também que, devido à natureza individual da criação (o que nesse caso é a enunciação), esses sons não são produzidos da mesma maneira. Quando se estudam os sons, tenta-se ampliar ao máximo o número de amostras para se criar uma “imagem média de sons” (Benveniste, 2006, p. 82).

O segundo aspecto da enunciação é o mecanismo de produção. Benveniste coloca o problema da seguinte forma:

A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão — muito difícil e pouco estudada — é ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. (Benveniste, 2006, p. 83)

O locutor utiliza a língua para concretizar seus pensamentos em sons. Onde acontece a interação entre o conceito e a imagem acústica do signo é o problema a ser pensado. E o terceiro aspecto diz respeito a situar a enunciação no quadro de sua realização; e aqui volta-se ao conceito de *eu* e *tu* para formar esse quadro. O locutor, ao executar a língua, transforma uma possibilidade em realidade, fazendo um processo de “apropriação” (Benveniste, 2006, p. 84), por um lado do aparelho formal, aquilo que se encontra como elemento fundamental, e por outro através de procedimentos acessórios.

Existe a relação entre locutor e interlocutor, e sobre o locutor Benveniste aponta:

Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário. (Benveniste, 2006, p. 84)

Da relação entre locutor e alocutário surge a expressão em que a enunciação foi empregada; que expõe uma certa relação com o mundo, em que o locutor é a

referência estando em contato constante com sua enunciação. Interessante refletir por um momento sobre o termo utilizado por Benveniste: alocutário. A construção desse conceito mediante o uso do prefixo “a” parece apontar para a conclusão de que aquele que é o destinatário da enunciação é o oposto do locutor. Simples, porém útil demonstrar a boa utilização do conhecimento gramatical.

Mais adiante, Benveniste (2006, p. 86) reforça a questão da forma vazia da língua dizendo que é preciso distinguir quais as entidades que possuem um estatuto pleno, ou seja, que podem existir sem a necessidade do emprego no discurso e as entidades que só existirão quando empregadas por um determinado locutor em um determinado tempo. E além de dar existência a essas formas, a enunciação também fornece as condições necessárias para as funções sintáticas criando um aparelho de funções.

No texto em estudo, Benveniste (2006, p. 86) apresenta três funções, a saber: *interrogação*, *intimação* e *asserção*. Quanto à interrogação, podemos dizer que suscita uma resposta, o locutor “impõe” ao interlocutor uma resposta. Na intimação acontece coisa parecida, pois o locutor apresenta formas de ordens que constroem uma relação viva e imediata com o seu alocutário. Já a asserção comunica uma certeza e é considerada uma forma de manifestação da presença do locutor na enunciação. Essas funções expressam as relações que os locutores podem ter com seus alocutários. A enunciação é caracterizada pela “acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.” (Benveniste, 2006, p.87).

No texto *Da subjetividade na linguagem* (2005), Benveniste continua a abordagem das questões do *eu* e do *tu* no discurso e a interdependência entre eles. O termo subjetividade, aqui, corresponde à capacidade do locutor de se propor como “sujeito” da enunciação. Corroborando a importância da relação do *eu* e *tu*, Benveniste afirma que:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade — que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa eu. (Benveniste, 2005, p. 286)

Reforçando a ideia de que o *eu* é uma forma vazia de sentido fora do discurso, pode-se dizer que esse é um termo que remete apenas à realidade do discurso, fazendo-se pleno de sentido somente no exercício da língua. Isso é um fator que deixa clara a subjetividade na linguagem, pois o pronome *eu* é a forma que o locutor tem de se identificar como o sujeito. Da colocação do locutor como sujeito, decorre a utilização de outros pronomes (os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos) que organizarão as relações do sujeito com o espaço e o tempo.

O *eu* do discurso é o eixo central das cadeias enunciativas, mas esse *eu* só tem sentido quando aplicado ao discurso, caso contrário ocorre a chamada “forma vazia” (Benveniste, 2005, p. 289). E também da oposição a esse *eu*, verifica-se a existência do *e/le*, que não remete a uma pessoa, mas sim a algo sobre o qual é construída uma enunciação.

Isso posto, definem-se algumas questões da seguinte forma: existe um locutor (*eu*), que enuncia em determinado momento para outro alguém (*tu*), que pode vir a responder, sobre algo no mundo (*e/le*). A primeira pessoa serve de início para um possível diálogo, enquanto a segunda pessoa irá se enunciar no momento seguinte criando um diálogo sobre a terceira pessoa, que na verdade é uma não-pessoa por estar fora da relação eu-tu.

REFLEXÃO SOBRE AS FORMAS VAZIAS

Benveniste aponta apenas pronomes e dêiticos como formas que podem ser vazias. Entretanto, questiona-se, nesse momento, não podem outras palavras, fora destas duas categorias, serem consideradas formas, ou signos, vazios?

Em primeiro lugar, apontam-se as características da forma vazia benvenistiana:

- 1) não estar situada no discurso e
- 2) não fazer referência fora da enunciação.

Ou seja, a forma só é vazia por estar deslocada de dentro da enunciação e de dentro do discurso em que um *eu* lhe atribui valor semântico de acordo com suas escolhas e relações construídas. Os termos *eu*, *agora*, *ele*, *depois* só adquirem sentido quando colocados no uso da língua pelo locutor. Este é o ponto de vista de Benveniste, com o qual concorda-se plenamente, contudo, busca-se levar a noção de *vazio* para além dos dêiticos.

Pretende-se esclarecer que, além das elucidações trazidas por Benveniste, o *vazio* de uma forma pode estar presente em todas as palavras da língua. A noção de *vazio* parece estar apontando para uma falta total de sentido daqueles itens lexicais, e com isso não se pode concordar. Em que pese o entendimento completo de um termo só ocorra através do conteúdo da enunciação e do discurso, ainda é passível de compreensão o que cada um desses itens lexicais significa de forma isolada da língua, então não são totalmente vazios de sentido. Resta evidenciado que mesmo de forma isolada compreendemos uma parte do que determinado item lexical quer dizer, parte que pode ser considerada “cheia”.

Prova que sustenta o parágrafo acima é a possibilidade de construir uma pergunta sobre os itens lexicais citados acima. Se enunciarmos apenas a palavra *ele*, o alocutário, ainda assim, conseguirá compreender algo e será capaz de formular um outro enunciado como, por exemplo: *ele quem?*. O mesmo se segue com *agora* (*agora quando?*) e *aqui* (*aqui onde?*), bem como *depois* (*depois de quando?*). Esses questionamentos servem para o alocutário buscar mais informações sobre a enunciação, pois essa não se deu de maneira totalmente efetiva por parte do locutor. Contudo, ainda houve certa parcela de enunciação suficiente para o alocutário tentar buscar as informações faltantes.

A possibilidade de se fazer uma pergunta sobre esses itens lexicais mostra sua dupla face dos mesmos, pois se por um lado existe algo de *vazio* neles que incita uma pergunta de esclarecimento, uma busca do *tu* pela completude do sentido; por outro lado, tem-se uma parte do sentido presente no intrínseco desses pronomes que é o que possibilita a pergunta e comprova que se necessita de um complemento, ou seja, a parte “cheia”.

Não resta dúvidas de que existe uma parte vazia nas formas, contudo frisa-se que se a forma fosse totalmente vazia não haveria o mínimo de compreensão do sentido, impossibilitando toda e qualquer espécie de comunicação enunciativa. Outro

fato que corrobora essa hipótese é a de que quando uma pessoa se depara com uma palavra estrangeira, ou desconhecida da sua língua materna, ou de eventuais línguas que possa ter algum conhecimento, ela não consegue ao menos fazer uma das perguntas diretas em busca da informação faltante. Uma pergunta genérica não evocaria a resposta desejada. Tomemos a palavra “door”, do inglês, um falante sem o conhecimento da língua inglesa ouve essa palavra de seu interlocutor e não a entende. Ademais, como não tem conhecimento suficiente sobre o que significa essa palavra, poderia acabar formulando uma pergunta cuja resposta não satisfizesse suas dúvidas. Outrossim, a pergunta seria construída de uma forma a qual o interlocutor não consegue nem mesmo responder, e nesse ponto o sentido, então, terá uma parte vazia de tal tamanho que o entendimento não seria possível.

Conclui-se, então, que uma palavra desconhecida tem ainda menos sentido do que um pronome ou dêitico e sendo assim chegamos a dois diferentes níveis de vazio de uma forma. Por um lado, um vazio que possibilita a confecção de uma pergunta direta, que pode ajudar a preencher de forma satisfatória o vazio da palavra e dar continuidade ao discurso. De outra mão, existem termos cuja parte vazia é tão grande, para um determinado alocutário em um determinado tempo, que a possibilidade de dar continuidade do discurso é reduzidíssima. Faz-se extremamente necessário destacar que apenas através da confrontação, da relação, da oposição entre esses dois níveis de forma vazia que é possível entender que existe a graduação, sendo uma forma mais, ou menos, vazia do que a outra. Diante do exposto, passa-se agora para um nível diferente de forma vazia. O que está sendo dito aqui é uma reflexão feita durante o desenvolvimento deste trabalho, bem como dos estudos anteriores, e corresponde estritamente à opinião do autor. Uma vez que o locutor faz suas escolhas e relações para enunciar suas ideias, o sentido de cada signo se modificará de acordo com os signos que estão à sua volta. Contudo, a língua restringe certas relações devido próprio sistema da língua. Conclui-se, então, que o locutor faz as escolhas dentro de algumas possibilidades pressupostas pela própria língua.

Se a língua restringe, ou “prefere”, determinada continuação para um item lexical em detrimento a outro item lexical, pode-se dizer que as palavras possuem possibilidades de relação entre si, palavras cheias de sentido, como *árvore*, terão possibilidades mais restritas dos que palavras mais vazias. Uma frase como *Uma árvore faleceu essa manhã*, apesar de fazer algum sentido, principalmente devido à

aproximação semântica entre *falecer* e *morrer*, promove uma quebra na cadeia de relação, pois a palavra *árvore* restringiria o sentido de perder a vida para *morrer*. O signo *falecer* carrega o valor linguístico de que deve ser relacionado com um ser mais animado do que uma *árvore*; talvez ainda mais do que isso, podendo carregar o valor de ser usado apenas para referências às pessoas.

Chega-se, então, ao ponto em que se estabelece que palavras como substantivos, adjetivos e verbos são menos vazias do que dêiticos. Fruto disso vem a constatação de que, quanto mais vazia a palavra, mais ela necessita do uso para construir sentido ou seja, o emprego das formas atribui-lhe sentido. Ademais, mesmo palavras com mais sentido (menos vazias) adquirem novos sentidos de acordo com as combinações feitas pelo locutor.

O locutor pode relacionar palavras de uma forma menos prevista na língua, mas que ainda possua um sentido compreensível. Isso só acontece devido à parte vazia das palavras e à capacidade de o locutor escolher dentro de uma relação sintagmática a forma como deseja prosseguir seu discurso. Cumpre esclarecer que quando se fala em “parte vazia das palavras”, utilizam-se as noções de vazio de Benveniste, mas acrescentam-se os estudos do autor da presente tese. Assim, acredita-se que não apenas os dêiticos, possuem um vazio. Ainda, importante frisar que o vazio de Benveniste se refere à termos que não estão situados no discurso, e não fazem referência fora da enunciação, o que, repita-se, é completamente correto. Ademais, ao se tratar de “parte vazia das palavras”, a intenção é demonstrar que os itens lexicais possuem um sentido estrutural, que contém em seu interior um espaço para complementação com outros itens, ou seja, uma parte vazia que possibilita ao locutor combinar uma palavra com outra para construir o sentido do seu discurso.

Quanto à aplicação no estudo do paradoxo, a parte vazia das palavras tem fundamental importância, pois, conforme será observado mais adiante, o paradoxo, da mesma forma que todos os discursos, conterà essa parte vazia que espera o preenchimento pelo locutor, contudo a construção do sentido ocorrerá com uma negação do sentido estrutural. Por exemplo, toma-se o termo “devaneio”, que é um paradoxo, pois trata-se de um sonho acordado. O sentido estrutural do item *sonho* limita as continuações possíveis no discurso, ou seja, o locutor pode seguir a construção do sentido com termos que se adequem à parte estrutural do termo em questão. Essa continuação estará inserida na parte vazia da palavra, respeitando o

sentido estrutural, dessa feita uma continuação como *sonho bom*, *sonho ruim*, *sonho esquecido*, *sonho lembrado*, entre outras é possível, e esperada. Contudo, *sonho acordado*, nega o sentido estrutural de *sonho*, mas ainda consegue construir um sentido, um sentido paradoxal. O que foi inserido na parte vazia da palavra constituiu o paradoxo. Aponta-se que não se trata de sentidos metafóricos ou literários, trabalha-se apenas com o sentido linguístico, enunciativo e discursivo na presente tese.

Importante reiterar que o vazio de Benveniste é a falta de referência no discurso, enquanto na presente tese demonstra-se que o as palavras contêm uma incompletude de sentido, que necessita de uma continuação para a construção do sentido. Assim, resta esclarecido que o vazio de Benveniste não coincide com o sentido de “vazio”. O vazio de que se trata na presente tese é construído com as reflexões advindas desde a dissertação de mestrado e corresponde à incompletude de sentido.

Feitas essas reflexões sobre as formas vazias, deixa-se de lado por alguns momentos Benveniste para estudarmos Ducrot e Carel. Quando concluídos os estudos sobre a ANL e a TBS, voltar-se-á aos Benveniste com o intuito de fazer uma aproximação com o que virá a seguir na fundamentação teórica, explicando como a forma vazia pode servir de maneira proveitosa aos estudos aqui propostos.

3 A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Neste momento da revisão teórica será trabalhada a Teoria dos Blocos Semânticos, terceiro momento da Teoria da Argumentação na Língua. A ANL foi iniciada com a forma *standard* proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre em 1983; no segundo momento temos o que foi chamado de Teoria dos *Topoi*. E ainda nessa segunda fase foi inserida a polifonia. O terceiro, e atual, momento é a referida teoria, que se originou na tese de doutoramento de Marion Carel, sob a orientação de Oswald Ducrot.

Esse terceiro momento utiliza, bem como o primeiro momento, os conceitos saussurianos apresentados anteriormente, e aprofunda a tese de que a argumentação acontece dentro do linguístico. Os estudos dos *topoi* – “lugar comum argumentativo” que conteria uma verdade que se basearia em fatos extralinguísticos – foram abandonados por Ducrot, porém a polifonia se mantém nos estudos atuais da Teoria da Argumentação da Língua.

3.1 NOÇÃO DE ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA E NOÇÕES IMPLICADAS

O ponto central da ANL é a afirmação de que a argumentação está na língua, é encontrada nas relações dentro do linguístico, sem a necessidade de informações extralinguísticas. Por argumentação pode-se entender a relação entre sentidos e suas continuações possíveis de um discurso de acordo com a posição do locutor. Em primeiro lugar deve restar totalmente esclarecido que o conceito de *argumentação* não deve ser confundido com o que Ducrot chama de *argumentação retórica*. No artigo “Argumentação retórica e argumentação linguística”, Ducrot (2009) coloca que essas duas formas de argumentação não têm relação direta; enquanto a *argumentação retórica* busca convencer o interlocutor de algo que o locutor acredita como verdade, a *argumentação linguística* não busca uma verdade, apenas mostra como o locutor está conectando significações para construir seu discurso.

Busca-se uma definição para um melhor entendimento do que é a argumentação, sendo assim, compreende-se que em Ducrot (2009), a argumentação

linguística, chamada a partir de agora apenas de argumentação, é a união, através do discurso, de duas proposições ligadas por um conector. A primeira proposição será chamada de argumento (A) e a segunda de conclusão (C), o conector pode aparecer de forma explícita, ou implícita, no discurso. O argumento não tem sentido se estiver isolado, necessita ser articulado com a conclusão, pois apenas através da articulação as ideias serão conexas formando um sentido, caso contrário serão apenas desconexões sem sentido. E essa articulação acontece da forma como o locutor preferir, para a construção do sentido almejado, pois um argumento não levará automaticamente a uma determinada conclusão, ou seja, o sentido envolve a relação entre o argumento, a conclusão e o conector escolhidos pelo locutor, um argumento não pode ser atrelado obrigatoriamente a uma conclusão. Pelo contrário, um argumento pode ter uma mesma conclusão e sentidos diversos, para tal, basta que o conector utilizado seja diferente. Depois de construído o discurso, observar-se-á que o sentido resultará dessas duas proposições articuladas, mas antes disso não se pode dizer que o argumento ou a conclusão possuem um sentido independente um do outro, pelo contrário, entre eles existe uma interdependência semântica.

Feita essa distinção entre argumentação retórica e linguística, passa-se, agora para a apresentação da Teoria da Argumentação na Língua (doravante ANL) e os conceitos que serão utilizados nas análises propostas.

Para apresentar a forma *standard* da ANL utiliza-se uma série de palestras proferidas por Oswald Ducrot na Universidad del Valle, em Cali, Colômbia no ano de 1988. Dessas palestras resultou o livro *“Polifonia y Argumentación – Conferencias del seminario Teoría de la Argumentacion y Análisis del Discurso”*, publicado em 1990.

Dentre os conceitos fundadores mais importantes para iniciar os estudos, estão aqueles que apontam a distinção entre *sujeito empírico*, *locutor* e *enunciador*. O *sujeito empírico* é o produtor do enunciado, o autor efetivo (Ducrot, 1988, p. 16) enquanto o *locutor* é a quem se atribui a responsabilidade do enunciado (Ducrot, 1988, p.17). O *sujeito empírico* é o ser no mundo, a pessoa física do locutor. Um locutor não precisa ser encontrado no mundo extra discursivo, ele pode ser apenas o reflexo de um momento discursivo de um sujeito empírico. O sujeito do mundo pode construir diversos locutores, atribuindo-lhes diferentes enunciados. Por exemplo, em um romance temos as vozes das personagens criadas por um autor. Cada uma dessas personagens pode ser considerada um locutor, pois responde por suas enunciações;

entretanto o autor do romance é apenas um. Seja ele quem for, o sujeito empírico é o criador dessas diferentes enunciações que são atribuídas a diferentes locutores.

Além destas duas distinções temos ainda a noção de enunciador que será importantíssima para a ANL. Segundo Ducrot:

Chamo enunciadores as origens dos pontos de vista que se apresentam nos enunciados. Não são pessoas reais, são “pontos de perspectiva” abstratos. O próprio locutor pode ser identificado com alguns desses enunciadores, mas na maioria dos casos apresenta-os guardando certa distância deles. (Ducrot, 1988, p. 20)¹

Os enunciadores serão os responsáveis pela apresentação dos pontos de vista da enunciação, dos sentidos presentes em um enunciado. Por exemplo, em *Pedro não veio, ficou em casa*. (Ducrot, 1988, p. 24), temos um enunciador que expressa que *Pedro não veio* em resposta a um enunciador que expressa que *Pedro deveria ter vindo*. Uma negação sempre carrega uma ideia polifônica. Quando utilizada na enunciação, a negação mostra uma resposta a uma afirmação, carregando assim um sentido polifônico positivo. Outro exemplo: em *Pedro ainda não veio* existe também a ideia de que *Pedro não veio* reforçada pelo *ainda*. Assim, pode-se criar o seguinte enunciador positivo *Pedro já deveria ter vindo*.

O sentido polifônico da negação é evidenciado pela compreensão dos enunciadores, pois ao mesmo tempo que expressamente está disposto na oração o sentido *Pedro não veio*, por outro lado a ideia de que ele deveria ter vindo é encontrada de forma implícita, formando um dúplice sentido, construído com a presença de um enunciador implícito e outro explícito.

No terceiro capítulo (Ducrot, 1988), aparece a conferência proferida por Ducrot, que busca contrapor a ideia tradicional de sentido. Na concepção clássica existe uma diferenciação entre indicações objetivas, subjetivas e intersubjetivas. As objetivas representam a realidade, as subjetivas são a atitude do locutor frente à realidade, e

¹ Llamo enunciadores a los orígenes de los diferentes puntos de vista que se presentan en el enunciado. No son personas sino “puntos de perspectiva” abstractos. El locutor mismo puede ser identificado con algunos de estos enunciadores, pero en la mayoría de los casos los presenta guardando cierta distancia frente a ellos.

as intersubjetivas apontam para as relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

Pode-se utilizar o seguinte enunciado para exemplificar: *Pedro é inteligente*. A indicação objetiva descreve Pedro, demonstra um fato do mundo (vem explícita na frase); a subjetiva mostra admiração do locutor em relação a Pedro (pois faz um elogio) e na indicação intersubjetiva percebemos que o locutor expressa uma forma de pedir confiança ao destinatário, ou seja, o locutor quer construir uma relação de confiança com seus interlocutores (Ducrot, 1988, p. 49 - 50).

Ducrot recusa essa concepção tradicional de sentido e um dos principais motivos para isso é o que ele chama de “valor argumentativo” (Ducrot, 1988, p. 50), que pode ser considerado a orientação que uma palavra dá ao discurso. Por exemplo, quando se diz *Pedro é inteligente*, não se pode seguir o discurso com algo como *portanto não resolverá esse problema*. *Pedro é inteligente* orienta para uma continuação positiva do discurso, como logo *conseguirá resolver os problemas matemáticos*.

Em Ducrot (1988) percebe-se, também, que a palavra “sentido” significa tanto significação quanto direção. Isso mostra a oposição em relação à distinção objetivo/subjetivo/intersubjetivo, pois o sentido de uma palavra também é uma orientação para o sentido no discurso. Além de ter uma significação, um sentido intrínseco a si mesma, a palavra orienta para uma continuação possível, delimitando as continuações, recusando as continuações que não condigam com o que está à esquerda no discurso. Nota-se que a noção de orientação pode ser muito produtiva nos estudos sobre o paradoxo, pois ao longo das análises será observado que um paradoxo acarreta uma negação, e tal negação pode ser observada com sendo o oposta à orientação, ou seja, uma continuação que é contrária às continuações possíveis.

Diante do exposto, pode-se conceituar a orientação linguística como algo que proporciona uma continuação coerente para o discurso, impedindo continuações impossíveis. Ademais, deve-se atentar para a utilização dos conectores discursivos, pois também são fundamentais para a construção do sentido.

Para se compreender essa primeira forma da ANL, a *standard*, é preciso compreender duas importantes distinções, sendo a primeira delas entre *frase* e

enunciado e a outra entre *significação* e *sentido*. Para Ducrot (1988, p. 53), o enunciado é “uma das múltiplas realizações de uma frase”. O enunciado é uma realidade empírica, que acontece na língua devido ao locutor, enquanto a frase é uma construção teórica feita pelo linguista a fim de explicar a infinidade de enunciados. Ou seja, o locutor, é responsável pela criação do enunciado. Quanto à segunda distinção, Ducrot chama de *significação* o valor semântico da frase e de *sentido* o valor semântico do enunciado.

Observa-se que na ANL, *significação* e *sentido* são termos que possuem um sentido definido pelo criador da teoria, ou seja, essas palavras correspondem às definições criadas por ele e não querem fazer referência a outros usos das mesmas palavras. É importante salientar tal noção, pois do ponto de vista metodológico, muitas palavras são utilizadas por diversas teorias e é fundamental que não se atribuam significações de outros autores, pois isso causaria uma confusão de termos e a impossibilidade de suas utilizações da forma correta para as análises.

Veja-se mais a fundo a distinção frase/enunciado. Em outro trabalho, Ducrot conceitua a frase como:

O que eu chamo de frase é um objeto teórico, entendendo por isso que ele não pertence, para o linguista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção dessa ciência particular que é a gramática. O que o linguista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc*² de uma frase. (Ducrot, 1987, p. 164)

O enunciado é uma realização empírica da entidade teórica que é a frase. Uma mesma sequência lexical (frase) pode ser repetida inúmeras vezes por um mesmo locutor, ou por locutores diferentes. Cada uma dessas repetições, ou realizações, será considerada um enunciado diferente, pois um locutor está sempre em um tempo diferente a cada realização da enunciação, isso, por si só, garante a impossibilidade de repetição de uma enunciação.

Ducrot (1988) conceitua o discurso como uma sucessão de enunciados (realizações de uma frase). Nas conferências de Cali (1988) é apresentada uma forma para identificar a segmentação do discurso em enunciados. Conforme o exemplo *Faz*

² Aqui e agora

calor, vamos passear (Ducrot, 1988, p. 54), o primeiro segmento S1 – *Faz calor* – pode ser entendido como um argumento para uma conclusão em S2 – *vamos passear*. Dessa forma, existem dois segmentos formando um enunciado, pois como visto anteriormente, S1 não possui um valor independente de S2. Prova disso é que também é possível dizer *Faz calor, não vamos passear*. O segundo segmento desse exemplo é oposto ao segundo segmento do exemplo anterior, no entanto o primeiro segmento é o mesmo em ambos. O primeiro segmento depende do segundo para ter seu sentido completo. No primeiro exemplo emerge a ideia de calor agradável para um passeio, e no segundo exemplo, o calor tornaria o passeio desagradável. Ambas as ideias são possíveis, apenas dependem do sentido que o locutor pretende construir.

Do exemplo acima, pode-se auferir a importância do locutor e a confirmação de que um sentido não está obrigatoriamente atrelado a outro. Senão vejamos. O locutor escolhe os segmentos que deseja relacionar por meio do conector para formar seu discurso, observando aquilo que pretende expressar. A possibilidade de escolher entre os segmentos e o conector demonstra que, na língua, não se encontram sentidos pré-determinados. Caso assim fosse, não seria possível combinar os mesmos segmentos para formar uma ideia totalmente oposta, mediante a simples colocação de outro conector discursivo.

Quanto à distinção entre significação/sentido pode-se ainda dizer que o sentido indica algo além do que está na frase. Utilizando o mesmo exemplo, *Faz calor, vamos passear*, Ducrot afirma que esse enunciado indica quem e quando se está falando, pois tem-se conhecimento do locutor. E, além disso, o enunciado, de forma geral, pode indicar um desejo, uma constatação, uma ameaça, uma advertência, etc. (Ducrot, 1988, p. 58). Tudo isso porque o enunciado está localizado no observável da língua e não no teórico, ele acontece devido ao locutor, que o realiza.

Já a significação é uma espécie de “modo de emprego” (Ducrot, 1988, p. 58) que direciona para a compreensão do sentido do enunciado. É um conjunto de instruções. Ou, ainda, o trabalho que se deve fazer para se compreender o enunciado e este se produz obedecendo às indicações dadas pela significação.

Para elucidar isso, mais uma vez é feita uma crítica à descrição tradicional de sentido. Frente a uma frase do tipo *X mas Y*, a descrição tradicional aponta para uma instrução onde: a) *X é verdadeira*, b) *Y é verdadeira* e c) *geralmente quando X é*

verdadeira Y é falsa. Entretanto, Ducrot (1988, p. 59) constrói de forma diferente essa instrução. A saber: busque uma conclusão r justificada por X e uma conclusão não r justificada por Y.

Outra crítica que fundamenta a ANL é a de que, na concepção tradicional de argumentação, o argumento (A) diz respeito a um fato no mundo, existe um elo que une um argumento a um fato. Ducrot não concorda com isso e mostra que um mesmo fato pode levar para argumentos diferentes. Na segunda conferência de Cali, Ducrot volta a expor que um argumento não leva necessariamente para uma conclusão. Isso implicaria dizer que um argumento **A** tem uma condição de verdade que leva em consideração o extralinguístico, fugindo assim da base da ANL que diz que a argumentação deve estar no linguístico. Nesse caso, o extralinguístico é um fato no mundo, aqui chamado de **H** (do espanhol *hecho*) buscando a nomenclatura mais fidedigna possível.

Para exemplificar o que foi dito no parágrafo anterior, observa-se os termos *pouco* e *um pouco* como exemplos (Ducrot, 1988, p. 76). Se colocados em um enunciado, como *Pedro estudou pouco* e *Pedro estudou um pouco*, ambas as formas linguísticas correspondem a um mesmo **H**, o de que Pedro estudou uma quantidade. Entretanto cada uma dessas formas orienta para uma continuação diferente do discurso. Em *Pedro estudou um pouco* pode-se seguir dizendo que, *por isso poderá ser aprovado em seu exame*, mas no caso de *Pedro estudou pouco* isso não pode ser dito, a continuação da frase implica em algo como: *por isso não será aprovado em seu exame*. Se ambas as formas *pouco* e *um pouco* dizem respeito ao mesmo **H**, por que existem essas restrições quanto às continuações possíveis para o discurso? Porque *pouco* tem uma orientação negativa enquanto *um pouco* tem uma orientação positiva. De acordo com a utilização de *um* ou *de outro*, obtém-se a orientação para esta ou aquela continuação.

A orientação destes dois termos se constitui no contraste positivo/negativo, pois se por um lado uma delas direciona o discurso para uma continuação de cunho positivo, por outro encontra-se uma conclusão negativa. Assim sendo, fica ainda mais clara a utilização da elucidação do parágrafo anterior. A orientação nada mais é do que um traço semântico direcionador da continuação, contudo é de fundamental importância que essa direção não se confunda com a obrigatoriedade, rechaçada

anteriormente. Ao se falar em orientação, busca-se entender uma perspectiva geral de continuidade do discurso, e não uma obrigatoriedade.

Logo a seguir na mesma conferência, Ducrot diz o seguinte:

Encontro-me outra vez diante de duas frases que tem as mesmas condições de verdade, que expressam portanto o mesmo fato e que no entanto são opostas do ponto de vista argumentativo. Devo concluir disso que o poder argumentativo de um enunciado não se determina somente pelo fato que esse enunciado expressa, mas também pela sua forma linguística. (Ducrot, 1988, p. 79)³

Sendo assim, a forma linguística também é importante na concepção de Ducrot. Na sequência das conferências, Ducrot aprofunda o segundo momento da ANL. Nessa revisão de literatura teórica serão brevemente vistos alguns dos conceitos da Teoria da Polifonia. Para a construção do sentido do enunciado, é necessário observar a presença dos enunciadores, que, como explicado anteriormente, representam pontos de vista. Outro constituinte do sentido de um enunciado é a posição do locutor frente a esses enunciadores e temos ainda a assimilação de um enunciador a um determinado locutor. Quanto à posição do locutor, temos três possibilidades: identificação, aprovação, oposição.

Segundo Ducrot (1988, p. 66-67), na identificação o locutor apresenta um ponto de vista e se identifica com ele. No segmento *Pedro veio* o locutor apresenta um ponto de vista, a vinda de Pedro, e assume esse ponto de vista com o objetivo de impor o ponto de vista desse enunciador. A segunda forma de posicionamento do locutor perante o enunciador é a de aprovação. O locutor mostra-se de acordo com um enunciador, mesmo que o enunciado não tenha o objetivo de impor o ponto de vista desse enunciador. Para exemplificar, estuda-se o seguinte exemplo *Pedro deixou de fumar*. Esse enunciado apresenta duas indicações: uma que está pressuposta: *Pedro fumava antes* e outra que é afirmada: *Pedro não fuma agora*. A cada uma dessas indicações chamaremos de enunciador, então teremos E1 *Pedro fumava antes*, e E2 *Pedro não fuma agora*. O locutor se identifica com E2 e aprova E1. Ducrot (1988, p.

³ Me encuentro otra vez ante dos frases que tienen las mismas condiciones de verdad, que expresan por lo tanto el mismo hecho e sin embargo son opuestas desde el punto de vista argumentativo. Debo concluir de esto que el poder argumentativo de un enunciado no se determina solamente por el hecho que expresa ese enunciado sino también por su forma lingüística.

67) finaliza dizendo: “Então o que comumente se chama pressuposição é aquilo que o locutor aprova e o que se chama de afirmação é o que o locutor se identifica”. E existe, ainda, a terceira forma de posicionamento que é a oposição, geralmente encontrada em enunciados humorísticos onde o locutor mostra um ponto de vista absurdo e se opõe a ele sem apresentar nenhum outro ponto de vista possível.

Depois desse olhar sobre alguns conceitos da teoria da polifonia, avança-se a um momento de suma importância no presente estudo: a Teoria dos Blocos Semânticos.

3.1.1 A Teoria dos Blocos Semânticos

Chamada aqui de TBS, a Teoria dos Blocos Semânticos tem início na tese de doutorado de Marion Carel, orientada por Ducrot. O trabalho que embasa de maneira mais consistente esse momento da fundamentação teórica da presente tese é o livro *La semántica argumentativa – Una introducción a la teoría de los bloques semánticos*, que é constituído de conferências proferidas por Ducrot na Universidade de Buenos Aires e de textos de Marion Carel, publicado entre o final de junho e o início de julho de 2002.

A TBS rejeita a noção de que o sentido de uma entidade linguística, seja ela palavra, sintagma, enunciado, etc., se encontra em fatores extralinguísticos. Essa teoria trata do sentido intrínseco no linguístico, aplicando os conceitos saussurianos de forma a aprofundar as ideias apresentadas na forma *standard* da ANL. Primordialmente, os conceitos de *argumento* e *conclusão* são mantidos, contudo sob nova denominação, corroborando com a noção básica de que a ligação entre eles não é advinda do extralinguístico, mas sim daquilo que o narrador almeja construir no seu discurso, mediante a utilização de conectores. A partir de agora será abordada a maneira que o terceiro momento da teoria, ao mesmo tempo, retoma e leva adiante a forma *standard*, começando pelo conceito de encadeamentos argumentativos.

Segundo Ducrot (2005, p.14), os encadeamentos argumentativos são constituídos de dois segmentos ligados por um conector e são representados pela fórmula X CONECTOR Y. Essa fórmula é uma generalização dos encadeamentos, ou seja, a representação acima é a forma genérica. Cumpre salientar que, conforme

mencionado anteriormente, a noção de que dois segmentos são correlacionados por um conector é derivada do conceito de argumento e conclusão, um dos princípios basilares da ANL. Os segmentos são representados por X e Y, e os conectores podem ser tanto normativos (DC vindo do francês *donc*) quanto transgressivos (PT vindo, também, do francês *pourtant*). A escolha de *donc* e *pourtant* é metodológica, pois eles representam respectivamente normatividade e transgressividade, no entanto poderiam ser substituídos por quaisquer outros termos que expressassem a mesma relação de normatividade ou transgressividade.

Ducrot (2005, p.14) traz como exemplo de encadeamento argumentativo normativo *Pedro é prudente, portanto não terá nenhum acidente*⁴ e de encadeamento argumentativo transgressivo *Pedro é prudente, no entanto sofreu acidentes*⁵.

A relação entre a *prudência* e *acidente*, nos casos acima, é feita de acordo com a intenção discursiva do locutor, pois é ele quem escolhe os segmentos e, principalmente, o conector a ser empregado. Assim, não existe uma relação anterior ao discurso entre os dois segmentos, mas sim uma potencialidade discursiva que é colocada em ação pelo locutor. Senão vejamos.

De acordo com Ducrot (2005), os segmentos dependem um do outro para ter sentido. É somente na relação entre os segmentos e na escolha do conector que se consegue compreender o sentido do discurso, e essas relações e escolhas são feitas pelo locutor. Sobre os dois tipos de encadeamentos apresentados anteriormente, Ducrot (2005, p. 16) diz: “(...) nos dois tipos de encadeamentos se manifesta um fato fundamental, a saber, que cada um dos segmentos encadeados toma seu sentido na relação com o outro. Esse fenômeno é o que chamamos de interdependência semântica.”⁶.

Na continuação, Ducrot apresenta uma série de exemplos que elucidarão o conceito de interdependência semântica, falando de uma situação que ocorreu na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Em determinado momento, durante uma reunião dos professores se propôs o tema das promoções. Um grupo de professores achou o tema importante e expressou que seria importante resolvê-lo

⁴ Pedro es prudente, por lo tanto no tendrá ningún accidente.

⁵ Pedro es prudente, sin embargo sufrió accidentes.

⁶ (...) en los dos tipos de encadenamientos se manifiesta un hecho fundamental, a saber, que cada uno de los dos segmentos encadenados toma solamente su sentido en la relación con el otro. Este fenómeno es el que hemos llamado interdependencia semántica.

naquela reunião, porém outro grupo de professores achou melhor postergar o assunto. Disso surgiu o enunciado:

(1) É um verdadeiro problema, posterguemos o assunto, não nos ocupemos disso no momento.⁷

Entretanto, alguém que discordasse da ideia desse enunciado poderia ter dito o seguinte:

(2) É um verdadeiro problema, portanto, não posterguemos o assunto.⁸

E ainda outros discursos são possíveis:

(3) Não é um verdadeiro problema, portanto não posterguemos o assunto.⁹

(4) Não é um verdadeiro problema, portanto posterguemos o assunto. Não falemos mais sobre isso.¹⁰

Podemos notar que o sentido de *problema* e o sentido de *postergar* têm a mesma interdependência nos discursos (1) e (3), e a mesma interdependência nos discursos (2) e (4). Em (1) e (3) surge a ideia de que frente a um problema deve-se postergar a solução, algo que poderia ser explicitado pelo encadeamento *problema DC postergar a solução*, por outro lado em (2) e (4) a ideia é oposta, pois apreende-se o sentido de que frente a um problema não se deve postergar a solução, o que poderia ser expresso pelo encadeamento *problema DC não postergar a solução*. O sentido do encadeamento varia de acordo com o que os locutores escolhem para

⁷ Es un verdadero problema, posterguemos el asunto, no nos ocupemos de eso por el momento.

⁸ Es un verdadero problema, por lo tanto, no posterguemos el asunto.

⁹ No es un verdadero problema, por lo tanto no posterguemos el asunto.

¹⁰ No es un verdadero problema, por lo tanto posterguemos el asunto. No hablemos más del tema.

compor os segmentos. A seguir serão apreciados os modos como essas diferentes formas de construir encadeamentos ajudam a construir a ideia de bloco semântico.

Se forem traduzidos em encadeamentos argumentativos, (1), (2), (3) e (4), sobressair-se-á, respectivamente, o seguinte: *problema DC postergar*, *problema DC não postergar*, *não é um problema DC não postergar* e *não é um problema DC postergar*. O primeiro segmento será denominado de **A** (problema) e o segundo de **B** (postergar) e a negação será abreviada como **neg**. Assim: A DC B, A DC neg B, neg A DC B e neg A DC B. A cada uma dessas possibilidades será dado o nome de aspecto argumentativo, que quando relacionados entre si formarão relações discursivas, o que será pauta mais adiante.

Em Ducrot (2005, p. 20) tem-se uma explicação mais bem elaborada sobre os aspectos utilizando o seguinte exemplo: *O hotel está perto da universidade, portanto é fácil chegar*.¹¹ Nesse caso A será *perto* e B *fácil de chegar*, assim poderia ser construído o encadeamento *perto DC fácil de chegar* (aspecto argumentativo A DC B) para expressar o enunciado. Esse é um exemplo de aspecto argumentativo do tipo normativo, pois utiliza DC. Pode-se construir, também, o aspecto argumentativo do tipo transgressivo mediante a utilização do conector PT. Conforme o exemplo em Ducrot (2005, p. 21) *O hotel está perto da universidade, no entanto não é fácil de chegar*.¹², construindo o encadeamento *perto PT neg fácil de chegar* (aspecto argumentativo A PT neg B), que corresponde à ideia de transgressividade, pois ainda que o hotel esteja localizado perto da universidade, chegar até ele é difícil.

Utilizando dois segmentos, dois conectores e também a negação se ampliam para oito as possibilidades de construção de diferentes encadeamentos, que serão mostrados mais adiante neste trabalho. Por hora resta apontar que é importante eleger o conector correto para se construir o encadeamento, pois, segundo Ducrot (2005, p. 22), “(...) não existem orações que sejam incompatíveis entre si, todas as orações são compatíveis umas com as outras, o problema é decidir o conector correto, seja PT, seja DC”.¹³ Demonstrada a importância da escolha do conector, pode-se

¹¹ El hotel está cerca de la Universidad, por lo tanto es fácil llegar.

¹² El hotel está cerca de la Universidad, sin embargo no es fácil llegar.

¹³ (...) no hay oraciones que sean incompatibles entre sí, todas las oraciones son compatibles unas con otras, el problema es elegir el conector correcto, sea SE, sea PLT.

compreender que caso a escolha não seja adequada, o encadeamento não será compreendido.

As possibilidades de relacionamento dos segmentos, bem como a utilização dos conectores e a da negação, serão o objeto a ser estudado de modo mais profundo a partir daqui. Para tal, serão aplicadas todas as possibilidades de relação entre **A** e **B**, com o uso dos conectores e da negação, buscando abranger as diversas situações discursivas com intuito de construir um bloco de sentido. Apresenta-se uma paráfrase do enunciado (1) presente nos estudos ducrotianos (2005, p. 23): *Há um verdadeiro problema, portanto o deixemos de lado.*¹⁴. Mais uma vez nota-se a existência do encadeamento A DC B, sendo que A significa problema e B postergar. Como dito anteriormente, poderão ser construídos oito encadeamentos, ou seja, sete além do já demonstrado. No entanto, os encadeamentos devem ter relações de sentido para encaixarem-se dentro de um bloco. No caso do exemplo acima está presente o sentido de que frente a um problema deve-se postergá-lo. Outrossim, observe-se o seguinte exemplo também apresentado em Ducrot (2005, p. 24): *Há um verdadeiro problema, portanto não o deixemos de lado.*¹⁵ Nesse caso o encadeamento será A DC neg B, que é o sentido oposto de A DC B. Ao falar-se de oposto, cumpre informar que se trata de uma negação, pois o segundo segmento é negado. Ademais, a interdependência semântica, constrói o sentido de que frente a um problema não se deve postergá-lo, mas sim enfrentá-lo.

De acordo com a interdependência semântica de *frente a um problema é preciso postergá-lo*, pode-se criar os seguintes encadeamentos:

problema DC postergar
 problema PT neg postergar
 neg problema PT postergar
 neg problema DC neg postergar

Resta evidenciado, por conseguinte, o bloco semântico 1 (BS1):

¹⁴ Hay un verdadero problema, por lo tanto dejémolo de lado.

¹⁵ Hay un verdadero problema, por lo tanto no lo dejemos de lado.

A DC B
 A PT neg B
 neg A PT B
 neg A DC neg B

Já com a ideia oposta, *frente a um problema não se deve postergá-lo*, os seguintes encadeamentos se fazem imperativos:

problema DC neg postergar
 problema PT postergar
 neg problema DC postergar
 neg problema PT neg postergar

Formando o bloco semântico 2 (BS2):

A DC neg B
 A PT B
 Neg A DC B
 Neg A PT neg B

Dessa forma, constitui-se a espinha dorsal da Teoria dos Blocos Semânticos, fundada na ideia de encadeamento argumentativo, advinda do conceito saussuriano de relação; de aspecto argumentativo, que se forma da interdependência semântica entre os dois segmentos ligados por um ou outro conector. O conjunto de encadeamentos com a mesma interdependência constitui um bloco semântico.

Ducrot (2005) propõe uma formalização dos blocos semânticos através do quadrado argumentativo, em que os aspectos de cada bloco formarão relações discursivas, chamadas de conversas, recíprocas e transpostas. No quadrado argumentativo o primeiro segmento será denominado X, o segundo segmento será chamado de Y e CON servirá para ambos os conectores. Entretanto, na formulação

do quadrado quando CON representar DC, por exemplo, CON' representará PT e o oposto também se seguirá, quando CON corresponder a PT, CON' será DC. A negação continuará representada por neg. Em Ducrot (2005, p. 40) é feita a apresentação dos aspectos e suas relações discursivas, demonstrando que *A CON B* e *A CON' neg B* são conversos dentro do bloco semântico 1 e *neg A CON' B* e *neg A CON neg B* são conversos no bloco semântico 2. Quanto aos recíprocos, ter-se-á no bloco semântico 1 *A CON B* e *neg A CON neg B*, e no bloco semântico 2 *neg A CON' B* e *A CON' neg B*. E por fim, as relações entre aspectos transpostos serão apresentadas no bloco semântico 1 entre *A CON B* e *neg A CON' B* e, no bloco semântico 2, entre *neg A CON neg B* e *A CON' neg B*.

Diante do exposto, cabe estabelecer como as relações são configuradas, através do confronto dos dois blocos. Dessa forma, os conversos são construídos a partir da manutenção do primeiro segmento, a troca do conector e a negação do segundo segmento; nos recíprocos existe a negação do primeiro segmento, a troca do conector e também a negação do segundo segmento e no caso das transpostas observa-se a troca do conector, a negação do primeiro segmento e a manutenção do segundo segmento. Essas relações podem ser apresentadas de maneira conjunta no seguinte quadrado, que evidencia as relações discursivas de um modo genérico.

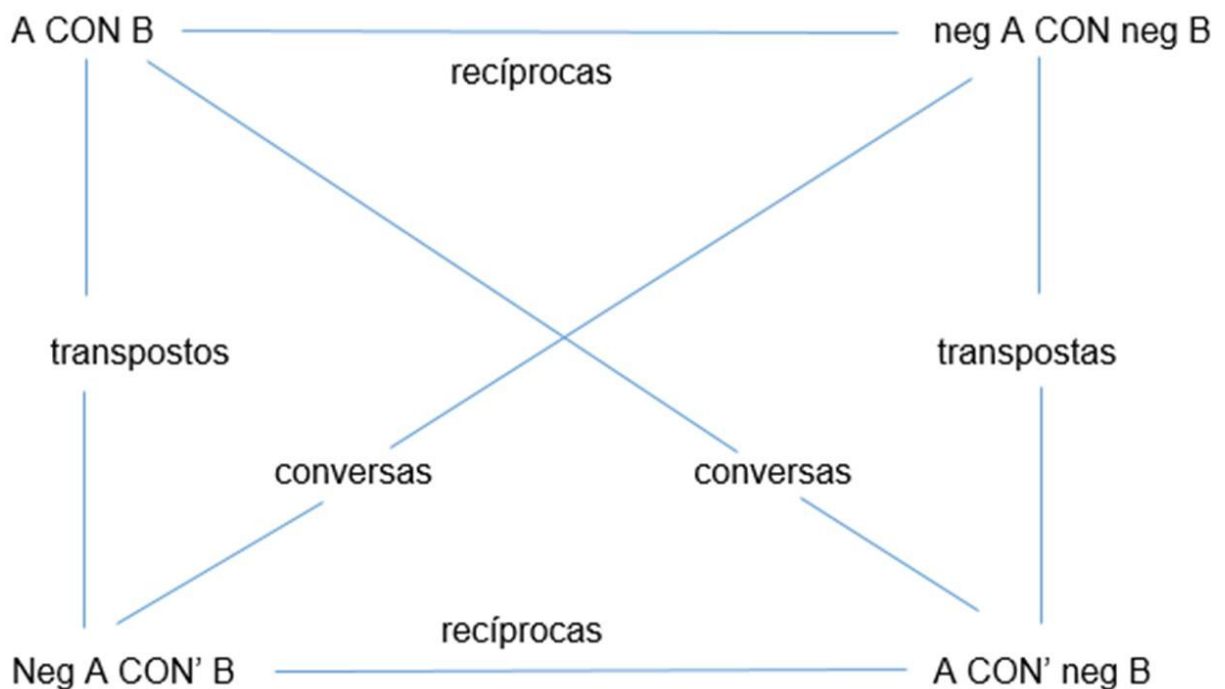


Figura 1 – Quadrado argumentativo
Fonte: Ducrot (2005, p.41)

Feita a formalização genérica do quadrado argumentativo, busca-se, na sequência, explorar um pouco mais sua forma através do estudo de elucidações mais concretas. Para isso, serão dispostas no quadrado as relações apresentadas em cada bloco semântico, iniciando pelo sentido construído na relação dos segmentos problema e postergar, com a interdependência de que quando enfrenta-se um problema, deve-se postergá-lo. Assim sendo, *problema DC postergar* representa o BS1, em que existirá a formulação do seguinte quadrado:

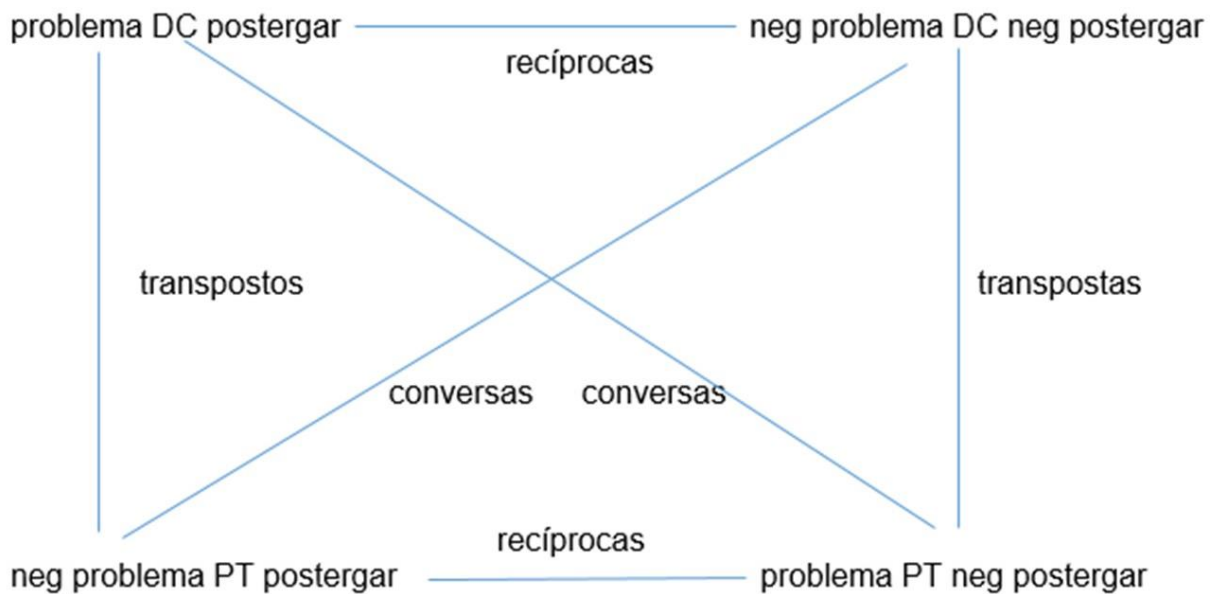


Figura 2 – Representação em forma de quadrado argumentativo de BS1
Fonte: o autor

Frisa-se que o quadrado argumentativo foi constituído respeitando a disposição genérica dos encadeamentos e sua relação com os conectores a com a negação, demonstrada na figura 1.

E no caso da ideia contrária, BS2, em que *problema DC neg postergar*, ou seja, o bloco inverso, que conta com a interdependência oposta à do BS1, (novamente, o termo “oposta” demonstra que existe a negação do segundo segmento do encadeamento) o seguinte quadrado argumentativo será evidenciado:

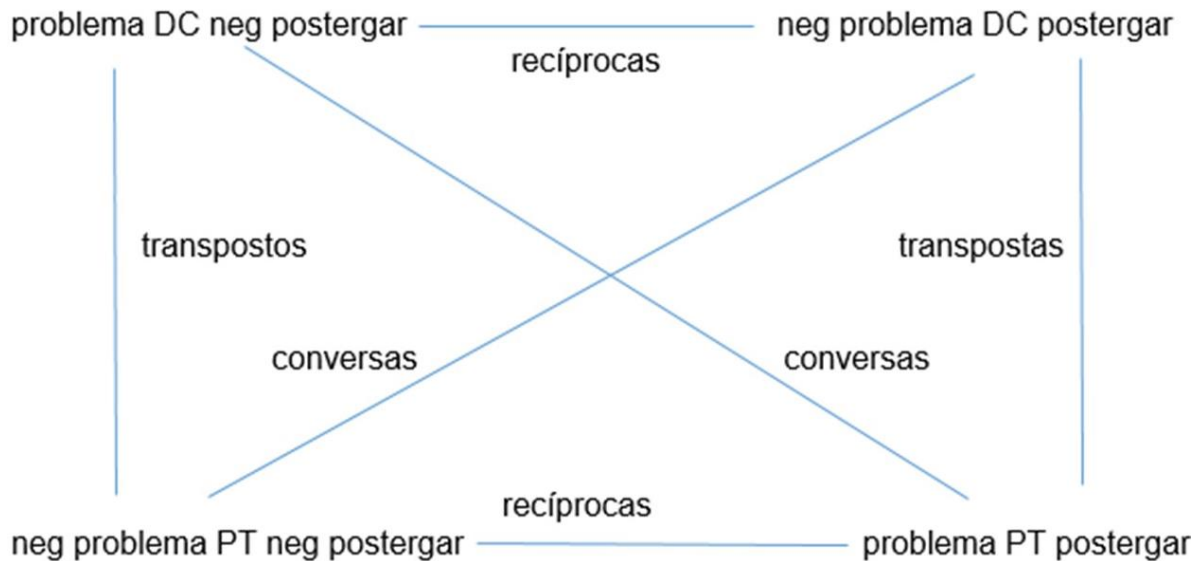


Figura 3 – Representação em forma de quadrado argumentativo de BS2

Fonte: o autor

Do exposto acima, vê-se que as duas formas de bloco semântico são representadas por quadrados argumentativos. Esses diferentes quadrados só ocorrem devido às diferentes interdependências semânticas que são construídas pelos locutores.

O quadrado argumentativo serve também como forma de colocar em teste os encadeamentos que serão produzidos nas análises, pois, ao criar um encadeamento, os outros encadeamentos a ele relacionados também serão formulados, constituindo, por consequência, o bloco semântico. O quadrado servirá para mostrar as relações entre esses encadeamentos e se essas relações se encaixam com a interdependência semântica criada pelo enunciado em estudo.

O conceito de *argumentação interna* também será importante nas análises que serão realizadas na presente tese. Ducrot (2005, p. 64) aponta que “A argumentação interna (AI) de uma entidade *e* está constituída por um certo número de aspectos *a* que pertencem os encadeamentos que parafraseiam essa entidade *e*”¹⁶. Pelo termo “entidade”, Ducrot entende tanto itens lexicais quanto sintagmas. As AI são uma forma de parafrasear, em forma de encadeamento, as entidades em questão, ou seja, um item lexical, ou até mesmo uma combinação de sintagmas, podem ter seu sentido

¹⁶ La argumentación interna (AI) de una entidad *e* está constituida por un cierto número de aspectos *a* los que pertencem los encadenamientos que parafrasean esta entidad *e*.

expresso na forma de encadeamento, bastando, para tanto, a correta utilização dos conectores e a escolha adequada dos segmentos.

Em Ducrot (2005) são explicitadas as propriedades que diferenciam as *argumentações internas* das *argumentações externas*, que serão o tema do próximo momento dessa fundamentação. Por hora estuda-se apenas as propriedades das argumentações internas. A primeira delas aponta que os encadeamentos que formam alguma AI não contêm a entidade e como um de seus segmentos (Ducrot, 2005, p. 65). Por exemplo, ao descrever *prudente*, pode-se criar o seguinte encadeamento *perigo DC precaução*, pois a entidade em estudo não aparece em nenhum dos dois segmentos.

A segunda propriedade distintiva entre AI e argumentação externa (AE) é a de que não se encontra o aspecto converso nas AI, mas sim o aspecto recíproco. Ducrot explica como as AI não podem apresentar o aspecto converso:

Retomemos o exemplo de *prudente*. Na sua AI encontramos, neste meu ponto de vista, *perigo DC precaução*, mas não *perigo PT neg precaução*, já que *perigo PT neg precaução* é a AI de outra palavra, a saber, *imprudente*. No caso de *inteligente* encontramos em sua AI *difícil PT compreende*, mas não *difícil DC neg compreende* que é a AI de *não inteligente* ou de *bobo*. (Ducrot, 2005, p. 65)¹⁷

Percebe-se que o aspecto converso de uma entidade representa seu oposto semântico, conseqüentemente, constitui-se uma outra entidade linguística diversa, por isso não é possível encontrar os aspectos conversos nas argumentações internas. Para elucidar o fato de que é o aspecto recíproco que pode ser encontrado nas AI, Ducrot (2005, p. 65) apresenta a AI da palavra *prova*, onde consta *bom aluno DC aprova*. E seu aspecto recíproco constitui-se em *neg bom aluno DC neg aprova*, que ainda faria parte da AI de *prova*. Aqui se faz necessário um pequeno parêntese. Ducrot (2005, p. 66) defende-se de um questionamento utilizando uma ideia socrática de que as palavras comportam a ideia de bem, pois na AI de *prova* pode-se questionar o encadeamento dizendo que na verdade essa AI corresponde a *boa prova*. No entanto,

¹⁷ Retomemos El ejemplo de *prudente*. En su AI encontramos, desde mi punto de vista, *peligro PLT precaución*, pero no *peligro SE neg precaución*, ya que *peligro SE neg precaución* es la AI de otra palabra, a saber, *imprudente*. En el caso de *inteligente* encontramos en su AI *difícil SE comprende* pero no, *difícil PLT neg comprende* que es la AI de *no inteligente* o de *tonto*.

se as palavras, conforme Sócrates, carregam a noção de bem, não é necessária a apresentação do adjetivo *boa*, pois a noção de bem já está presente intrinsecamente em *prova*. Tal fato não deve ser confundido com uma informação extralinguística, como um *topos*. A questão filosófica esclarece que, ao se construir um discurso, o locutor utiliza a noção de bem, em outras palavras, o estado pleno ideal de uma palavra, sendo desnecessário especificar, em cada termo, a sua especificidade positiva ou negativa, por isso apenas o negativo, ou o não positivo, necessita de uma explicitação no linguístico.

A AE de uma entidade *e* são “(...) os encadeamentos em que *e* pode ser a origem, e o término. Em outras palavras, a argumentação externa de uma entidade *e* está constituída pelos encadeamentos que vão até *e* ou que vem de *e*.” (Ducrot, 2005, p. 62). Segue-se com a utilização de *prudente* como exemplo. Uma argumentação externa possível é *Pedro é prudente, portanto estará seguro*, onde encontra-se a própria entidade dentro do encadeamento e esta é a primeira propriedade distintiva de uma AE das AI. Pode-se ter, também, um encadeamento que vá até *e*: *Tem medo, portanto é prudente*. Mais uma vez encontra-se a entidade dentro do encadeamento. Conforme brevemente mencionado, essa primeira propriedade distintiva resta esclarecida agora, pois observa-se claramente que a própria entidade linguística – *prudente* – consta no encadeamento.

De acordo com Ducrot, a segunda das propriedades distintivas é a seguinte:

Suponhamos que um aspecto corresponde à argumentação externa de *e* e esse aspecto é do tipo *e CON X*, por exemplo *prudente DC segurança*. Sendo assim, diremos que na AE dessa mesma *e* encontraremos também um aspecto em que *e* está ligado a *neg X* mediante *CON'*. Dessa forma, se na AE de *prudente* está o aspecto *prudente DC segurança*, também estará o aspecto *prudente PT neg segurança*. Como se observa, os aspectos pertencentes às AE vão sempre em pares. (Ducrot, 2005, p.63)¹⁸

¹⁸ Supongamos que un aspecto corresponde a la argumentación externa de *e* y este aspecto es del tipo *e CON X*, por ejemplo *prudente PLT segurança*. Si esto es así, diremos que en la AE de esa misma *e* encontraremos también un aspecto en el que *e* está unido a *neg X* mediante *CON'*. De esta manera, si en la AE de *prudente* está el aspecto *prudente PLT seguridad*, también estará el aspecto *prudente SE neg seguridad*. Como se observa, los aspectos pertenecientes a la AE van siempre por pares.

O caso mencionado é de uma AE à direita, pois o encadeamento vem da entidade linguística. No caso contrário, onde o encadeamento leva a e, ou seja, X CON e, existirá uma AE à esquerda.

Cumpra ainda discorrer sobre a diferenciação entre AE estrutural e contextual apresentada em Ducrot (2005, p. 64). As argumentações externas estruturais estão previstas na língua, fazem parte da significação linguística de e, que é o caso de *prudente DC segurança*. No entanto, pode-se também contextualizar a entidade de forma que seu sentido venha a depender da situação discursiva. Ducrot exemplifica com o contexto em que se contrata um guarda-costas para a proteção contra assassinos. Se o guarda-costas for prudente, ele não arriscará a sua vida para salvar aquele que o contratou, logo o encadeamento *prudente DC neg segurança*, que não está previsto na língua, torna-se possível dentro desta situação discursiva.

Essa diferenciação também diz respeito às AI, que podem ser estruturais e contextuais. Nas palavras de Ducrot (2005, p. 77):

Chamo “livre” a quem faz o que a sociedade proíbe.¹⁹

Nesse caso a AI de livre é *proibido DC faz* que é um sentido dado pelo enunciado, construído da forma como o locutor deseja expressar a palavra *livre*. Ante o exposto, nota-se que o contexto pode alterar o sentido de uma entidade linguística, ou seja, o estudo do contexto linguístico também se mostra importante.

Ducrot e Carel pouco trabalharam com a utilização de contextos maiores, como discursos. Na presente tese, busca-se além de analisar o sentido estritamente linguístico, também passar ao campo do contexto, principalmente partindo dos estudos do paradoxo contextual.

Ademais, resgata-se aqui uma figura utilizada por Borges (2011), em que foram explicitadas as relações de uma entidade linguística, genérica, com as argumentações, tanto interna quanto as externas.

¹⁹ Llamo “livre” a quien hace lo que la sociedad prohíbe.

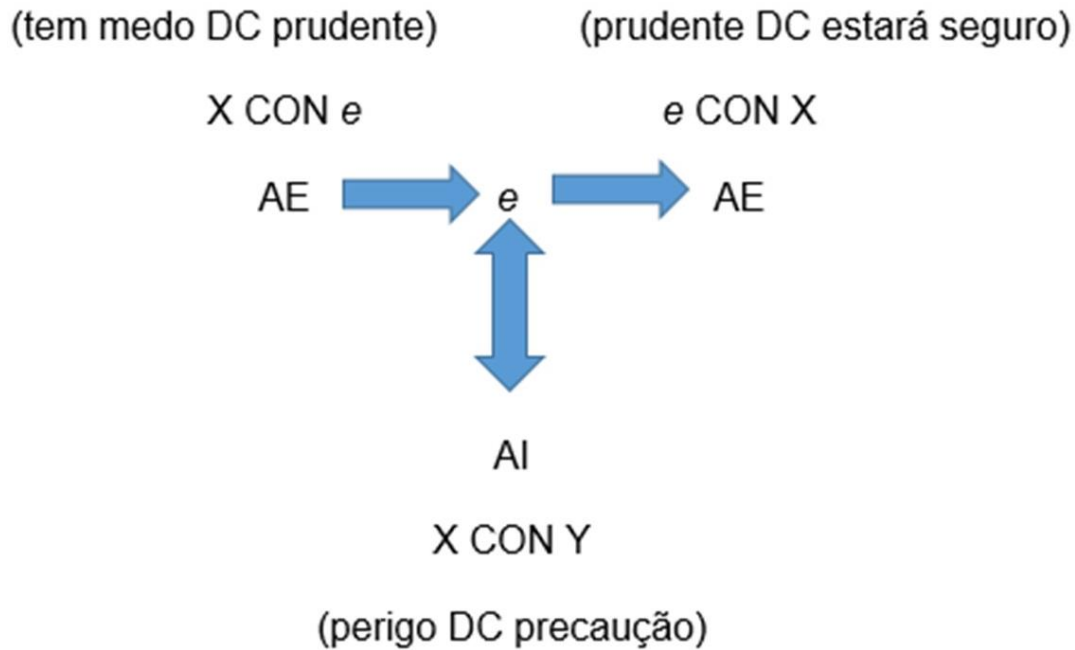


Figura 4 – Relação das argumentações com a entidade linguística
 Fonte: Borges (2011, p. 47)

Recuperem-se as palavras explicativas elaboradas naquele trabalho:

Na figura, *e* representa a entidade *prudente*, *X* e *Y* são os segmentos que são interligados por um conector *CON*. Com a figura acima tentamos mostrar como as argumentações se relacionam com a entidade. *X CON e* é a argumentação externa à esquerda, aquela que nos leva até a entidade *e*; e *e CON X* é a argumentação externa à direita, ou seja, a argumentação que é resultante da *e*. *X CON Y* é a argumentação interna da *e*. Optamos por colocar as setas com pontas duplas para demonstrar que a *AI* está inserida na *e*, ou seja, representa uma paráfrase da *e*. (BORGES, 2011, p.49)

Buscou-se trazer mais uma vez a figura acima para este estudo, pois, além de dar continuidade à dissertação que foi o resultado parcial de estudos iniciados há mais de cinco anos, continua sendo relevante para os estudos, já que explicita claramente o modo como as argumentações se relacionam com a entidade linguística.

Do que foi trazido na fundamentação teórica sobre o pensamento de Ducrot, juntamente com Anscombe, em um primeiro momento, e mais adiante, atualmente, com Carel, restou evidente a demonstração de que, para Ducrot, a palavra orienta para uma continuação no discurso, o que fica esclarecido na concepção de argumentação externa estrutural.

A noção de verdade, ou seja, aquilo em que o locutor acredita, está, para Ducrot, dentro da língua, sem levar em consideração as informações extralinguísticas, ou seja, não existe uma “verdade”, mas sim um sentido construído por um locutor, utilizando as argumentações contidas na língua. Esse é um fato importante, pois ao contrário de outras áreas de estudos sobre as ciências humanas, a linguística trata da língua e discurso, deixando os outros fatores fora do linguístico para outras áreas ou para interfaces de outras áreas com a linguística. Não se busca aqui defender esta ou aquela teoria, muito menos este ou aquele ponto de vista, apenas deixar claro que se pode estudar um mesmo objeto de diferentes pontos de vista e, logicamente, obter diferentes resultados. Aqui as teorias enunciativas são privilegiadas, em especial o momento mais recente da ANL, pois acredita-se que é importante estudar um objeto linguístico a partir de um ponto de vista puramente linguístico sem utilizar fatores externos.

A TBS radicaliza a ideia saussuriana de relação através da criação dos encadeamentos argumentativos. Fala-se em radicalizar, pois leva às últimas consequências a noção de relação, mostrando de forma simples onde as relações estão inseridas na língua, e principalmente sendo construída pelos locutores. Prova disso é que a construção do bloco semântico considera uma interdependência semântica que é construída pelo locutor, pois dois diferentes locutores podem usar diferentes interdependências e acabarão formulando diferentes blocos a partir dos mesmos conceitos.

3.1.2 Relações entre Benveniste e Ducrot

Outra ideia desenvolvida em Borges (2011) é a aproximação de Benveniste e Ducrot, que também será recuperada aqui, pois importante para as análises subsequentes. Sendo o paradoxo de Ducrot uma continuação fora do comum, na língua, para um segmento, ou seja, uma imprevisibilidade na orientação da palavra, sintagma ou enunciado, e a forma vazia uma forma a ser preenchida no uso da língua pelo locutor, pode-se afirmar que o paradoxo se constitui no vazio de um signo de forma não prevista pela língua. Esclarecendo. O vazio de um signo é um espaço a ser preenchido pela sua continuação, e quanto maior seu espaço vazio, mais

possibilidades de continuação. Por outro lado, quanto menor o espaço vazio, menores serão as continuações possíveis, vide o exemplo do termo *árvore*, trabalhado anteriormente. Essas continuações possíveis são as previstas na língua, ou seja, são estruturais. Cumpre informar que apenas se pode determinar o tamanho da parte vazia de uma palavra na aproximação entre termos, ou seja, mediante comparação entre termos. Assim, não existe uma gradualidade definida, mas pode-se afirmar que um termo tem uma parte vazia maior do que outro, quando ambos são analisados de forma conjunta.

Quando se cria o encadeamento de uma entidade lexical, respeita-se a orientação que é dada por essa entidade, e bem como a parte cheia dessa entidade, preenchendo somente o necessário, ou seja, preenchendo a parte que está ainda vazia. No entanto, o paradoxo é criado exatamente não respeitando a orientação; sendo assim imprevisível e construído de acordo com o locutor, e com o sentido almejado pelo produtor do discurso, que utiliza essa imprevisibilidade para formar seu discurso.

Observe-se a próxima figura:

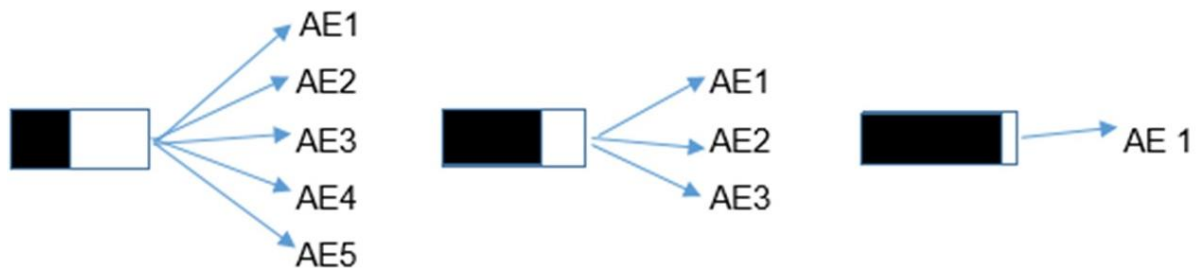


Figura 5 – Relação das formas vazias com as argumentações externas
Fonte: Borges (2011, p. 52)

Dessa feita:

A figura acima mostra a relação que as argumentações externas têm com a parte vazia do signo. O retângulo simboliza uma entidade, seja palavra, sintagma, etc. A parte escura do retângulo é o que consideramos o que já está preenchido e a parte branca, a parte a ser preenchida, a vazia. De acordo com a figura, e nosso pensamento até o momento, quanto maior a parte preenchida, menor a parte vazia. Mas o importante que pretendemos trazer aqui é que quanto maior a parte vazia mais possibilidades de continuações. Os números ao lado de cada AE representam apenas possibilidades de continuação, essas possibilidades não podem ser medidas, pois cada signo terá uma gama variada, no entanto o que queremos mostrar aqui é a relação da parte vazia com as AE. A parte mais à direita da figura não quer dizer que

aquela parte vazia possui apenas uma possibilidade de continuação, quer dizer apenas que contém menos possibilidades do que a parte central da figura, que por sua vez contém menos possibilidades do que a parte mais à esquerda. (BORGES, 2011, p. 54)

Após a explicação da figura, um exemplo faz-se imprescindível. A palavra *árvore* tem muitas possibilidades de continuação, ou seja, orienta para diversas sequências, em virtude de sua parte vazia. Quando se associa, discursivamente, essa palavra com *genealógica*, obtém-se a construção de uma outra entidade e, cujas possibilidades de continuação serão menores, pois não se pode mais combinar com sentidos relacionados a plantas, por exemplo. Se ainda se tratasse do termo *árvore*, de forma isolada, ainda seria possível fazer continuações que carregassem ideais relacionadas a plantas, mas *árvore genealógica* não pode ser relacionada a plantas. Conclui-se, por consequência, que *árvore genealógica* tem uma parte vazia menor do que *árvore*, pois possui menos AE à esquerda possíveis.

Ao continuar na construção do sintagma agregando outro termo a *árvore genealógica*, como por exemplo, *árvore genealógica materna*, o sentido ficará ainda mais restrito. Já não serão possíveis continuações que tragam a ideia de que a entidade é uma planta e agora também está restrito o sentido para apenas o lado materno de uma *árvore genealógica*. A entidade *árvore genealógica materna* possui uma parte vazia menor do que a entidade *árvore*, logo possui menos continuações possíveis.

Apresenta-se também a parte escura dos retângulos como a AI estrutural da entidade, ou seja, a parte que está presente na estrutura da palavra, que implica o encadeamento argumentativo como estrutural e não contextual. Para se ter uma AI contextual faz-se mister um contexto discursivo maior.

Mais uma vez, de acordo com o exemplo criado para exemplificar a Figura 5, nota-se que a entidade linguística *árvore* possui uma parte estrutural que representa algo como *estrutura organizada*, porque pode-se criar outros sintagmas utilizando a palavra *árvore*: *árvore genealógica*, *árvore sintática*, cuja ideia de *estrutura organizada* está sempre presente. Sendo assim, na AI estrutural de *árvore*; ou, segundo Benveniste, na sua parte não vazia, encontra-se a ideia de *estrutura organizada*.

A forma vazia é preenchida quando prevista pela língua; quando não é prevista, necessita de um contexto maior, que é criado pelo locutor.

Em Borges (2011) também se concluiu que a forma vazia corresponde à parte estrutural da língua, por isso acaba não prevendo o paradoxo. Quando Benveniste fala da forma vazia, aponta que é preciso uma contextualização discursiva por parte do locutor para ter referência, no entanto não diz se esta contextualização tem que estar prevista pela língua. Acredita-se que o paradoxo também pode precisar dessa contextualização discursiva, logo, a forma vazia descrita por Benveniste não abrange o paradoxo. Entretanto, a não previsibilidade pela língua do contexto discursivo criado por um locutor pode servir para corroborar o fato de que a parte vazia da palavra permite a criação do paradoxo.

Se Benveniste não diz que a contextualização deve estar prevista pela língua, por um raciocínio lógico, ela pode não estar. Não é feita uma restrição do tipo “prevista pela língua”. Uma ideia que sustenta o pensamento que é pertinente é a noção de Sócrates, de que quando descrevemos algo, descrevemos de forma positiva. Colocando essa proposição nos estudos desenvolvidos, pode-se afirmar que as orientações levam para uma previsibilidade positiva. E por positivo entenda-se que é apenas a mais prevista, não relacionando o sentido de positivo como “agradável”, pois uma orientação pode levar para algo “desagradável” e mesmo assim ser prevista na língua. A ideia de positividade de Sócrates apenas confirma a utilização do que é mais previsto pela língua quando se reflete sobre a mesma. Isso também serve para elucidar o fato de que o paradoxo prende a atenção do leitor, pois este precisa procurar no contexto discursivo a continuação possível da entidade em questão.

Quando um leitor se depara com a *palavra* prudente, por exemplo, existe a previsão de que sua orientação, sua continuação, levará para algo agradável, enquanto *imprudente* levará para algo desagradável. Isso está intrínseco na estrutura da língua. Para *prudente* acarretar uma continuação desagradável um contexto discursivo mais amplo faz-se necessário.

Ducrot acaba tratando o paradoxo como sendo algo estrutural, pois os encadeamentos criados a partir de entidades paradoxais correspondem à oposição de uma AE estrutural. A oposição ao estrutural não transforma o encadeamento em contextual, pois estrutural e contextual não são opostos, apenas diferentes.

Mais uma vez, buscando fundamento dos atuais pensamentos na dissertação retro, propõe-se que o paradoxo também pode ser considerado contextual, pois pode ser construído a partir de uma situação discursiva criada por um locutor. Logo só pode

ser entendida da forma contextual, necessitando de um contexto mais amplo para estudar esse paradoxo que foi chamado de paradoxo contextual (Borges, 2011).

Finalizando a presente seção, acredita-se que a forma vazia orienta para uma continuação prevista pela estrutura da língua, já no paradoxo, a continuação não é prevista, mas sim discursiva, sendo, em alguns casos, compreendida em um contexto menor (como uma palavra, sintagma ou enunciado) e em outros precisando de um contexto maior (texto mais longo como uma música ou crônica). Conclui-se que as formas vazias não orientam para paradoxos contextuais, pois orientam para continuações estruturais, logo podem orientar, no máximo, apenas para os paradoxos estruturais. Reitera-se, novamente, que o sentido do item lexical “vazio” para Benveniste diz respeito à falta de referência, e o sentido de “vazio” para a presente tese corresponde a uma incompletude de sentido.

4 O PARADOXO NA ANL

Dentro das conferências que deram origem ao livro *La semántica argumentativa* (2005), Ducrot também fala sobre a questão do paradoxo. Ademais, um artigo escrito por ele e Carel (2001) também fornece questões relevantes sobre o paradoxo. No primeiro momento das conferências, Ducrot mais uma vez se opõe à ideia de que a língua contém opiniões intrínsecas. Dessa vez se opõe ao que chama de “expressão socialmente paradoxal” (Ducrot, 2005, p. 78).

Ducrot (2005) começa definindo o paradoxal na ANL através da apresentação do que chama de encadeamento doxal, para depois passar aos encadeamentos paradoxais. Mais adiante essa diferenciação será feita também nos enunciados e nas palavras.

De acordo com Ducrot (2005, p. 79-80), um encadeamento (X CON Y) é doxal quando um dos segmentos faz parte da AE estrutural de X ou de Y. Exemplifica da seguinte forma:

Havia perigo, portanto Paulo tomou precauções.²⁰

Forma-se, assim, o encadeamento *perigo DC precaução* que é doxal, pois pode ser considerado uma das AE possíveis de *Havia perigo*. Como também poderia ser considerada doxal a seguinte continuação: *no entanto Paulo não tomou precauções* que também é uma AE possível do primeiro segmento. Ambas continuações são previstas pela língua, configurando os segmentos como argumentações externas, pois a entidade linguística está contida no encadeamento, uma vez que não dependem da contextualização construída pelo locutor no discurso, bastando seu sentido estrutural. Logo, são consideradas argumentações externas estruturais.

Sobre os encadeamentos paradoxais, no mesmo trabalho, Ducrot explica que o paradoxal é:

²⁰ Había peligro por lo tanto Pablo tomó precauciones.

(...) o paralelo ao doxal. Recordamos que um encadeamento X CON Y é paradoxal se X CON' Y pertence a AE estrutural de X ou de Y. Por exemplo uma argumentação X DC Y é paradoxal, se na AE estrutural de X temos X PT Y. A ideia geral é que um encadeamento paradoxal é oposto à AE de um de seus segmentos. É oposto no sentido em que existe uma troca de conector entre ambos. (Ducrot, 2005, p.82) ²¹

Veja-se um exemplo trazido por Ducrot:

Pedro disse isso, portanto não pensa isso.²²

A AI desse encadeamento é *disse DC neg pensa* que o caracteriza como encadeamento paradoxal, pois na AE estrutural de X (nesse caso *Pedro disse*) não está contida a previsão da continuação *DC neg pensa*.

Depois passa-se às definições de sintagma paradoxal, e mais uma vez Ducrot parte do doxal: Um sintagma doxal é um sintagma cuja AI é um encadeamento doxal. (Ducrot, 2005, p. 83). Por exemplo, *parente cordial* tem na sua AI: *x ama y DC x se dá bem com Y*, que é uma AE estrutural possível de *x ama y*.

No caso dos sintagmas paradoxais, um dos exemplos trazidos por Ducrot é o sintagma *amor sádico*, constituinte do seguinte encadeamento *ama DC faz sofrer*. É considerado paradoxal, pois na AE estrutural de *amar* teremos *ama DC neg faz sofrer* ou *ama PT faz sofrer*. Outrossim, estudando o segmento *faz sofrer*, nota-se que, estruturalmente, não se pode continuar com *ama*. Os conceitos de *amor* e *sofrimento* não são apontados como decorrentes um do outro, ou seja, quando se trata da estrutura, um não leva a outro.

Por último, Ducrot (2005) apresenta sua definição para palavras paradoxais. Para isso utiliza a palavra *masoquista*, que afirma ser "(...) alguém que gosta de sofrer" (Ducrot, 2005, p. 85). A palavra acima terá a seguinte AI: *sofre DC está satisfeito*. No entanto na AE estrutural de *sofrer* temos: *sofre DC neg está satisfeito*.

²¹ (...) es lo paralelo a lo doxal. Recordemos que un encadenamiento X CON Y es paradójico si X CON' Y pertenece a la AE estructural de X o de Y. Por ejemplo, una argumentación X PLT Y es paradójica, si en la AE estructural de X tenemos X SE Y. La idea general es que el encadenamiento paradójico es opuesto a la AE de uno de sus términos. Es opuesto en el sentido en que hay un cambio de conector entre ambos.

²² Si Pedro dice eso, por lo tanto no lo piensa.

Ducrot (2005) ainda faz um último comentário sobre o paradoxal pela ANL, propondo uma hipótese chamada hipótese lexical. Essa hipótese:

(...) consiste em dizer que a AI de uma palavra (utilizo palavra no sentido de elemento de léxico) é sempre doxal ou paradoxal. Não existem palavras cuja AI se coloque em um lugar intermediário entre o doxal e o paradoxal. Essa seria uma maneira de distinguir a palavra do sintagma. A saber, além dos sintagmas doxais e paradoxais, existem também sintagmas que não são doxais nem paradoxais. (Ducrot, 2005, p. 86-87) ²³

Segundo Ducrot (2005), devido às grandes possibilidades do locutor de construir sintagmas, existem sintagmas que não são doxais nem paradoxais. Como exemplificação, usa-se o seguinte enunciado:

Pedro gosta de cenouras.

Surge, então, a AI *come cenouras DC está contente*, mas não necessariamente a AE de *comer cenouras* resultará no encadeamento: *comer cenouras DC estar contente*, nem *comer cenouras PT neg estar contente*. Pode-se concluir que não há na palavra *cenouras* uma continuação prevista pela língua, sendo assim fica a cargo do locutor construir o enunciado de forma que *comer cenouras* tenha sua significação contextual. Em estudos posteriores, Carel (2013) retoma a ideia de entidades que não são paradoxais, tampouco doxais. Para isso, o exemplo estudado é *Pedro comeu um filé portanto está contente*, em que o encadeamento *comer um filé DC estar contente* não se apresenta como nenhuma das definições de doxal e paradoxal, pois *estar contente* não pertence à significação de *comer um filé*, assim sendo não é uma continuação que exprima um pensamento doxal e menos ainda um paradoxal. Para Carel: “Diremos que ele é “contextual”. Assim os aspectos argumentativos podem ser divididos em três grupos, aqueles que são doxais, aqueles que são paradoxais e aqueles que são contextuais.” (2013, p. 267).

²³ (...) que consiste en decir que la AI de una palabra (utilizo *palabra* en el sentido de *elemento del léxico*) es siempre o bien doxal o bien paradójica. No existen palabras cuya AI se ubique en un lugar intermedio entre o doxal y lo paradójico. Esta sería una manera de distinguir la palabra del sintagma. En efecto, además de los sintagmas doxales e paradójicos, existen también sintagmas que no son ni doxales ni paradójicos.

Com a reflexão acima, Carel definiu como contextuais as entidades que não podem ser colocadas sob as definições de paradoxal e doxal, contudo é de fundamental importância chamar atenção para o fato de que o termo “contextual”, não tem o mesmo emprego do contextual utilizado por Borges (2011), em que foi construída a definição de paradoxo contextual como aquele paradoxo que somente pode ser entendido como tal através da análise do contexto discursivo, ou seja, sua observação em um contexto construído pelo locutor que conta com um entorno maior, como a letra de uma canção ou uma crônica jornalística. Carel utilizou o termo contextual em contraste com doxal e paradoxal, para classificar uma terceira situação, abordada inicialmente por Ducrot, de palavras ou sintagmas que não se constituem de doxa ou paradoxo.

O estudo de Carel mencionado no parágrafo anterior é o artigo *Tu serás um homem, meu filho. Um prolongamento da doxa: o paradoxo*, de 2013. Nele a autora revê conceitos fundamentais sobre o paradoxo, alterando posições teóricas que perduravam por anos. Sua importância é inquestionável para as reflexões propostas nesta tese, não apenas por ser o último escrito sobre o paradoxo, mas por fornecer uma visão mais aprofundada sobre o tema, algo que ainda não havia sido feito.

No referido artigo, Carel propõe que o paradoxo seja um prolongamento da doxa, ou seja, não deve ser tratado como disposto em um bloco semântico diverso, mas sim deve ser visto como um bloco unificado. Discorrendo sobre as conclusões daquele artigo, pode-se entender que os blocos semânticos são encadeamentos agrupados por relações de reciprocidade, transposição e conversão. Asseverou, a estudiosa, que os aspectos doxais se relacionam com os paradoxais dentro de um mesmo bloco, contudo sem a utilização de transposição, conversão ou reciprocidade.

Cumprido resgatar que ao longo dos estudos de Ducrot e Carel convencionou-se dividir os blocos semânticos em dois agrupamentos, que contêm as mesmas relações discursivas no seu núcleo, mas a interdependência que os agrupa é diversa, ou seja, cada bloco supõe uma interdependência semântica distinta, até mesmo oposta. Nesse novo estudo, Carel direciona para a ideia de correlação entre os dois blocos através do paradoxo, que não pode ser encaixado em apenas um deles.

Antes de aprofundar tais reflexões, estudar-se-á, mais demoradamente, o comportamento da palavra paradoxal *masoquista* no quadrado argumentativo, pois

restará esclarecido que um encadeamento paradoxal tem uma postura distinta de um doxal.

O PARADOXO NO QUADRADO ARGUMENTATIVO

A entidade *masoquista* aparece em Ducrot (2005, p 95) como “(...) alguém que gosta de sofrer”, constituindo a AI *sofre DC está satisfeito*, a interdependência semântica apontará que o sofrimento leva à satisfação. No entanto, na AE de *sofre* observa-se *sofre DC neg está satisfeito* e isso garante que a entidade é paradoxal. Ao substituir o conector para PT, surgirá *sofre PT está satisfeito* que se encontra no bloco semântico oposto, conforme os estudos prévios ao artigo de Carel, em que a interdependência semântica mostra que o sofrimento leva para a insatisfação. Ducrot constrói o encadeamento de *masoquista* com a utilização de verbos. Para um desenvolvimento diferenciado, escolheu-se, aqui, a utilização de outros termos, a saber: *sofrimento* e *satisfação*, entretanto para evitar possíveis problemas com a negação do termo *satisfação*, utilizaremos *prazer*, pois *sofrimento DC prazer* é uma AI possível de *masoquista*. Dessa forma, pode ser construído o seguinte quadrado argumentativo a partir do encadeamento-origem *sofrimento DC prazer*, que tem como sentido a noção de que o sofrimento leva para o prazer:

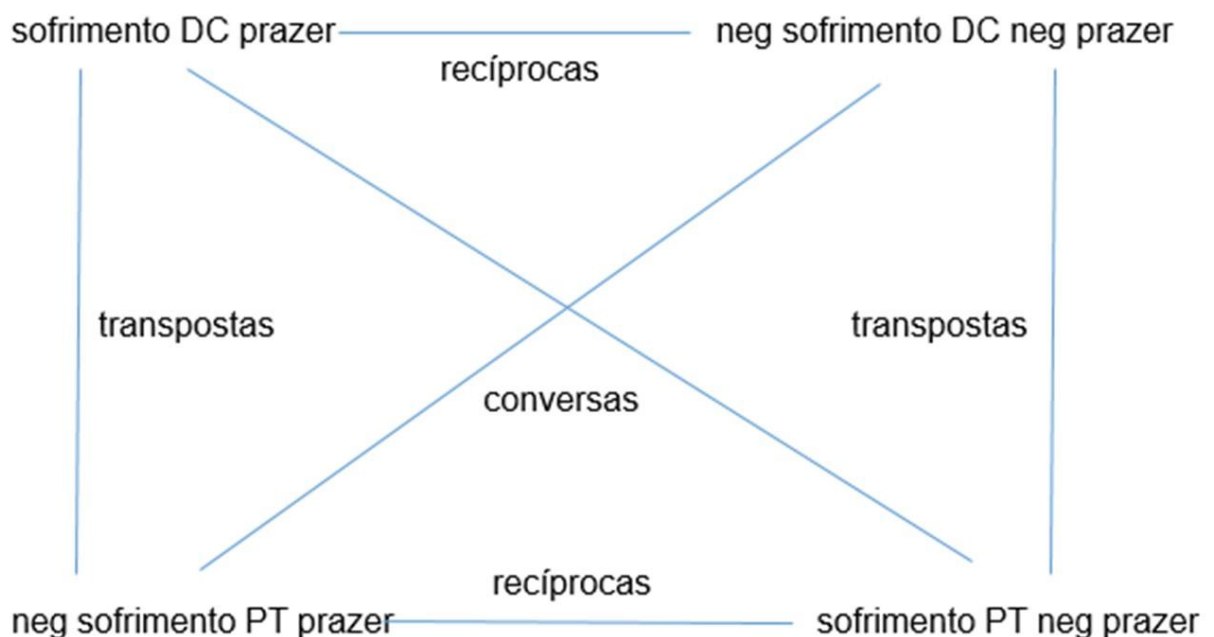


Figura 6 – Quadrado do encadeamento-origem *sofrimento DC prazer*

Fonte: o autor.

O encadeamento-origem, situado no canto superior esquerdo do quadrado, é a AI de masoquista, que é paradoxal. Conclui-se, então, que o masoquista é uma pessoa que, quando sofre, sente prazer. Na relação discursiva recíproca, aparecerá *neg sofrimento DC neg prazer*, que representaria a situação onde quando não se tem sofrimento também não se tem prazer, logo o prazer vem do sofrimento. Nesse momento, ainda se trata de uma pessoa *masoquista*. Logo a relação recíproca, é também paradoxal, pois *neg sofrimento DC prazer* é a AE possível da negação de sofrimento que está no canto superior direito.

A interdependência semântica se manteve na relação recíproca com o encadeamento origem. Contudo, o mesmo não ocorre na transposição *neg sofrimento PT prazer* situada no canto inferior esquerdo. Equivaleria a algo como quando alguém não tem sofrimento, tem prazer, logo o prazer não vem exclusivamente do sofrimento. Por último, analisa-se como acontece a relação entre aspectos conversos, *sofrimento PT neg prazer*, situado no canto inferior direito do quadrado argumentativo, corresponde ao sentido de que existindo o sofrimento não se tem o prazer, confirmando, por óbvio, que o sofrimento não necessariamente leva ao prazer. Em *neg sofrimento PT prazer* e *sofrimento PT neg prazer*, a ideia de que o sofrimento vem do prazer não está presente, pois no primeiro encadeamento não existe sofrimento, mas sim o prazer, e no segundo encadeamento o sofrimento consta, mas não o prazer. Esses dois encadeamentos não correspondem ao sentido de *masoquista*. Os encadeamentos situados na parte inferior do quadrado não correspondem a *masoquista*, na relação com o encadeamento-origem, pode-se afirmar, então, que esses encadeamentos acabam não seguindo a ideia inicial, em que o termo *masoquista* precisa ter presentes ambos os sentimentos de *sofrimento* e *prazer*.

A relação discursiva recíproca normativa expressa, ainda, uma pessoa masoquista. Isso ocorre pela negação de ambos os segmentos e manutenção do conector, pois se a presença dos dois sentimentos torna uma pessoa masoquista, a sua não presença também faz com que a pessoa seja masoquista. Quando se tem apenas um deles, sofrimento ou prazer, não se pode dizer que o encadeamento corresponda a uma pessoa masoquista. Assim, conclui-se que as relações *conversas* e *transpostas* não constituem paradoxos. Os encadeamentos superiores mostram a interdependência de que o prazer leva ao sofrimento, mas os inferiores mostram que ainda que se tenha um desses sentimentos não necessariamente se tem o outro.

Importante destacar que o quadrado argumentativo de uma entidade paradoxal constrói aspectos que não são paradoxais, ou seja, uma mesma interdependência possuirá aspectos paradoxais e aspectos doxais. No caso de *masoquista* percebe-se que o sofrimento leva ao prazer, estabelecendo uma relação de dependência. No mesmo quadrado também se visualiza que nem sempre o sofrimento leva ao prazer e nem sempre o prazer depende do sofrimento. Nesses casos não se tratará de pessoas masoquistas.

Algo semelhante acontece em sintagmas paradoxais. Um dos exemplos trazidos por Ducrot é o sintagma *amor sádico*, traduzido pelo seguinte encadeamento *ama DC faz sofrer*. É considerado paradoxal, pois na AE de amar temos *ama DC neg faz sofrer* ou *ama PT faz sofrer*. Mais uma vez os segmentos serão tratados na sua forma substantiva, ou seja, *amor* e *sofrimento*. Um possível quadrado argumentativo seria o seguinte:

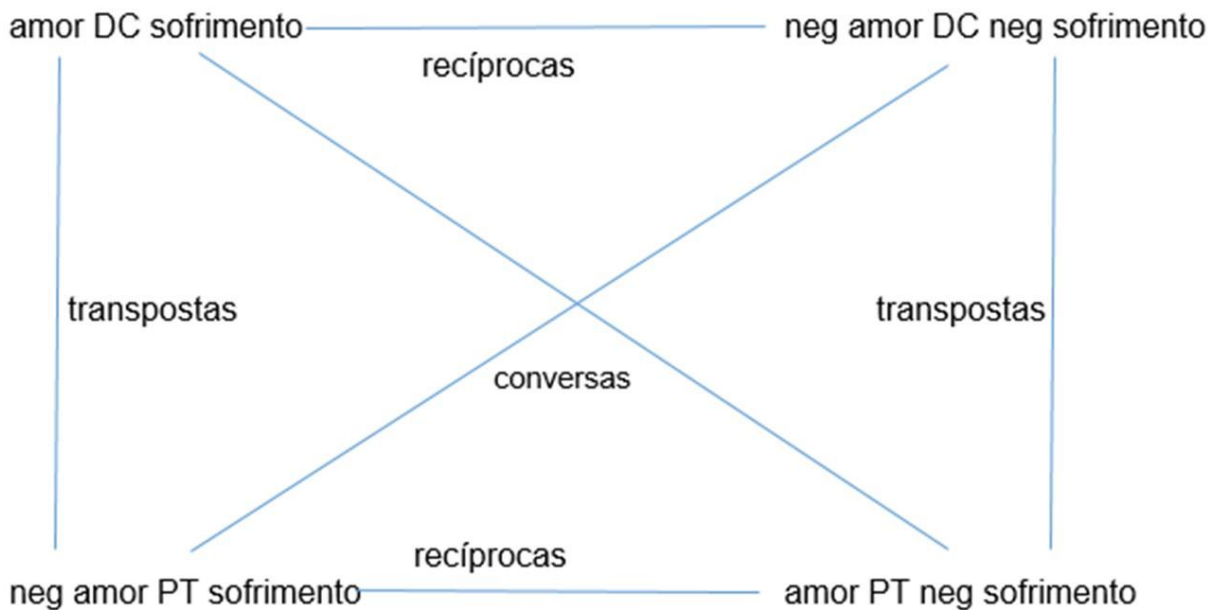


Figura 7 – Quadrado do encadeamento-origem *amor DC sofrimento*

Fonte: o autor.

No caso de *amor sádico* o encadeamento-origem, também situado no canto superior esquerdo, apresenta a interdependência semântica de que o amor leva ao sofrimento, sendo considerado um paradoxo, pois o segundo segmento nega a AE do primeiro, em que teríamos *amor DC neg sofrimento*. No aspecto recíproco aparecerá *neg amor DC neg sofrimento*, correspondente à ideia de que quando não se tem amor também não se tem sofrimento, ou seja, ainda possui a interdependência semântica

de que o amor leva ao sofrimento, sendo assim também um paradoxo, pois o doxal seria *neg amor DC sofrimento*.

Observe-se o comportamento dos encadeamentos localizados na parte inferior desse quadrado. O aspecto transposto mostra *neg amor PT sofrimento*, que corresponde ao sentido de que mesmo não se tendo o amor se tem o sofrimento. O aspecto converso apresenta *amor PT neg sofrimento*, ou seja, mesmo se tendo amor não se tem o sofrimento. A entidade *amor sádico* necessita da presença dos dois sentimentos, *amor* e *sofrimento*, para se caracterizar como paradoxal, da mesma forma que *prazer* e *sofrimento* são constituintes de *masoquista*. A interdependência de *neg amor PT sofrimento* e *amor PT neg sofrimento* demonstra que o sofrimento não vem necessariamente do amor e que o amor não necessariamente gera o sofrimento, respectivamente.

O paradoxo mostra um cruzamento de orientações, ou seja, cada segmento orienta para uma direção e isso fica claro nas análises das duas entidades. Em *masoquista*, tem-se a constituição do encadeamento *sofrimento DC prazer*, em que *sofrimento* orienta para a falta de prazer, ou para a insatisfação e *prazer* orienta para o não sofrimento ou para a felicidade. Em *amor sádico*, observa-se *amor DC sofrimento*, em que amor orienta para falta de sofrimento, ou para a felicidade, e *sofrimento* não orienta para amor, mas sim para algo desagradável. Frisa-se, então, que fica claro que cada segmento orienta para conclusões dissonantes que não poderiam ser colocadas em um mesmo encadeamento, salvo em casos de paradoxo.

Esse cruzamento de orientações acontece no encadeamento-origem e no aspecto recíproco de cada quadrado. Entretanto, o mesmo não acontece com os aspectos transpostos e conversos. No caso de *masoquista*, o transposto apresenta *neg sofrimento PT prazer*, em que *neg sofrimento* orienta para algo agradável, ou para o prazer, e *prazer* orienta para o não sofrimento ou algo agradável. Apesar dos segmentos apontarem para continuações que poderiam se cruzar, a utilização do conector transgressivo transmuta o encadeamento em doxal, pois a transgressão mostra que mesmo cada encadeamento orientando para uma direção oposta, a utilização do conector transgressivo não deixa essas orientações entrarem em conflito. Ainda dentro da entidade *masoquista*, o aspecto converso *sofrimento PT neg prazer*, em que sofrimento orienta para algo que não oferece prazer ou algo desagradável e *neg prazer* orienta para algo desagradável ou sofrimento, deixa

transparecer que mesmo com cada segmento, levando para uma orientação oposta, a utilização do conector transgressivo impossibilita as orientações de se cruzarem. O mesmo acontece nos aspectos transposto e converso da entidade *amor sádico*. No transposto aponta-se *neg amor PT sofrimento* e no converso *amor PT neg sofrimento*. No primeiro caso, bem como no segundo, cada encadeamento orienta para uma conclusão oposta. Entretanto a utilização do conector PT não permite que essas orientações se cruzem.

Como dito anteriormente, no paradoxo ocorre o cruzamento de orientações, com cada segmento levando a uma direção oposta, mas através da utilização do conector normativo, as duas orientações se fazem presentes intrinsecamente na entidade paradoxal. Uma forma possível de conceituar a ocorrência do paradoxo é através do fato de que quando duas orientações opostas se fazem presentes dentro de uma mesma entidade e estão ligadas pela normatividade, ou seja, a norma é conter duas direções opostas, surge um paradoxo. Quando as duas orientações estão presentes, mas ligadas pelo conector transgressivo, não ocorre a situação acima, e sim uma em que mesmo tendo orientações opostas elas não entram em confronto no interior da entidade devido à transgressividade expressa pelo conector, ou seja, a presença de direções opostas representa uma transgressão e não uma norma.

Dos apontamentos realizados, sobre o comportamento do paradoxo no quadrado argumentativo, pode-se concluir que palavras e sintagmas paradoxais estão dispostos da mesma maneira no quadrado argumentativo, ou seja, seus aspectos recíprocos mantêm a constituição paradoxal, enquanto os aspectos transpostos e conversos dissonam e não constroem aspectos paradoxais. Assim sendo, um quadrado iniciado por um encadeamento-origem paradoxal não tem todos os aspectos representados por encadeamentos paradoxais. Frisa-se que o termo encadeamento-origem não aparece na obra de Ducrot. Sua criação se fez necessária, pois mostrou-se interessante e necessário definir que o quadrado argumentativo é criado a partir de um primeiro encadeamento, um encadeamento inicial que origina os outros três aspectos. Seguindo adiante, apenas os encadeamentos que apresentam o conector DC podem ser considerados paradoxais quando o encadeamento-origem de um quadrado é um paradoxo. A impressão que a análise dos dois casos deixa é a de que a escolha de um conector DC representa duas orientações opostas acontecendo dentro de uma mesma entidade ao mesmo tempo, formando, assim, um paradoxo. E

o conector transgressivo parece garantir que essas duas orientações não se cruzem dentro da entidade para formar um paradoxo, mantendo-se no campo da doxa.

Mais do que apenas notar a presença de doxa e paradoxo dentro do mesmo quadrado, a análise dos exemplos de Ducrot mostrou o comportamento da interdependência semântica dentro de um mesmo quadrado iniciado por um paradoxo. A interdependência do encadeamento-origem e a do seu aspecto recíproco forma paradoxos, pois existe a ocorrência dos segmentos com orientação oposta relacionados dentro de uma mesma entidade. O mesmo não acontece com os encadeamentos em PT, pois apesar de cada encadeamento ter sua orientação, o PT evita o cruzamento, e se não há esse cruzamento não existirá paradoxo.

Quanto ao que foi visto sobre o aspecto recíproco, é importante mencionar que essa é uma das características das AI. Segundo Ducrot (2005, p. 76), podemos encontrar, na argumentação interna de uma palavra, dois aspectos recíprocos. Acredita-se que devido a essa característica foi possível criar um encadeamento paradoxal recíproco para um encadeamento-origem paradoxal.

Retoma-se o artigo de Carel. Nele consta que um bloco semântico vai ter aspectos doxais e paradoxais, como o mencionado nos parágrafos anteriores. Contudo a própria conceituação do bloco semântico foi revista quando Carel analisou o comportamento do paradoxo, pois surgiu a hipótese de que a gradualidade leva o paradoxo a ser uma extensão da doxa. Nas palavras de Carel:

Isso nos conduzirá à hipótese de que um mesmo bloco semântico, contrariamente ao que eu dizia em meus primeiros artigos, realiza-se de modo paradoxal como de modo doxal, suas formas paradoxais tendo com suas formas doxais relações variadas, de oposição, às vezes, mas igualmente de relações graduais. O paradoxo não é um sistema de crença alternativo, em espelho com aquele ao qual nos habituamos; ele é, antes, um complemento, o desenvolvimento, o último prolongamento. (CAREL, 2013, p. 256)

O “isso” presente no início da citação corresponde à noção de que a gradualidade ocorre através do contraste entre duas situações em que um mesmo item lexical é posto em relação com outro, de um mesmo campo semântico. Ou seja, a gradualidade só é percebida quando uma análise de dois contextos discursivos

ocorre. Assim sendo, um mesmo termo aparecerá em dois discursos diversos e seu comportamento dentro do bloco semântico será observado.

Outrossim, nada obsta à afirmativa de que o paradoxo não está colocado em um bloco semântico oposto, pois, na verdade, existe uma relação de gradualidade/oposição, garantindo que exista relação com o outro bloco, ou seja, os aspectos argumentativos podem ser agrupados em oito, através da relação entre blocos, construída pelo paradoxo.

Carel utiliza-se do termo *duro* para exemplificar suas ideias sobre a gradualidade. Senão vejamos. Em um primeiro momento tal termo é relacionado com *enraivecido*, e posteriormente com *firme*, sendo possível analisar a gradualidade em cada uma dessas situações. No texto em que *duro* e *enraivecido* são dispostos conjuntamente, o primeiro termo pode ser traduzido no encadeamento *A faz sofrer PT X faz A*, em que *A* é uma ação desagradável e *X* uma pessoa, logo *duro* tem uma interdependência semântica direcionada para o sentido de que alguém faz algo mesmo sabendo que aquilo implica em sofrimento a outrem, resultando em *A PT B*. Por outro lado, a entidade *enraivecido* pode ser apresentada através do encadeamento *A faz sofrer DC X faz A*, (*A DC B*) cuja interdependência aponta que aquilo que causa sofrimento é feito de maneira deliberada, constituindo-se, assim, de um paradoxo, pois a continuação, fazer algo porque aquilo causa sofrimento, não é uma continuação prevista para o primeiro segmento.

Nesse caso, é claramente perceptível que ambos termos se apresentam, de forma relacionada, em uma espécie de gradualidade, pois *enraivecido* tem uma carga semântica mais exacerbada do que *duro*. Também é necessário verificar como *duro* e *firme* se comportam. Para tal, mantém-se o mesmo encadeamento para o primeiro termo e constrói-se o segundo através da ideia de que *as punições causavam dor aos prisioneiros no entanto o diretor infligia-as a eles*, também representado por *A PT B*. Insta apontar que a relação entre *duro* e *enraivecido*, anteriormente, era vista como algo não relacionável, pois os encadeamentos não estavam em um mesmo bloco semântico, não pertenciam a um mesmo quadrado argumentativo. Para resolver o problema de como explicar a relação desses dois termos dentro de um mesmo contexto discursivo, Carel abordou a relação entre eles como uma relação advinda de um sentido contextual, em oposição a um possível entendimento literal. Cabe dizer que essa conclusão não difere substancialmente do que foi estudado em Borges

(2011), pois para Carel somente através do contexto é possível construir a relação entre os dois termos, da mesma forma que no referido trabalho de Borges, em que através do contexto um paradoxo é construído. Em ambas conclusões, o contexto aparece como oposto ao literal.

Volta-se ao problema do relacionamento dos dois blocos:

(...) certos aspectos do bloco semântico são “doxais” e a respeito do qual eu falarei de “bloco estrutural” (...) Sendo assim limitado o alcance do meu propósito, eu me proponho a mostrar que os blocos estruturais são lugar, não a quatro aspectos, como eu sempre disse até aqui, mas a oito: quatro aspectos doxais e quatro aspectos paradoxais. (CAREL, 2013, p. 265-266)

Relembra-se que o encadeamento doxal é aquele relacionado a um aspecto argumentativo constante na significação de um de seus segmentos. O prolongamento da doxa será um paradoxo, e frisa-se a noção de prolongamento e não de oposição. Logo cumpre reafirmar que o paradoxo não constrói uma interdependência semântica oposta, mas sim uma prolongada, constituindo-se, por consequência, o bloco em um agrupamento de oito encadeamentos. As relações internas entre os oito encadeamentos podem ser por vezes graduais ou de oposição. Assim sendo, os encadeamentos *faz sofrer DC vou fazer* e *faz sofrer DC não vou fazer*, por serem opostos fazem parte do mesmo bloco semântico.

Esclarecendo o que foi dito acima, pode-se compreender que a oposição mostra que existe uma conexão entre os dois encadeamentos, pois um mesmo segmento é utilizado para demonstrar a intenção de fazer algo e ao mesmo tempo a intenção de não fazer essa mesma coisa. Disso, conclui-se que a oposição exata de um encadeamento, construída com a inserção da negação no segundo segmento e a manutenção do primeiro, bem como do conector, além de constituir um paradoxo, provoca a relação dos blocos.

Ante o que foi exposto sobre o artigo de Carel, nota-se que existe o entendimento de que um paradoxo está intimamente relacionado com a doxa, e não mais segue-se a compreensão de que o paradoxo é algo inverso à doxa. Ademais, outro fator importantíssimo para as análises contidas na continuação da presente tese, é o conceito de gradualidade e a forma como é percebida através do confronto de dois pares de palavras, sendo uma delas presente em dois diferentes contextos e

conectada a outra de um campo semântico semelhante. Ademais, a forma exacerbada como um termo pode se relacionar a outro, construindo uma relação de força semântica, evidencia a presença de um paradoxo percebido tão somente por uma análise contextual, o que é semelhante às conclusões apresentadas por Borges (2011). Senão vejamos:

Retomando o que foi dito ao final do primeiro capítulo, esse é um caso de paradoxo contextual, pois o sentido paradoxal de maluco beleza é compreendido pelo interlocutor quando se tem uma visão geral do objeto. Se analisarmos somente o título, teremos dificuldades tanto para criar encadeamentos argumentativos, quanto para entender o que esse sintagma quer dizer. Ao lermos o resto do objeto entendemos o que o locutor quis criar a partir desse sintagma inédito. Quando precisamos de um contexto maior do que o da entidade em si para entender o sentido (nesse caso o sentido do paradoxo), diremos que ocorre um paradoxo contextual. (BORGES, 2013, p. 80)

Resta esclarecida a necessidade de ampliar o horizonte das análises, para efetuar comparações e aproximações entre termos que isoladamente não teriam o sentido que foi pretendido pelo criador do discurso, constituindo assim uma construção contextual do sentido.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS OBJETOS SELECIONADOS

Para a análise dos objetos a seguir foi estabelecida a seguinte metodologia, em que, primordialmente foi feita a seleção de dois objetos que se mostraram pertinentes para as análises propostas, pois abrangem aspectos do quadrado argumentativo que ainda não haviam sido observados, quanto à presença do paradoxo. Reitera-se que os objetos são constituídos de dois discursos: uma canção nacional, composta por Raul Seixas, e um informe publicitário atinente à uma marca de esmalte. Feita a seleção, foram estabelecidos alguns pontos fundamentais para as análises. São eles:

1. Separação dos versos da música. Tal item apenas estará presente na análise do objeto *Gita*, pois a canção possui versos que podem constituir encadeamentos facilmente observáveis, mas, ao mesmo tempo, possui versos que precisam entrar em contato com os versos seguintes a fim de que o encadeamento seja possível. Ademais, *inveja boa*, não necessita de separação de versos, por se tratar de um único sintagma.

2. Criação dos encadeamentos. Feita a separação dos versos, os encadeamentos serão evocados, com base apenas no material linguístico disponível, ou seja, sem nenhuma referência a aspectos extralinguísticos.

3. Agrupamento dos encadeamentos. Novamente, este item se refere apenas a *Gita*. A necessidade de aproximar os encadeamentos em conjuntos é pertinente, visto que um número expressivo de encadeamentos será criado, assim, para a constituição de um encadeamento que possa expressar o sentido da canção, se fez necessária tal separação.

4. Criação do encadeamento-origem. O encadeamento-origem é aquele que será o encadeamento fundamental para a criação do bloco semântico e do quadrado argumentativo. Outra vez, este é um item que diz respeito apenas a *Gita*, pois o

encadeamento-origem de inveja boa, será o único encadeamento criado a partir desta entidade linguística.

5. Construção do bloco semântico. Com os encadeamentos-origem apresentados, cada um deles expressará um bloco semântico, que será devidamente referido, bem como a interdependência semântica.

6. Formalização do quadrado argumentativo. A partir dos blocos semânticos, será possível a formalização dos quadrados argumentativos de cada entidade, buscando observar as relações de reciprocidade.

Após o cumprimento dos seis itens acima explicitados, os dados obtidos serão analisados buscando retomar os objetivos, tanto o geral quando os específicos, com o encaminhamento das conclusões.

Inicia-se o primeiro ponto da análise pela separação dos versos da música, com intuito de formular os encadeamentos argumentativos, cuja importância reside no fato de que serão a expressão do linguístico, ou seja, o sentido será analisado com base exclusivamente no material linguístico. Assim, por vezes cada verso poderá ser identificado como um encadeamento, por outras serão juntados dois ou mais versos, a fim de possibilitar a construção dos encadeamentos.

O segundo ponto da metodologia previamente explicitada, consiste na efetiva criação dos encadeamentos para cada verso ou conjunto de versos. Frisa-se que a construção se baseou apenas no sentido linguístico, ou seja, aquele sentido construído com base linguístico que é expresso pela língua.

- Eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando, foi justamente num sonho
que Ele me falou
procurado pelo mundo PT neg foi encontrado
procurei pelo mundo todo DC considero importante
sonho DC fora do plano de realidade
fala DC comunica-se

Às vezes você me pergunta / Por que é que eu sou tão calado
eu DC calado

Não falo de amor quase nada
eu DC neg falo de amor

Nem fico sorrindo ao teu lado
eu DC neg sorrio ao seu lado

Você pensa em mim toda hora / Me come, me cospe, me deixa
estou sempre em seus pensamentos DC você me considera importante

Talvez você não entenda / Mas hoje eu vou lhe mostrar
neg entende DC mostrarei

Eu sou a luz das estrelas / Eu sou a cor do luar
eu DC astros noturnos

Eu sou as coisas da vida / Eu sou o medo de amar
eu DC sentimentos da vida

Eu sou o medo do fraco
eu DC sentimento de alguns

A força da imaginação
eu DC presente em todos

O blefe do jogador
eu DC ato de alguns

Eu sou, eu fui, eu vou
eu DC atemporal

Gita! Gita! Gita! Gita! Gita!

Eu sou o seu sacrifício
eu DC seu ato final

A placa de contra-mão
eu DC proibição

O sangue no olhar do vampiro / E as juras de maldição
eu DC desejos ruins ao próximo

Eu sou a vela que acende / Eu sou a luz que se apaga
eu DC domínio sobre a luminosidade

Eu sou a beira do abismo
eu DC final da trajetória

Eu sou o tudo e o nada
eu DC totalidade

Por que você me pergunta? / Perguntas não vão lhe mostrar
você questiona PT neg terá respostas sobre mim

Que eu sou feito da terra / Do fogo, da água e do ar
eu DC conjuntos de elementos

Você me tem todo dia / Mas não sabe se é bom ou ruim
estou presente em você PT gero dúvidas sobre se é benéfico

Mas saiba que eu estou em você / Mas você não está em mim.
estou presente em você PT neg você está em mim

Das telhas eu sou o telhado
eu DC conjunto

A pesca do pescador
eu DC produto de uma ação

A letra A tem meu nome / Dos sonhos eu sou o amor
eu DC amor

Eu sou a dona de casa / Nos pegue pagues do mundo
eu DC rotina

Eu sou a mão do carrasco
eu DC instrumento do ato final

Sou raso, largo, profundo
eu DC qualidades opostas

Gita! Gita! Gita! Gita! Gita!

Eu sou a mosca da sopa
eu DC incômodo

E o dente do tubarão
eu DC presente em animais

Eu sou os olhos do cego
eu DC presente ainda que sem pleno funcionamento

E a cegueira da visão
eu DC incapacidade de exercer um sentido

Eu! / Mas eu sou o amargo da língua
eu DC percepção advinda de um órgão (aspecto físico)

A mãe, o pai e o avô / O filho que ainda não veio

eu DC plenitude da família

O início, o fim e o meio / O início, o fim e o meio / Eu sou o início / O fim e o meio / Eu sou o / início / O fim e o meio

eu DC totalidade

Construídos os encadeamentos, ponto dois da metodologia, passa-se ao agrupamento dos mesmos, buscando aproximá-los de acordo com o sentido expresso. Assim, os encadeamentos criados foram divididos em três grandes grupos. No primeiro deles constam os encadeamentos iniciais da canção, que foram criados a partir da frase inicial, que, pelo uso do travessão nota-se ser uma afirmação de um locutor diferente daquele do restante da música. Tal agrupamento conta com os seguintes encadeamentos:

procurado pelo mundo PT neg foi encontrado
 procurei pelo mundo todo DC considero importante
 sonho DC fora do plano de realidade
 fala DC comunica-se

Do verso inicial, bem como dos respectivos encadeamentos formulados, observa-se que existe um locutor inicial, que dará vez ao locutor da canção. Este locutor primário expressa sua busca infrutífera por algo, da mesma forma que o encontro desse algo em um plano diferente de realidade, o plano dos sonhos. Ademais, a utilização da inicial maiúscula na palavra “Ele” demonstra a importância desse algo, e o verbo “falar”, no pretérito, expressa a capacidade de comunicação. Assim, é correto afirmar que o locutor original procura intensamente por um ser capaz de comunicar-se em sonhos, e que não foi encontrado no plano da realidade em que vive o locutor original, o que leva à conclusão de que se trata de um ser diferenciado dos seres humanos. Por fim, a busca incessante demonstra a importância do referido ser, pois foi objeto de uma busca ao longo dos quatro cantos do mundo.

Visto o primeiro conjunto de sentidos construídos, passa-se à análise do próximo. O segundo grande grupo de encadeamentos trata dos versos em que o locutor da canção constrói a imagem de seu interlocutor, ou seja, o modo como o interlocutor é visto pelo locutor. Frisa-se que ocorre a inversão do *eu* e do *tu*.

Inicialmente, o *eu* era a pessoa que procurou o *tu* pelo mundo. A partir de agora, o ser diferenciado passa a ter voz, e a apresentar-se ao locutor originário, configurando-o. Vejam-se os encadeamentos:

estou sempre em seus pensamentos DC você me considera importante
 neg você entende DC eu mostrarei
 você questiona PT neg terá respostas sobre mim
 estou presente em você PT gero dúvidas sobre se é benéfico
 estou presente em você PT neg você está em mim

A imagem construída é de uma pessoa que contém a presença do ser diferenciado em todos os momentos, tem dúvidas sobre tal ser, e não está contido no ser. Assim, pode-se entender que a presença do ser diferenciado ocorre na pessoa comum, mas o contrário não, o que aponta para uma grandiosidade do ser, bem como seu afastamento do sujeito comum, de acordo com o encadeamento *estou presente em você PT neg você está em mim*. Tal distanciamento fica claro, ainda, através do encadeamento *você questiona PT neg terá respostas sobre mim*, em que o ser diferenciado esclarece que não fornecerá respostas ao sujeito comum.

O referido ser reafirma que o sujeito ordinário não compreende a natureza do extraordinário, assim será para ele explicado, como fica claro no encadeamento *neg você entende DC eu mostrarei*. Mais uma vez, o distanciamento entre os dois seres fica esclarecido, pois o ser diferenciado coloca-se em uma posição superior, capaz de possibilitar a compreensão àquele que o procurou por todo o mundo. Por fim, dentre as dúvidas do sujeito ordinário estão os benefícios, ou não, do ser diferenciado, como explicita o encadeamento *estou presente em você PT gero dúvidas sobre se isso é benéfico*. Interessante notar que a procura do sujeito comum pelos quatro quantos do mundo intentava encontrar algo que ele sequer sabia se seria benéfico. Outro detalhe interessante é perceber que uma busca pelo mundo acaba sendo despropositada, pois ser diferenciado encontra-se dentro do próprio sujeito que o procurou, o que fica é indubitável de acordo com os encadeamentos: *estou presente em você PT gero dúvidas sobre se é benéfico e estou presente em você PT neg você está em mim*.

Passa-se ao agrupamento final, que é a aproximação dos encadeamentos que demonstram o que o locutor fala sobre si próprio, construindo seu próprio sentido. O extenso conjunto de encadeamentos demonstra o que é o locutor. A repetição da

expressão “eu sou” esclarece que todos os versos a seguir agrupados são características, propriedades ou comparações que constroem o sentido do locutor. A utilização da primeira pessoa, além de não deixar dúvidas sobre a opinião do locutor sobre si próprio, serve como critério de divisão para os encadeamentos criados.

Neste grupo de encadeamentos, novamente, a primeira pessoa é utilizada para referir o ser diferenciado. Mas, diferentemente do grupo de encadeamentos anterior, nos próximos encadeamentos o ser diferenciado fala de si próprio, ao invés de falar sobre o sujeito que o procurou. Busca-se, por conseguinte, identificar as características do ser inominado. Então, vejam-se os encadeamentos iniciados por “eu sou”. Friso que o “eu” presente no primeiro encadeamento se refere ao ser diferenciado, presente na canção:

eu DC ser calado
 eu DC neg falo de amor
 eu DC neg sorrio ao seu lado
 eu DC astros noturnos
 eu DC sentimentos humanos
 eu DC sentimento de alguns
 eu DC presente em todos
 eu DC ato de alguns
 eu DC atemporal
 eu DC ato final seu
 eu DC proibição
 eu DC desejos ruins ao próximo
 eu DC domínio sobre a luminosidade
 eu DC final da trajetória
 eu DC totalidade
 eu DC conjuntos de elementos
 eu DC conjunto
 eu DC produto de uma ação
 eu DC amor
 eu DC rotina
 eu DC instrumento do ato final
 eu DC qualidades opostas
 eu DC incômodo
 eu DC presente em animais
 eu DC presente ainda que sem pleno funcionamento
 eu DC neg capacidade de exercer um sentido
 eu DC percepção advinda de um órgão (aspecto físico)
 eu DC plenitude da família
 eu DC totalidade

Os primeiros encadeamentos esclarecem como o ser diferenciado e inominado é, e o que ele não faz. Senão vejamos: *eu DC calado*, *eu DC neg falo de amor*, *eu DC neg sorrio ao seu lado*. Assim, inicialmente, fica esclarecido que ele não se expressa sobre o tema amor, bem como possuiu a característica de ser calado, e, ainda, não sorri ao lado do sujeito que o busca. Tudo isso transparece o distanciamento entre os sujeitos, demonstrando que o ser diferenciado prefere o isolamento em relação ao sujeito comum.

Mais adiante, observa-se que o ser superior se coloca em uma situação de pertencimento em relação a todos os humanos, ou seja, de modo geral, referido ser está presente nas pessoas, o que fica claro pelos encadeamentos *eu DC sentimentos humanos* e *eu DC sentimento de alguns*. Tais encadeamentos expressam uma presença genérica, presença que é inerente ao ser humano. Importante notar que outros encadeamentos corroboram com essa presença, como *eu DC desejos ruins ao próximo* e *eu DC amor*. Cumpre frisar que além da presença, nos dois encanamentos recém mencionados existe uma atribuição de valor, pois a presença abarca conteúdo positivo, como o amor, e negativo, através dos desejos ruins ao próximo. Esse é o primeiro grande indício de que o referido ser é uma entidade linguística paradoxal, pois possui características que comumente não existem em conjunto.

Ademais, a presença nos seres humanos desse ser superior confirma-se pelo encadeamento *eu DC presente em todos*, em que é manifestada sua onipresença. Acrescenta-se, também, outra interessante conclusão através dos encadeamentos *eu DC ato de alguns* e *eu DC final da trajetória*, que é o fato de que sua presença é mais constante em alguns, aqueles que praticam um determinado ato específico, no caso em pauta, o blefe de um jogador. Nota-se também a presença ao final da trajetória, ou seja, a presença no último momento da existência, assim, pode-se afirmar que o referido ser possui uma presença constante, especialmente ao final da vida dos sujeitos comuns.

Outros dois encadeamentos fazem uma marcação da presença do ser nos humanos: *eu DC presente ainda que sem pleno funcionamento* e *eu DC percepção advinda de um órgão (aspecto físico)*, que, mais uma vez, deixa esclarecida a constante presença. Novamente, nota-se um encadeamento que expressa um sentido negativo, *eu DC neg capacidade de exercer um sentido*, que demonstra características desqualificadoras do ser diferenciado.

Fundamental observar os seguintes encadeamentos: *eu DC atemporal*, *eu DC totalidade*, *eu DC propriedades opostas concomitantes*, *eu DC presente em animais*, e *eu DC plenitude da família*, pois não deixam dúvida sobre o nível total de presença do ser diferenciado no mundo. Novamente, observam-se características paradoxais. Em primeiro lugar pela sua atemporalidade, uma vez que um sujeito possui uma vida finita, ao contrário do ser que se manifesta na canção. O encadeamento *eu DC totalidade* foi construído em dois versos diferentes da música, como visto no agrupamento anterior, assim inegável sua importância. Dessa forma, outra vez, resta esclarecida a importância do referido ser. As *propriedades opostas concomitantes* referem-se a características excludentes, uma vez que dizem respeito a *raso* e *profundo*. Frisa-se que tais características poderiam denominar diferentes momentos, ou ações, do ser, contudo o verso da canção, *Sou raso, largo, profundo*, não menciona, expressamente, nada nesse sentido, assim, é correta a conclusão de que tais qualidades ocorrem concomitantemente no ser diferenciado, logo, trata-se de mais um paradoxo. Ainda, outro encadeamento que não deixa dúvidas quando a paradoxalidade do ser diferenciado é *eu DC plenitude da família*, já que o item lexical família, tem intrinsecamente em seu sentido, a presença de pelo menos duas pessoas, logo um único sujeito não pode constituir uma família. Por fim, observa-se, através de *eu DC presente em animais*, que a extensão da presença do ser não se atribui apenas aos humanos, mas também aos animais, o que atribui onipresença.

A presença em animais e humanos, combinada com o encadeamento *eu DC astros noturnos*, evidencia que o referido ser está presente, também, fora do planeta terra, fornecendo, por consequência, um aspecto de universalidade. Não restam dúvidas de que se trata de um ser constituído por paradoxos, pois ao mesmo tempo está presente no plano de existência do locutor original e também não está, logo não restam dúvidas quanto à sua onipresença. Outro encadeamento que demonstra a totalidade do ser é *eu DC conjuntos de elementos*, em que ele se manifesta como sendo constituído pelo conjunto dos elementos que formam a existência da vida humana.

A ideia de conjunto também é transmitida pelo encadeamento *eu DC conjunto*, no qual o referido ser esclarece sua constituição paradoxal, pois um conjunto pressupõe mais de um sujeito, o que não ocorre no caso em pauta, já que o conjunto é apenas ele, logo é notável o aspecto plural. Por outro lado, também está presente a

noção de unicidade, através do encadeamento *eu DC produto de uma ação*, uma vez que além de ser um conjunto, é também algo singular e derivação de uma ação. Mais uma vez fica evidente o aspecto paradoxal, pois ao mesmo tempo o ser diferenciado possui propriedades que não convivem em conjunto. Tais propriedades são a unicidade e pluralidade, que, comumente, não estão presentes de modo concomitante.

Os encadeamentos *eu DC proibição*, *eu DC rotina* e *eu DC incômodo* acarretam a acumulação de outras características ao ser diferenciado. Inicialmente, nota-se que não apenas possui características de totalidade, onipresença e atemporalidade, mas também é a rotina, que corrobora com as qualidades citadas anteriormente demonstrando sua presença contínua. Outrossim, o fato de ser uma proibição e um incômodo, evidencia sua caracterização negativa. Concomitantemente, a essas características negativas, o amor está presente, logo nota-se a dualidade do ser, que contém tanto coisas boas quanto ruins, esclarecendo, ainda mais, sua totalidade, que também é demonstrada pelo encadeamento *eu DC domínio sobre a luminosidade*, em que se observa a capacidade de manipulação da luz.

Por fim, como referido anteriormente, a presença do ser diferenciado nos momentos finais da vida dos sujeitos ordinários é notada pelos encadeamentos *eu DC ato final seu*, no qual o ser afirma estar presente no momento em que o sujeito comum decide encerrar sua vida, bem como no encadeamento *eu DC instrumento do ato final*, que demonstra que o fim da vida foi motivado por terceiros, o carrasco, no caso específico. Dessa maneira, é correto afirmar que independentemente da forma como a vida se encerra, ou é encerrada, o ser diferenciado está presente, logo pode-se concluir que no momento final da existência, qualquer que seja a forma, o referido ser se fará presente.

Ao longo da análise dos encadeamentos foram apontados alguns que esclarecem o aspecto paradoxal do referido ser diferenciado, são eles: *eu DC conjunto*, *eu DC propriedades opostas concomitantes* e *eu DC plenitude da família*. Inicialmente, explica-se que tais encadeamentos podem ser considerados paradoxais pois o acréscimo de uma negação no segundo segmento, com a manutenção do conector, tornaria o encadeamento doxal, assim, respectivamente: *eu DC neg conjunto*, *eu DC neg propriedades opostas concomitantes* e *eu DC neg plenitude da família*. Um conjunto pressupõe a existência de pluralidade, em que características

opostas são excludentes, ou seja, não convivem em conjunto ao mesmo tempo e a família não é constituída de um único indivíduo.

Feita a análise de todos os encadeamentos criados, passa-se ao ponto quatro da metodologia proposta, que é a criação de um encadeamento para cada um dos três grupos de encadeamentos. Dessa forma, o primeiro grupo de encadeamentos, que foi formado a partir da frase de abertura da canção, em que o sujeito comum refere-se à sua procura pelo ser diferenciado, tem-se: *foi procurado na terra PT manifestou-se em sonho*. Para o segundo agrupamento, construção do sentido desse sujeito comum, pelo ser diferenciado, obtém-se: *planos diferentes de existência DC distanciamento*.

O terceiro grupo de encadeamentos, mais longo, tratou da construção do sentido do ser diferenciado, em suas próprias palavras, e o encadeamento que expressa o sentido desse ser é: *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição*. Cumpre demonstrar os motivos da criação do referido encadeamento. Observou-se a presença de propriedades distintas no referido ser, bem como sua totalidade, onipresença e atemporalidade, assim o primeiro encadeamento explica-se. Ademais, a escolha pelo conector normativo se fez necessária, pois a repetição do *Eu sou* apresenta uma norma, que deve ser expressa no encadeamento. Por fim o segundo segmento demonstra que o referido ser possui aspectos opostos e não é contraditório, por isso a utilização da negação.

O encadeamento que expressa o ser diferenciado é paradoxal, ao se negar o segundo segmento, e ao se manter o conector, obter-se-á *propriedades opostas concomitantes DC contradição*, que é um doxal na língua, uma vez que a existência de propriedades opostas ocorrendo ao mesmo tempo leva à uma contradição. Assim, o encadeamento *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição*, é um encadeamento paradoxal pois trata-se da negação de uma argumentação externa prevista pela língua.

Passa-se ao ponto cinco, a criação do bloco semântico. Visto que apenas o encadeamento que trata do referido ser é paradoxal, o bloco pertinente ao presente estudo é apenas esse. Assim obtém-se:

propriedades opostas concomitantes **DC neg** contradição
neg propriedades opostas concomitantes **DC** contradição
neg propriedades opostas concomitantes **PT neg** contradição
propriedades opostas concomitantes **PT** contradição

Por fim, o quadrado argumentativo, ponto seis da metodologia explicada anteriormente, é o seguinte:

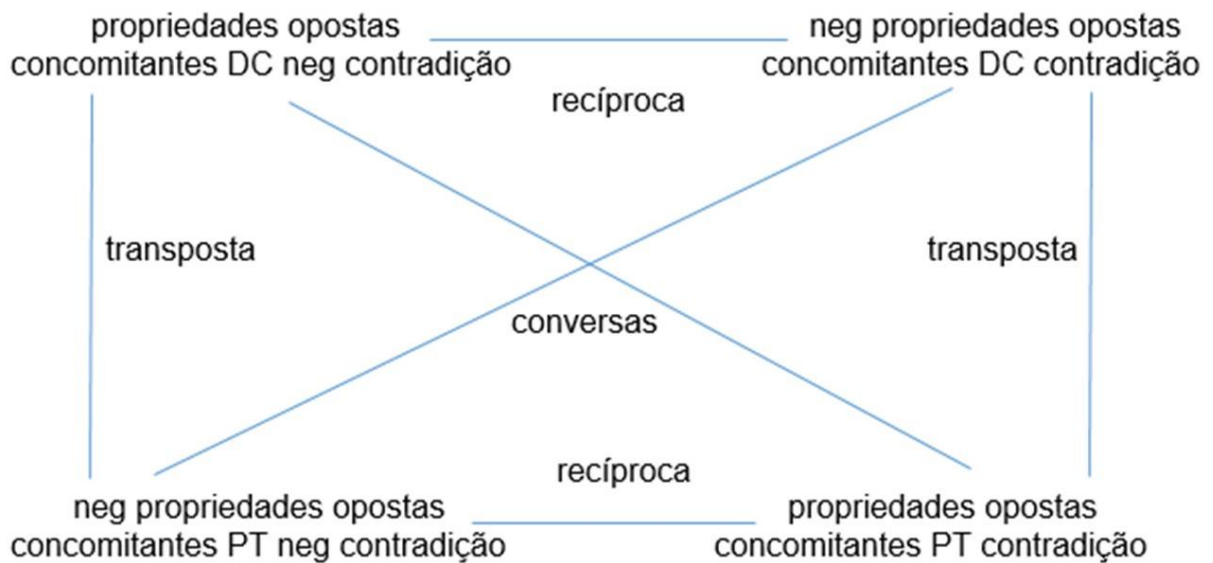


Figura 8 – Quadrado do encadeamento que define o ser diferenciado.

Fonte: o autor.

O ponto sete da metodologia, que consiste na análise dos resultados, mais especificamente os quadrados argumentativos, do objeto estudado e do objeto que será analisado na continuação, será tratado ao final das análises, pois busca, além da análise dos dados, as respostas aos objetivos gerais e específicos traçados. Passa-se, então, à próxima análise.

Passa-se à análise da entidade lexical *inveja boa*, que, como será demonstrado, trata-se de um paradoxo. Observe-se a seguinte figura:



Figura 9 – Esmalte da coleção vermelhos capitais. Risqué. Tom: “Inveja boa”.

Fonte: <https://www.risque.com.br/simulador.php#/mao-01/7-vermelhos-capitais/inveja-ba>. Acesso em 16 de outubro de 2015.

Cumprido informar que o objeto em questão terá um processo de análise levemente diferenciado, pois por se tratar de um item lexical isolado, não serão necessários os pontos um, três e quatro da metodologia (separação de versos, agrupamento de encadeamentos e criação do encadeamento-chave). Assim, os pontos dois, cinco e seis (criação do encadeamento, construção do bloco semântico e formulação do quadrado argumentativo) serão o foco da análise a seguir.

Inicia-se pela criação do encadeamento para a entidade *inveja boa*. Importante notar que o adjetivo *boa*, não acompanha, comumente, o substantivo *inveja*, uma vez que o adjetivo tem uma qualificação positiva, enquanto o referido substantivo expressa um sentimento de tristeza perante o que uma pessoa possui e a outra não, assim, aquela que não tem a posse que a outra tem pode ser acometida desse sentimento negativo. O encadeamento correspondente ao item em tela é *neg posse PT neg triste*. Tal encadeamento justifica-se pelo fato de que a inveja envolve o sentimento de não possuir o que outra pessoa possui, configurando, então o primeiro segmento. No entanto, no sintagma *inveja boa*, o sentimento também possui uma característica positiva, logo a continuação *PT neg triste* é a mais indicada.

A interdependência semântica da entidade em análise aponta que, mesmo sem a posse, não se tem a tristeza. Observa-se, ainda, que ao se acrescentar uma negação no segundo segmento, obtém-se o encadeamento *neg posse PT triste*, pois duas negações se anulam, restando apenas a continuação *PT triste*. Tal encadeamento é doxal, pois é uma negação de uma argumentação externa prevista

pela língua. Repita-se que a negação, em conjunto com outra negação, acaba por formar o segmento *triste*.

Passa-se para a formulação do bloco semântico correspondente ao item em análise:

posse **DC** **neg** triste

neg posse **DC** triste

neg posse **PT** **neg** triste

posse **PT** triste

Ademais, o respectivo quadrado argumentativo será o seguinte:

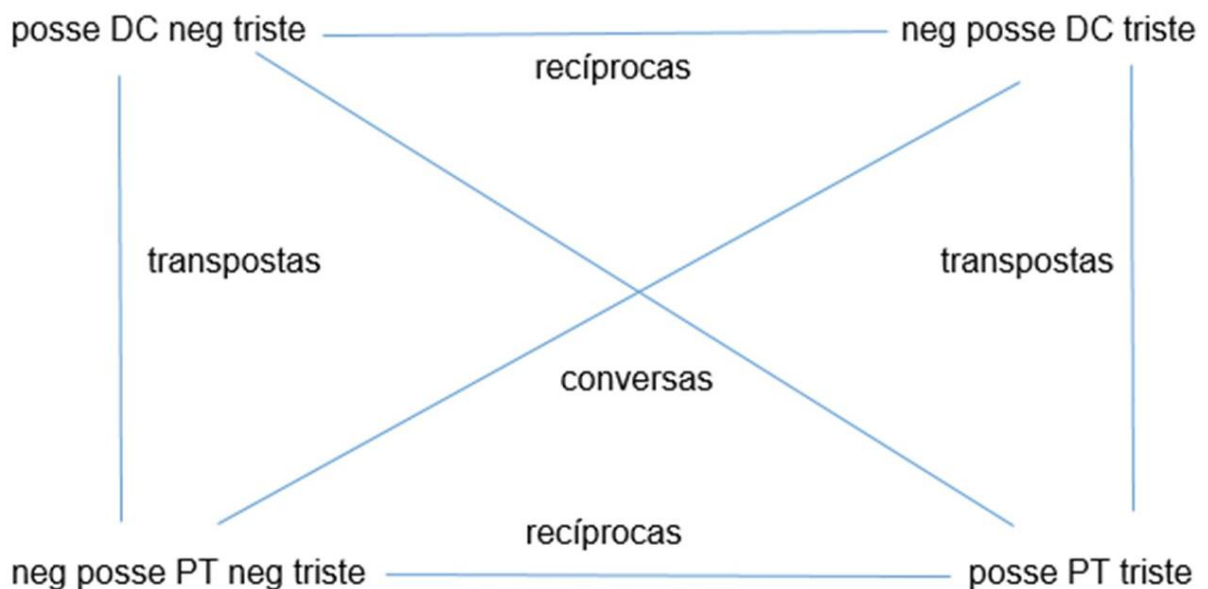


Figura 10 – Quadrado argumentativo de *inveja boa*.

Fonte: o autor.

Elaborado o quadrado argumentativo, passa-se para o momento de verificar os resultados obtidos e retomar os objetivos, tanto o geral quando os específicos, com intuito de encaminhar-se para o fechamento das análises e das proposições iniciais.

Para realizar a discussão dos resultados buscando a observação dos objetivos iniciais, utilizar-se-ão os quadrados argumentativos dos dois objetos analisados, bem como o quadrado argumentativo da entidade *masoquista*, criado a partir da argumentação interna do referido termo, apresentada em Ducrot (2005, p. 85). É necessário retomar os objetivos especificados na introdução do presente estudo. O objetivo geral consiste na análise dos quadrados argumentativos de entidades

linguísticas paradoxais, por isso as análises prévias, que se iniciaram pela criação dos encadeamentos pertinentes aos versos da canção de Raul Seixas e ao termo *inveja boa*, culminaram com a formulação dos quadrados argumentativos, que serão comparados ao quadrado argumentativo modelo, ou seja, aquele criado a partir do encadeamento proposto por Ducrot. Ademais, os objetivos específicos consistem na análise das relações discursivas entre os encadeamentos, especificamente a relação normativa de reciprocidade e a relação transgressiva de reciprocidade. Por isso foram criados os quadrados argumentativos advindos das análises dos objetos do presente trabalho. Por fim, pretende-se, também, estudar se o comportamento dos encadeamentos paradoxais é o mesmo em ambos os blocos.

Inicia-se a discussão dos resultados pela reiteração do que foi observado sobre o quadro argumentativo de *masoquista* (conforme item 4.1 da presente tese):

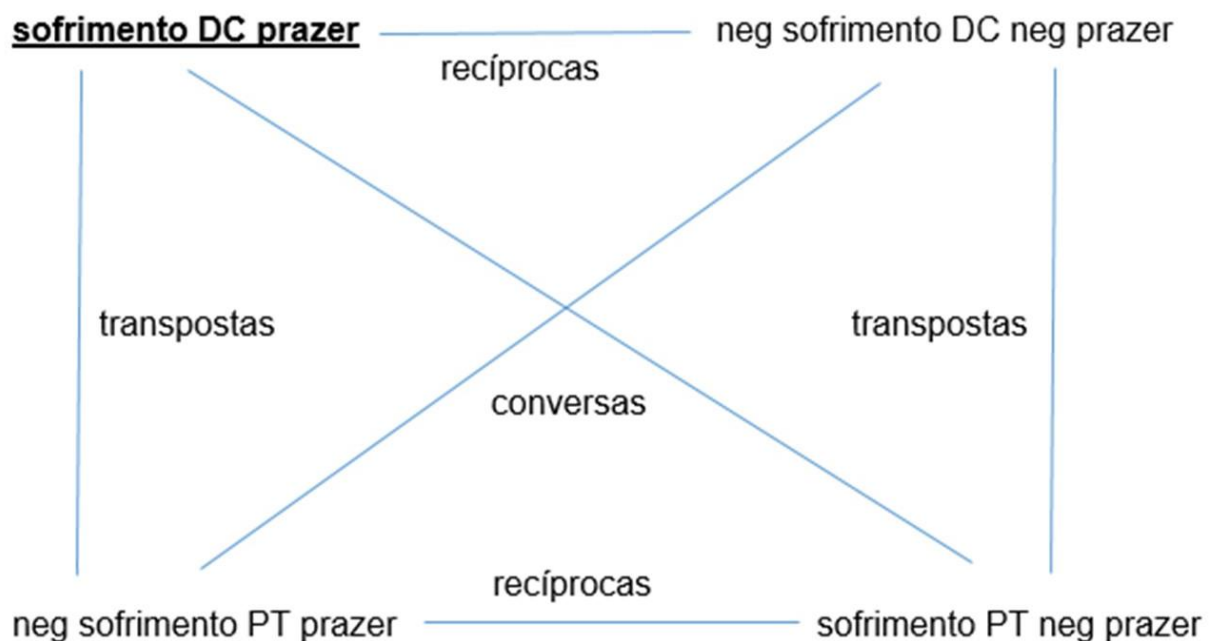


Figura 11 – Quadrado argumentativo do encadeamento-origem *sofrimento DC prazer*
Fonte: o autor.

O quadrado argumentativo anterior serve de modelo, bem como as observações feitas na seção 4.1 do presente trabalho, que serão brevemente retomadas. A argumentação interna do termo *masoquista* corresponde ao encadeamento *sofrimento DC prazer*, que é paradoxal. Para verificar se o encadeamento é paradoxal, basta lembrar as palavras de Ducrot (2005, p,82), que aponta a inversão do conector, resulta em encadeamento pertencente à

argumentação externa estrutural de um dos segmentos, assim, *sofrimento PT prazer*, é argumentação externa estrutural de *sofrimento*, ou seja, é seu oposto.

Importante apontar que o aspecto recíproco normativo também é considerado um encadeamento paradoxal, pois *neg sofrimento DC neg prazer*, corresponde ao termo *masoquista*. Contudo, no aspecto transposto (*neg sofrimento PT prazer*) e no aspecto converso (*sofrimento PT neg prazer*) não são encadeamentos paradoxais, pois as argumentações externas estruturais de *neg sofrimento* (transposta) e *sofrimento* (conversa), seriam, respectivamente, *DC prazer* e *DC neg prazer*. Aponta-se que o aspecto transposto e o aspecto converso não correspondem à *masoquista*, pois o sentido do referido termo necessita que o prazer seja decorrência do sofrimento. Assim, um *masoquista* contém concomitantemente *prazer* e *sofrimento*. Caso uma dessas propriedades não esteja presente, não há que se falar em *masoquista*.

Conforme mencionado anteriormente, *sofrimento PT prazer* é uma argumentação externa estrutural de *sofrimento*. Veja-se o quadrado argumentativo

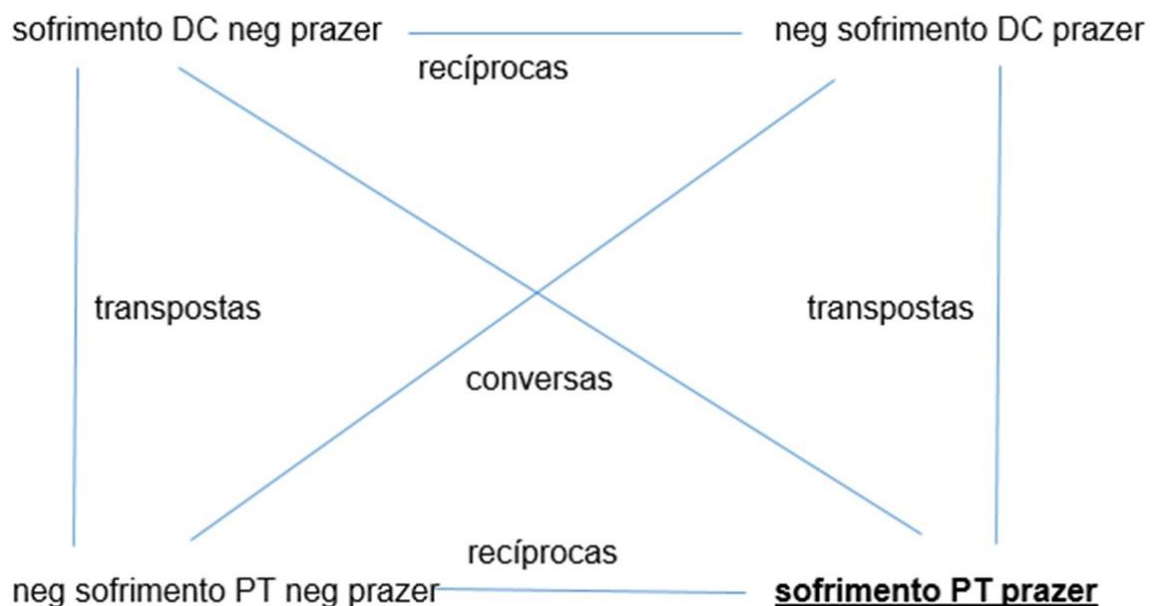


Figura 12– Quadrado argumentativo do conector inverso de *sofrimento DC prazer*
Fonte: o autor.

Cumprе apontar que o encadeamento em destaque é o aspecto converso de *sofrimento DC neg prazer*, que pertence ao bloco semântico oposto ao de *masoquista*, que se inicia por *sofrimento DC prazer*, logo o quadrado formalizado pelo encadeamento que possui o conector inverso ao encadeamento paradoxal se encontra no bloco semântico oposto, o que importa em dizer que a interdependência

semântica é a oposta, ou seja, no quadrado iniciado por sofrimento DC prazer, a interdependência semântica demonstra que o prazer é produto do sofrimento e o masoquista possui essas duas propriedades em conjunto. Por outro lado, o quadrado oposto aponta que o sofrimento acarreta uma falta de prazer, claramente expressa pela *negação* de *prazer* no segundo segmento. Dessa feita, não restam dúvidas de que a inversão do conector constituiu um bloco semântico doxal, bem como um quadrado argumentativo doxal. Em análise mais pontual, pode-se dizer que o paradoxo se constitui pela negação do segundo segmento, pois *sofrimento DC neg prazer* é doxal e *sofrimento DC prazer* é paradoxal.

Feitas essas observações sobre o quadrado argumentativo modelo, passa-se ao estudo específico dos quadrados desenvolvidos a partir das análises realizadas, visando justificar os objetivos específicos formulados. Primordialmente verificar-se-á se a relação de reciprocidade normativa ocorre da mesma forma que no quadrado modelo. Para isso, observe-se o quadrado formulado a partir do sentido criado para o ser diferenciado da canção de Raul Seixas:

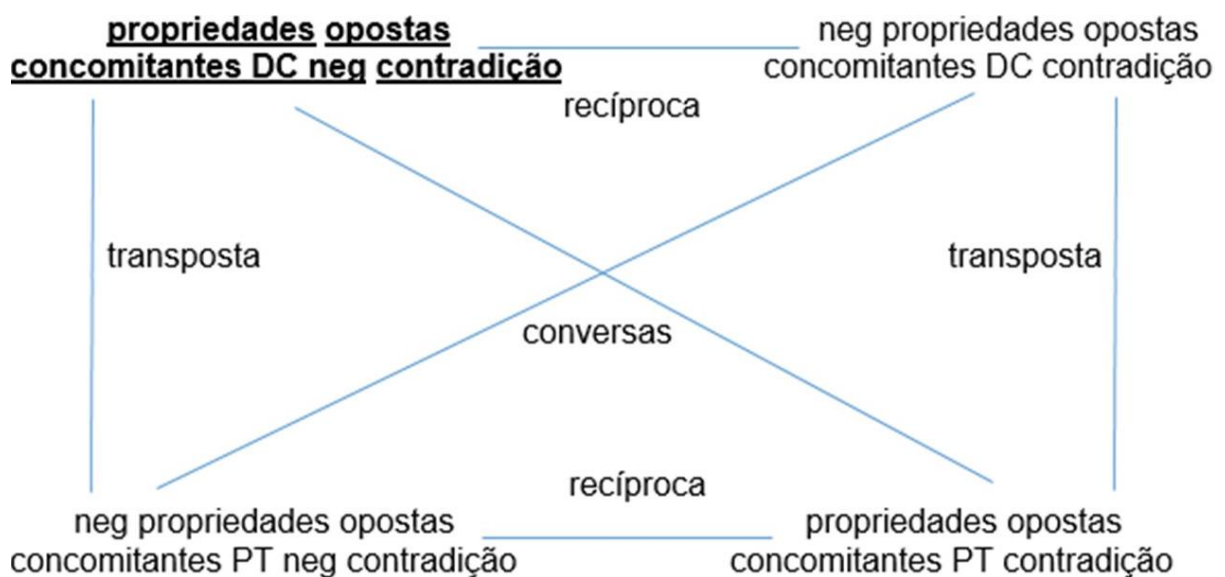


Figura 13 – Quadrado argumentativo criado pela análise de *Gita*.
Fonte: o autor.

A interdependência semântica do quadrado argumentativo acima aponta que a presença de propriedade opostas concomitante leva a uma não contradição, que é um paradoxo expresso pelo encadeamento *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição*. Verifica-se o paradoxo pela inversão do conector. Assim *propriedades opostas concomitantes PT neg contradição* não é um paradoxo, pois a

interdependência semântica mostra que as propriedades opostas concomitantes levam a uma contradição. Isso se verifica pela composição do quadrado argumentativo do encadeamento com o conector invertido:

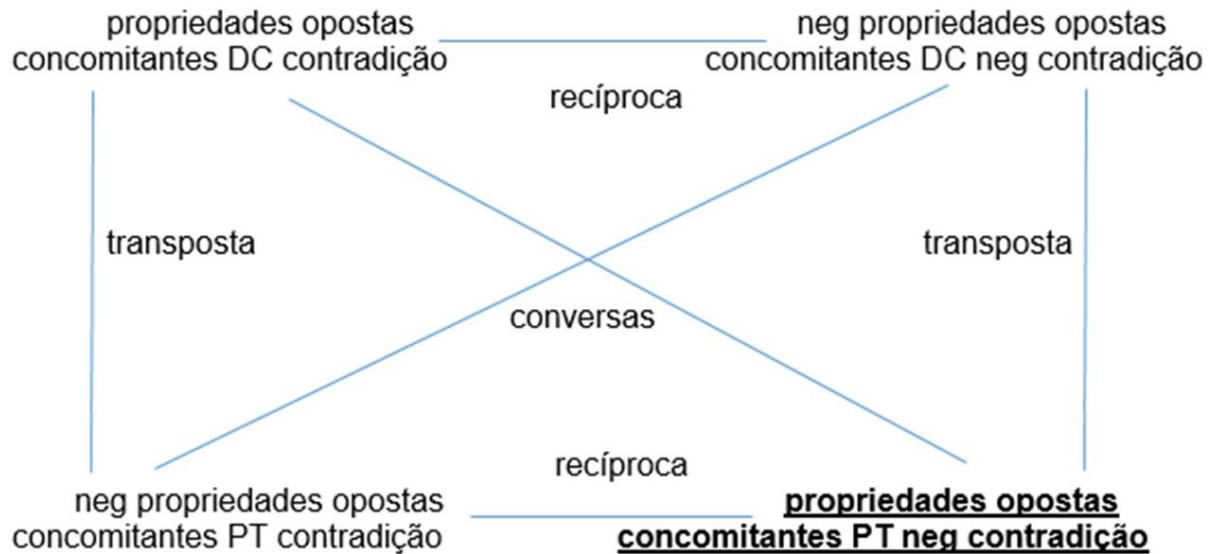


Figura 14 – Quadrado argumentativo do conector inverso de *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição*.

Fonte: o autor.

Dessa forma, observa-se que o encadeamento com o conector invertido é o aspecto converso de *propriedades opostas concomitantes DC contradição* que é doxal e encontra-se no bloco semântico oposto ao do encadeamento criado para expressar o ser diferenciado da canção. Assim, novamente, ocorre que a inversão do conector forma o aspecto converso do quadrado semântico argumentativo oposto, ou seja, verifica-se que o comportamento do paradoxo no quadrado argumentativo possui um comportamento padronizado.

Observa-se que o aspecto recíproco normativo do encadeamento *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição* também é um paradoxo, já que em *neg propriedades opostas concomitantes DC contradição* permanece a noção de que não existe contradição, mesmo que se tenham propriedades opostas concomitantes. Assim, constrói-se o sentido de que o ser diferenciado da música do cantor baiano precisa conter propriedades opostas ao mesmo tempo e não ser contraditório, logo se não houverem as propriedades assinaladas haverá contradição. Assim, permanece o sentido de que o referido ser precisa possuir propriedades opostas e não ser contraditório.

Quanto aos aspectos transposto e converso (*neg propriedades opostas concomitantes PT neg contradição* e *propriedades opostas concomitantes PT contradição*) não são paradoxos, pois, no primeiro caso, a não presença das propriedades não acarreta a contradição, e, no segundo caso a presença das propriedades ainda leva à contradição. Dessa feita, o sentido de que as propriedades precisam estar presentes e não haver contradição não é mantido nos aspectos referidos.

Novamente, observa-se que para o paradoxo ser mantido, é necessário que as *propriedades opostas concomitantes* estejam presentes na entidade linguística, da mesma forma que a *não contradição*. Caso uma das duas noções não esteja presente, não há que se falar de paradoxo, relativamente ao ser diferenciado da canção *Gita*.

Conforme demonstrado, o paradoxo, mais uma vez, é criado pela negação do segundo segmento e manutenção do conector e do primeiro segmento, pois *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição* é paradoxal, enquanto *propriedades opostas concomitantes DC contradição* é *doxal*. O simples acréscimo da negação no segundo segmento constituiu o paradoxo.

Nota-se, com os quadrados expostos até o momento que a relação recíproca normativa também forma um encadeamento paradoxal, tanto no BS1, como no caso de *sofrimento DC prazer* (relativo a *masoquista*), quanto no BS2, comprovado pelo encadeamento *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição*. Assim, pode-se entender que o aspecto normativo recíproco de um encadeamento paradoxal também será um paradoxo. Por outro lado, os aspectos transpostos e conversos não correspondem a paradoxos, pois o sentido de tais encadeamentos não é paradoxal.

Ainda, a inversão do conector, como apontado por Ducrot (2005, p. 82), constitui um encadeamento constante do bloco semântico oposto do encadeamento paradoxal, e referido bloco contém uma negação do segundo segmento do encadeamento origem. Explica-se. O encadeamento inicial, que serviu de base para a formulação do quadrado argumentativo, tanto no caso de *masoquista*, quanto no caso do ser diferenciado da canção (*sofrimento DC prazer* e *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição*) equivale ao aspecto converso do bloco oposto, aquele criado com a inversão do conector do encadeamento inicial.

Nota-se que o comportamento do quadrado argumentativo paradoxal, tanto para BS1 quanto para BS2, é o mesmo. Com isso, pode-se concluir que a relação de reciprocidade normativa é constituinte do paradoxo. Outro fato comprovado é que a inversão do conector leva o encadeamento para o bloco semântico oposto, que conta com a interdependência oposta. Por fim, notou-se que a inclusão de uma negação no segundo segmento do encadeamento acaba por constituir um paradoxo.

O próximo ponto da discussão dos resultados consiste em analisar o quadrado da entidade linguística *inveja boa*, que é originário de um encadeamento do BS2, situado em uma relação de reciprocidade transgressiva. Senão vejamos:

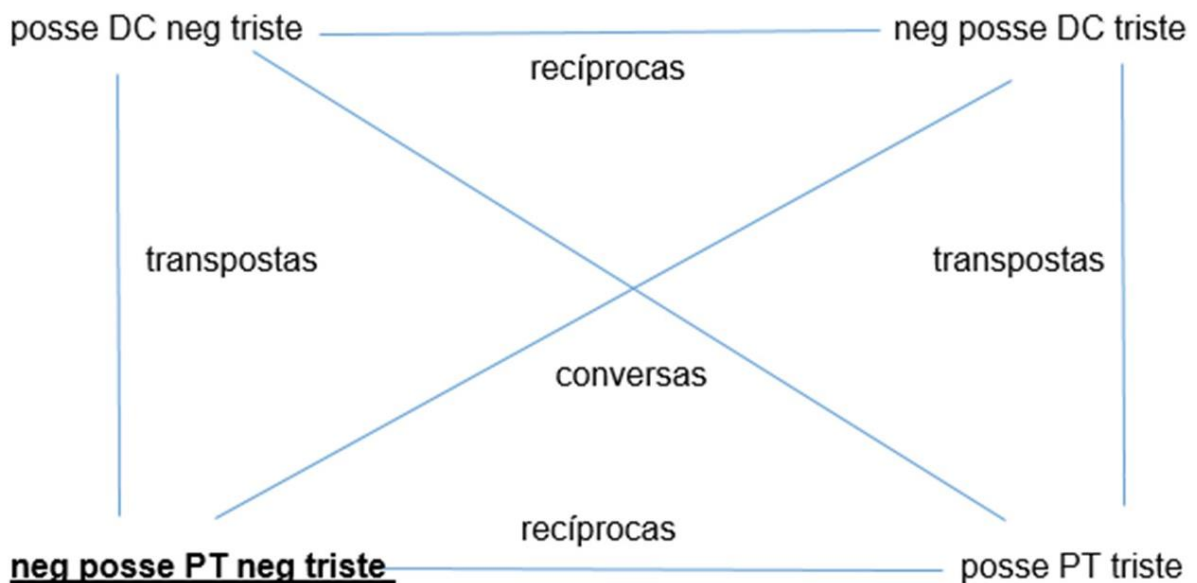


Figura 15 – Quadrado argumentativo de *inveja boa*.
Fonte: o autor.

Nota-se que o encadeamento-origem está situado no canto inferior esquerdo do quadrado argumentativo, e os dois encadeamentos-origem anteriormente estudados encontram-se no canto superior esquerdo. Primordialmente, observa-se que a relação de reciprocidade do encadeamento-origem ocorre com outro encadeamento transgressivo, por isso trata-se de uma relação de reciprocidade transgressiva.

No caso em estudo, a interdependência semântica aponta para o sentido de que a posse acarreta a negação da tristeza, conforme identificado através do aspecto transposto (*posse DC neg tristeza*). No encadeamento-origem mesmo sem a posse,

mantém-se a negação da tristeza, o que se configura como um paradoxo, pois a falta de posse, estruturalmente, levaria à tristeza.

Observe-se a relação de reciprocidade, que nesse caso será uma reciprocidade transgressiva, pois ambos encadeamentos possuem o conector transgressivo. O encadeamento recíproco do encadeamento-origem é *posse PT triste*, que expressa o sentido de que ainda que se tenha a posse a tristeza está presente. Obtém-se a posse, mas se está triste, logo o sentido de que a posse leva à não tristeza está presente. No caso do encadeamento-origem, não se tem a posse mas não se está triste, entende-se, então, que a posse levaria à tristeza, que é o sentido contrário da noção de que a posse acarreta a negação da tristeza, que, por sua vez, é o aspecto recíproco do encadeamento origem.

O aspecto recíproco do transposto do encadeamento-origem aponta *neg posse DC triste*, trazendo o sentido de que quando não se tem a posse, ocorre a tristeza, que é um sentido doxal, da mesma forma que seu recíproco. Por sua vez, o aspecto converso de *neg posse DC triste* é o encadeamento-origem, e o sentido por ele expresso aponta que não se tem a posse e, ainda assim, não se está triste, ou seja, é uma negação do sentido estrutural de *neg posse*, pois a falta da posse seria *DC triste*. No encadeamento-origem em estudo, a falta da posse levaria, estruturalmente, à tristeza, mas no caso específico isso não ocorreu, pois a *não posse* traz o sentido de que *mesmo assim não se está triste*. Dessa forma, a negação do sentido estrutural acaba por constituir o encadeamento como paradoxal.

Importante apontar que o aspecto recíproco do encadeamento-origem também é um paradoxo. Senão vejamos. Observa-se *posse PT triste*, logo alguém tem a posse mas está triste, ou seja, a posse e a tristeza ocorrem juntas, dessa forma também trata-se de um paradoxo, pois as referidas circunstâncias não ocorrem, estruturalmente, juntas, ou seja, o sentido estrutura de *posse* não é, usualmente, colocado em conjunto com o sentido estrutural de *triste*. Sendo assim, ambos apenas podem conviver em conjunto se o encadeamento expressar um sentido paradoxal.

Resta esclarecido que a reciprocidade transgressiva também constitui paradoxos, já que o encadeamento-origem e seu recíproco são paradoxos. A presença de ambas circunstâncias em um mesmo encadeamento, no caso do recíproco, ou ausência de ambas, como no encadeamento-origem, são constituintes de paradoxos, seja pela dupla presença, ou pela dupla ausência. Interessante notar,

ainda, que no caso do transposto *posse DC neg triste*, e do converso *neg posse DC triste*, não há que se falar em paradoxo, pois apenas uma das propriedades está presente em cada encadeamento. Assim, conclui-se, também, que a entidade linguística *inveja boa*, cujo encadeamento é paradoxal, tem o aspecto recíproco paradoxal, da mesma forma como ocorre na reciprocidade normativa.

Reitere-se que a inversão do conector de um encadeamento paradoxal deve corresponder a uma argumentação externa de um dos segmentos. Observe-se o quadrado argumentativo criado com a inversão do conector do encadeamento origem:

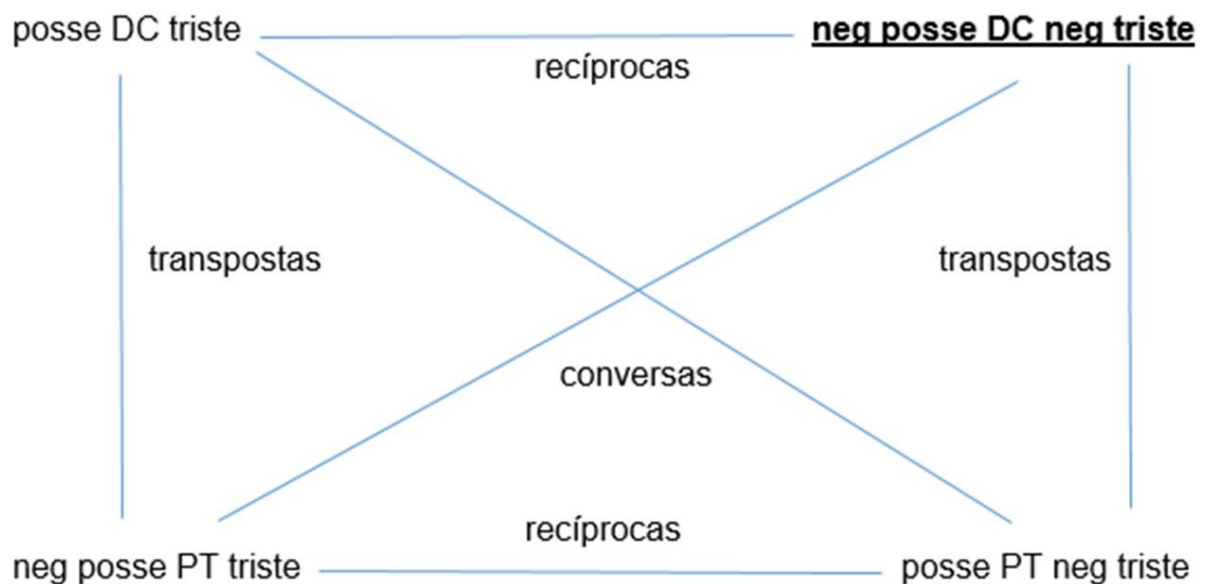


Figura 16 – Quadrado argumentativo do conector inverso de *neg posse PT neg triste*.
Fonte: o autor.

Nota-se que, nesse caso, a posse leva para a tristeza, ou seja, é o aspecto converso do quadrado argumentativo oposto. Identifica-se que o comportamento do quadrado argumentativo é semelhante ao do quadrado formulado com a utilização de um encadeamento paradoxal criado com o conector normativo, pois através da inversão do conector obtém-se o aspecto converso do encadeamento equivalente, no quadrado criado a partir do bloco oposto.

Com as análises prévias, desde o quadrado argumentativo criado a partir do encadeamento proposto por Ducrot para a entidade linguística *masoquista* até os quadrados argumentativos formulados com base nas duas análises desenvolvidas no presente trabalho, observou-se que a relação de reciprocidade normativa, ou seja, aquela entre dois encadeamentos que contêm o conector normativo, constitui

paradoxos, como observado em *sofrimento DC prazer e neg sofrimento DC neg prazer*, da mesma forma que em *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição e neg propriedades opostas concomitantes DC contradição*. Das duas relações demonstradas, nota-se que o paradoxo criado pela relação normativa de reciprocidade ocorre tanto no BS1, como no caso de *masoquista*, quanto no BS2, criado a partir do encadeamento que expressa o ser diferenciado da canção de Raul Seixas.

Da mesma forma, a relação de reciprocidade transgressiva, demonstrada com base no quadrado argumentativo de *inveja boa*, constrói um sentido paradoxal, pois *posse PT triste*, possui o sentido de que existe a posse, mas também a tristeza, e seu recíproco demonstra que não se tem a posse, mas também não se tem a tristeza. Cumpre informar que o paradoxo se constitui pela falta da posse combinada com a não tristeza, como deixa claro o encadeamento-origem *neg posse PT neg triste*. Novamente, frisa-se que o paradoxo é constituído pela relação desses dois elementos, e, caso um deles não esteja presente, não tratar-se-á de um paradoxo. A necessidade da presença dos dois elementos combinados também se verifica nos outros objetos estudados, pois o encadeamento paradoxal *sofrimento DC prazer* e o encadeamento *propriedades opostas concomitantes DC neg contradição* necessitam dos elementos representados em cada um dos segmentos, e esses elementos devem estar combinados. Caso não estejam, não se pode falar de paradoxo.

Por fim, frisa-se que os objetivos específicos foram atendidos, com as conclusões de que o quadrado argumentativo paradoxal possui um comportamento idêntico tanto no BS1 quanto no BS2. Ademais, a relação de reciprocidade normativa forma um sentido paradoxal, da mesma forma que a reciprocidade transgressiva.

Ainda se tratando dos quadrados argumentativos, ao longo das análises um fato chamou atenção: um quadrado iniciado por um encadeamento-origem paradoxal não possui apenas aspectos paradoxais, ou seja, as relações de sentido constituem tanto aspectos doxais quanto paradoxais dentro de um mesmo quadrado e, por consequência, dentro de um mesmo bloco semântico. Senão vejamos.

Inicia-se para entidade *masoquista*, objeto fundamental dos estudos do paradoxo. O encadeamento *sofrimento DC prazer* constitui o seguinte bloco:

sofrimento **DC** prazer
neg sofrimento **DC neg** prazer
neg sofrimento **PT** prazer
sofrimento **PT neg** prazer

Conforme mencionado anteriormente, o aspecto recíproco forma um paradoxo, assim os dois primeiros encadeamentos do bloco semântico de *masoquista* são paradoxais, tanto pela presença (encadeamento-origem), quanto pela ausência (recíproco) conjunta dos elementos *sofrimento* e *prazer*. Assim, pode-se dizer que o paradoxo é constituído pela presença dos dois elementos ou pela ausência de ambos. Nota-se que no encadeamento transposto (*neg sofrimento PT prazer*), apenas o *prazer* está presente, assim não se trata de um paradoxo. O mesmo ocorre no encadeamento converso, pois apenas o *sofrimento* ocorre. O sentido do aspecto transposto demonstra que, mesmo sem o sofrimento, se tem prazer, ou seja, não se trata de um masoquista, e o aspecto converso deixa claro que o sofrimento pode ocorrer sem o prazer, logo também não se trata de um masoquista. Não restam dúvidas de que estes dois últimos encadeamentos possuem um sentido doxal, e ocorrem dentro do mesmo bloco semântico de uma entidade linguística paradoxal, situado no BS1. Observam-se, a seguir, os resultados da análise da canção de Raul Seixas, que deu origem a um encadeamento paradoxal situado no BS2. Reitere-se o bloco semântico construído através do sentido linguístico expresso pela música:

propriedades opostas concomitantes **DC neg** contradição
neg propriedades opostas concomitantes **DC** contradição
neg propriedades opostas concomitantes **PT neg** contradição
propriedades opostas concomitantes **PT** contradição

O encadeamento-origem expressa o sentido de que, mesmo com propriedades contrárias ocorrendo em conjunto, não existe a contradição. Aponta-se que os elementos que necessariamente precisam estar presentes para a constituição do paradoxo são as *propriedades opostas concomitantes* e a *não contradição*, ou seja, apenas um dos segmentos possui uma partícula negativa. Assim, o aspecto recíproco também forma um paradoxo, pois a negação ocorre relacionada apenas com as

propriedades opostas concomitantes. Observa-se que o aspecto transposto (*neg propriedades opostas concomitantes PT neg contradição*) representa o sentido de que as referidas propriedades não ocorrem, mas a contradição também não, logo não se trata de um paradoxo, pois caso as propriedades contrárias ocorressem a contradição deveria estar presente, como ocorre no encadeamento recíproco do encadeamento-origem. Já o converso (*propriedades opostas concomitantes PT contradição*) aponta que as propriedades estão presentes, mas a contradição também, assim, novamente não se trata de um paradoxo, uma vez que caso as propriedades estivessem presentes não deveria ocorrer a contradição, como demonstra o encadeamento-origem. Dessa feita, o aspecto converso é doxal.

Foi demonstrada a semelhança entre o BS1 e o BS2, pelo fato de que os encadeamentos-origem e seus recíprocos são paradoxais, mas os conversos e os transpostos não. Passa-se para o bloco semântico que foi iniciado por um encadeamento transgressivo:

neg posse **PT** **neg** triste
 posse **PT** triste
 posse **DC** **neg** triste
neg posse **DC** triste

Tal bloco tem em seu encadeamento-origem uma transgressão, ou seja, a constituição com a utilização do conector transgressivo. O sentido expresso demonstra que a posse não ocorre, mas a tristeza também não. Frisa-se que a negação de ambos elementos constituiu o paradoxo, sendo assim, é necessário que ambos estejam presentes em conjunto, ou ambos não estejam, como ocorre no aspecto recíproco (*posse PT triste*), em que existe a posse, mas também existe a tristeza. O aspecto transposto (*posse DC neg triste*), por sua vez, apresenta a *posse*, mas não a *tristeza*, logo não é um paradoxo, pela presença da *posse*. O caso em que *posse* forma um paradoxo ocorre quando é seguida pela tristeza, como no aspecto recíproco do encadeamento-origem, o que não ocorre no encadeamento transposto. Também não é paradoxal o encadeamento converso (*neg posse DC triste*), pois não está presente a *posse*, mas a *tristeza* sim. Para que a falta de posse forme um paradoxo, é necessária a negação da tristeza, conforme ocorre no encadeamento-origem. Resta esclarecido que a posse e a tristeza, apenas formam paradoxos quando

estão presentes ou ambas ausentes. A presença de uma e a ausência de outra acarreta um sentido doxal.

Nos blocos semânticos apresentados, e seus referidos quadrados argumentativos, nota-se que um encadeamento-origem paradoxal tem o aspecto recíproco paradoxal, tanto no BS1 ou no BS2. Também se percebe que recíproco paradoxal ocorre tanto na reciprocidade normativa quanto na transgressiva. Por outro lado, os aspectos transpostos e os conversos constituem sentidos doxais. Assim, é correto afirmar que uma mesma interdependência semântica possui aspectos doxais e paradoxais.

Cumpramos ressaltar que foram estudados os dois blocos existentes, bem como as duas relações de reciprocidade e, assim, os resultados foram satisfatórios para demonstrar as conclusões que serão explicitadas a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo seguinte, serão apresentadas as considerações finais sobre a tese. Frisa-se que o objetivo principal do presente trabalho foi o quadrado argumentativo paradoxal, ou seja, o quadrado que é formulado a partir de um encadeamento paradoxal. Para tanto, foi criado o quadrado argumentativo de um encadeamento-origem apresentado por Ducrot (2005, p,82), bem como outros dois quadrados formulados com base nas análises apresentadas no capítulo anterior. Observa-se, previamente à discussão dos resultados, a importância dos autores estudados ao longo da fundamentação teórica.

Os fundamentos saussurianos foram importantes para o trabalho, devido ao fato de que a noção de valor linguístico está muito presente nos paradoxos, pois o sentido paradoxal é construído pela relação linguística dos itens lexicais. Dessa forma, não há dúvidas de que a relação é fator fundamental para a língua, e, conseqüentemente, para o paradoxo linguístico. Sem a noção de relação não seria possível a combinação de palavras para a formação de novos sentidos. Nessa esteira, a noção de valor linguístico também se faz fundamental, pois é através dele que se compreende o sentido de uma palavra, possibilitando sua continuação no discurso. Fundamental, ainda, ressaltar que o sentido é construído a partir das relações das palavras, cada qual com seu devido valor linguístico.

A análise dos dicionários, feita na introdução da presente tese, demonstrou que o sentido do termo “paradoxo”, em diferentes línguas possui, pouca variação, pois observou-se que o referido termo apresenta definições que carregam a noção de contraditório, bem como a presença de qualidades opostas dentro de uma mesma entidade. Assim, o valor do termo em debate é aquele dado pela comunidade linguística em que se está inserido. Interessante notar que foram utilizados dicionários de diferentes línguas, e as definições tiveram pouca variação. Assim sendo, é correto concluir que o paradoxo está presente em diversas culturas, diferentes línguas e seu valor contém sentidos semelhantes entre as línguas.

Através dos estudos de Benveniste, foi possível observar que as palavras possuem uma parte vazia em seu interior. É esse vazio que permite que os signos se relacionem formando o sentido que o locutor deseja expressar, no caso do paradoxo

contextual estudado (Gita). Quanto à parte vazia nos paradoxos estruturais, ou seja, aqueles construídos pelo sentido contido na língua, observou-se que as argumentações externas à direita se inseriam nessa referida parte vazia. Assim, a construção do sentido respeitava as limitações impostas pelo primeiro segmento. Reitera-se que os escritos de Benveniste apontam para um vazio referente apenas aos dêiticos, e na presente tese, utilizou-se essa noção para apontar que todas as palavras da língua possuem uma parte vazia, que permite que as continuações sejam produzidas, construindo o sentido pretendido pelo locutor. Cumpre reiterar que o vazio descrito por Benveniste trata dos dêiticos, e, baseando-se nesses estudos, a presente tese utilizou a base teórica para demonstrar que as palavras, de modo geral, possuem uma parte vazia, que permite que esta combine-se com outra palavra. Logo, pode-se afirmar que os significados se relacionam, formando o sentido do discurso.

Sobre os fundamentos de Ducrot e Carel, afirma-se, novamente, que a argumentação está contida na língua, ou seja, o sentido é constituído pelo linguístico. Assim, o estudo dos objetos selecionados, foi feito através do que está linguisticamente contido neles, ou seja, buscou-se fundamentar as conclusões em hipóteses fundamentalmente linguísticas, sem a interferência de sentidos externos ao linguístico. Fundamental, ainda, apontar que a orientação linguística foi muito importante para as reflexões aqui propostas. A análise dos objetos utilizando as concepções da Teoria dos Blocos Semânticos possibilitou um entendimento linguisticamente aprofundado dos objetos estudados, assim, o sentido construído pelo linguístico restou devidamente evidenciado. A construção de encadeamentos mostrou a forma como a escolha de palavras e expressões orienta para as argumentações externas, construindo, então, o sentido.

Sobre o quadrado argumentativo e o paradoxo, observou-se que apenas a relação recíproca mantém a noção de paradoxo dentro do quadrado, e as relações transpostas e conversas não. Isso ficou claro quando foi estudada a entidade *masoquista* dentro do quadrado, pois sua argumentação interna *sofrimento DC prazer*, é paradoxal, bem como a relação recíproca *neg sofrimento DC neg prazer*, contudo *neg sofrimento PT prazer* (transposto) e *sofrimento PT neg prazer* (converso) não constituem paradoxos, pois não constará no segmento uma das duas características (sofrimento ou prazer), assim, pode-se afirmar que o paradoxo precisa das duas características.

O mesmo foi observado com a análise da canção *Gita* e de *Inveja Boa*, nome de uma cor de esmalte. Na música de Raul Seixas o encadeamento-origem é um paradoxo (*propriedades opostas concomitantes DC neg contradição*), bem como seu aspecto recíproco (*neg propriedades opostas concomitantes DC contradição*). Assim, obteve-se o mesmo resultado do quadrado argumentativo do item *masoquista*, mostrando que a relação de reciprocidade normativa constitui paradoxo. Ademais, frisa-se que o quadrado construído com base em *Gita* é o BS2, pois o encadeamento-origem é *A DC neg B*, e o quadrado de *masoquista* é o BS1, pois o encadeamento é *A DC B*. Logo, conclui-se que a relação de reciprocidade normativa, ou seja, aquela constituída entre dois encadeamentos com conector normativo, forma paradoxos, tanto no BS1 quanto no BS2.

Outrossim, a análise de *inveja boa* apresentou dados também interessantíssimos para os estudos propostos. Senão vejamos. O encadeamento-origem (*neg posse PT neg triste*) está situado no BS2, e a relação de reciprocidade é transgressiva, pois tanto o encadeamento-origem quando seu recíproco (*posse PT triste*) contém o conector transgressivo. Conforme demonstrado no capítulo anterior, esta relação de reciprocidade também apresenta dois encadeamentos paradoxais. Assim, conclui-se que a reciprocidade transgressiva também constrói paradoxos.

Pode-se concluir, também, que o quadrado argumentativo paradoxal possui um comportamento idêntico tanto quando constituído através do BS1 quanto do BS2, como foi demonstrado pela inversão do conector. Essa inversão buscou comprovar que o encadeamento-origem era paradoxal, pois com a troca de conector o encadeamento deveria se tornar doxal, e, por consequência, estar situado no bloco semântico oposto, que foi o que ocorreu.

Ainda sobre o quadrado paradoxal, cumpre referir que dentro da mesma interdependência semântica podem ser constituídos encadeamentos paradoxais (recíprocos) e doxais (conversos e transpostos), o que deixa claro que o paradoxo está presente em apenas metade dos encadeamentos. Dessa forma, pode-se entender que um quadrado argumentativo iniciado por um encadeamento-origem paradoxal, seja no BS1 ou no BS2, terá apenas o aspecto recíproco, normativo ou transgressivo, como também paradoxal.

Ademais, observa-se que o paradoxo pode ser entendido como algo que contém em seu âmago sentidos que são contraditórios, e tais sentidos ocorrem

simultaneamente. O que pôde ser observado tanto pela apresentação dos dicionários quanto pelos objetos estudados, em que os encadeamentos possuíam propriedade que comumente não estariam em conjunto, mas devido à parte vazia constante em seus interiores, foi possível combinar com sentidos opostos construindo o paradoxo.

Especificando, o que foi dito acima. O paradoxo de Ducrot e Carel, fonte primária dos estudos desde Borges (2011), é fundamentado pela língua. Assim sendo, os sentidos paradoxais decorrem da própria estrutura da língua. Já o paradoxo contextual baseia-se na noção de que o discurso é capaz de construir sentidos paradoxais, que não são primordialmente previstos na língua, ou seja, um sentido paradoxal pode ser compreendido através do contexto de um discurso, como no caso das entidades linguísticas estudadas na dissertação, da mesma forma como foi demonstrado na presente tese, em que se notou o paradoxo discursivo através da análise de *Gita*, pois a entidade diferenciada teve seu sentido construído ao longo da música como um todo, ou seja: apenas com a análise do contexto linguístico da canção foi possível criar o encadeamento-origem, que é paradoxal.

Cabe nesse momento ressaltar a importância do encadeamento-origem. Tal encadeamento é encontrado através da análise de um determinado objeto, seja uma palavra, sintagma ou discurso e é através dele que se torna possível a construção do bloco semântico, a compreensão da interdependência semântica, bem como a formulação do quadrado argumentativo. Ademais, apenas através da identificação de um encadeamento-origem foi possível analisar, especificamente, as relações pertinentes dentro do quadrado argumentativo. Assim, foi observado que a canção *Gita* cria um encadeamento cuja relação de reciprocidade é normativa, enquanto *inveja boa* constituiu um encadeamento no qual a reciprocidade é transgressiva.

Ante o exposto, define-se que o paradoxo de Ducrot contém a negação de um encadeamento estruturalmente esperado, ou seja, o segundo encadeamento é a negação de uma argumentação externa estruturalmente prevista do primeiro encadeamento. Algo semelhante ocorre com o paradoxo discursivo, pois a negação também é encontrada como constituinte. Contudo, ao invés de negar uma estrutura prevista na língua, nega-se um sentido construído no discurso. Ambas as formas de paradoxo discutidas na presente tese apresentam a relação de reciprocidade como também constituinte de paradoxos.

Com base no encadeamento criado por Ducrot (*sofrimento DC prazer*) e nos encadeamentos que correspondem à canção *Gita* e à *inveja boa*, é correto concluir que um encadeamento paradoxal forma um aspecto recíproco paradoxal, mas aspectos conversos e transpostos doxais.

Por fim, cumpre ressaltar que as análises demonstraram que a construção do sentido é somente linguística, ou seja, nenhuma informação foi necessária além daquela expressa pela própria língua. Logo, conclui-se que o sentido é expresso através do linguístico. Também é correto afirmar que o quadrado argumentativo, formalização dos blocos semânticos, decorre diretamente dos estudos de Ducrot, que tratou de demonstrar que a língua possui um sentido compreensível através de segmentos ligados por um conector, normativo ou transgressivo. Ademais, a relação dos segmentos com o conector demonstra que a língua possui sentidos construídos através de relações, o que pode ser remetido diretamente a Saussure, que apontou que o signo linguístico é um conjunto de significado e significante, bem como demonstrou que o valor linguístico é fundamental para a língua e sua compreensão. Ainda, frisa-se que as palavras possuem uma parte vazia, que espera ser preenchida pelo locutor para formar o sentido desejado. Conclui-se que os paradoxos, que também possuem referida parte vazia, se formam com a relação de um sentido, na parte vazia da palavra, que seja oposto ao sentido já preenchido, ou seja, insere-se na parte vazia um sentido contrário, constituindo-se o paradoxo. Restou demonstrado que os quadrados argumentativos são fundamentais para os estudos linguísticos, bem como foi esclarecido que o paradoxo possui relações de reciprocidade também paradoxais, enquanto a transposição e a conversão formam aspectos doxais.

Conforme explicitado anteriormente, Ducrot aponta que o valor argumentativo de uma palavra é a orientação que ela fornece ao discurso (Ducrot, 1988, p. 51). Ao transpor-se tal afirmativa para os estudos sobre o paradoxo, pode-se entender que o valor argumentativo do paradoxo é a orientação que este dá ao discurso. Ademais, como visto ao longo dos apontamentos sobre o paradoxo, um encadeamento paradoxal é constituído por sentidos opostos e que convivem em concomitância, o que acaba por formular uma orientação cruzada, ou seja, cada segmento do encadeamento orienta para uma direção, causando uma orientação que será compreendida através do estudo do paradoxo em um discurso. Sendo assim, é indubitável a importância do estudo sobre o contexto linguístico dos paradoxos.

Referências

ABBAGNANA, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. II Volume G-Z. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al., Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Da subjetividade da linguagem. In BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri, Revisão do Professor Isaac Nicolau Salum. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2005.

_____. O aparelho formal da enunciação. In BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al., Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2006.

BORGES, João Henrique Casara Borges. **A construção do sentido em Pão de cada dia de Gabriel, o Pensador à luz da Teoria dos Blocos Semânticos**. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. **A presença do paradoxo no uso da linguagem: uma abordagem utilizando a Teoria dos Blocos Semânticos**. 103 p. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CAREL, Marion. *Tu serás um homem, meu filho* Um prolongamento da doxa: o paradoxo. **Desenredo**. Passo Fundo, volume 9, número 2, páginas 254 - 270, 2013.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. As propriedades linguísticas do paradoxo: paradoxo e negação. In: **Língua e Instrumentos linguísticos**. Pontes: Julho/Dezembro 2001. Número 8. Tradução: Sheila Elias de Oliveira

_____. O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa. In: **Língua e Instrumentos linguísticos**. Pontes: Julho/Dezembro 2001. Número 8. Tradução: Sheila Elias de Oliveira

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, volume 43, número 1, páginas 7-18, janeiro/março de 2008. Tradução: Leci Borges Barbisan.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. In **Letras de Hoje**, Porto Alegre, volume 44, número 1, páginas 20-25, janeiro/março de 2009.

_____. Argumentación interna y argumentación externa. Conferencia 3. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 edición. Buenos Aires: Colihue, 2005. Páginas 51 - 85.

_____. Enunciação. In **Enciclopédia Einaudi**. Volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. Páginas 386-393.

_____. Introducción – conferencia 1. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005. Páginas. 9 - 22.

_____. La polifonía en lingüística In: DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación. Conferencias del seminario teoría de la argumentacion y analisis del discurso**. 1 edición. Cali: Universidad del Valle, 1988. Páginas 15 - 30.

_____. Los bloques semánticos y el cuadrado argumentativo – conferência 2. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semantica argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 edición. Buenos Aires: Colihue, 2005. Páginas 27 - 47.

_____. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

GRÉGIS, Rosi Ana. O paradoxo na Teoria da Argumentação na Língua: uma questão lingüístico-argumentativa. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, volume 31, número 2, Páginas 195-204, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

MACMILLAN. **Macmillan English Dictionary for Advanced Learners**. Bloomsbury Publishing, 2002.

NEGRONI, Maria Marta Garcia. **Argumentación y sentido. Una aproximación a la semántica argumentativa (De la teoría de los topoi a la teoría de los bloques semánticos)**. Curso ministrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. De 2 a 4 de Junho de 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: www.feevale.br/editora. Acesso em: 08 de outubro de 2015.

ROBERT, Paul. **Le Petit Robert**. Paris: SEJER, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. 27 ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoró Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012.